



Dorisa Maria Fernandes Aguiar

A Reforma Protestante: O Luteranismo. Exploração Didática em Contexto de Sala de Aula

Relatório Final no âmbito do Mestrado em Ensino de História no 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário, orientado pela Professora Doutora Ana Isabel Ribeiro e pela Professora Doutora Sara Trindade, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

2017



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Faculdade de Letras

A Reforma Protestante: O Luteranismo. Exploração Didática em Contexto de Sala de Aula

Ficha Técnica:

Tipo de trabalho	Relatório de estágio
Título	A Reforma Protestante: O Luteranismo. Exploração em contexto de Sala de Aula
Autora	Dorisa Maria Fernandes Aguiar
Orientadora	Doutora Ana Isabel Sacramento Sampaio Ribeiro
Orientadora	Doutora Sara Marisa da Graça Dias do Carmo Trindade
Júri	Presidente: Doutora Adélia de Jesus Nobre Nunes Vogais: 1. Doutora Maria do Rosário Barbosa Morujão 2. Doutora Ana Isabel Sacramento Sampaio Ribeiro
Identificação do Curso	Mestrado de Ensino em História no 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário
Área científica	História
Especialidade/Ramo	Formação de Professores
Data da defesa	31-10-2017
Classificação	14 Valores



Índice

Introdução.....	9
Capítulo I- Relatório de atividades pedagógicas e percurso formativo.....	12
1. Contexto socioeducativo	13
1.1. A Escola.....	13
1.2. Caracterização das turmas afetas	14
1.2.1. Turma 8°X	14
1.2.2. Turma 8°Y.....	16
1.3. Trabalho desenvolvido no Colégio.....	17
1.4. Reflexão sobre a Prática Pedagógica Supervisionada.....	20
Capítulo II - Desenvolvimento Científico de uma temática histórica: Martinho Lutero e o nascimento do Luteranismo	23
2. Crise da Igreja	24
2.1. Do Cativo de Avinhão à Crise do Ocidente.....	24
2.2. Comportamentos do Clero e do Papa	25
2.3. Ineficácia dos concílios	26
2.4. Os primeiros críticos.....	27
3. Martinho Lutero	29
3.1. Infância	29
3.2. Formação Escolar	30
3.3. A vida no Convento e a ordenação sacerdotal	32
3.4. O percurso na Universidade de Wittenberg e a missão a Roma	34
3.5. Regresso a Wittenberg.....	35
4. O ano de mudança: 1517.....	36
4.1. As condições políticas na Alemanha do século XVI	37
4.2. O comércio das Indulgências.....	39
4.3. As 95 teses	41

4.4. Reação da Igreja à afixação das 95 teses	44
4.4.1. A Controvérsia Heildelberg.....	44
4.5. A sentença de Lutero	45
4.5.1. A Posição do Imperador.....	46
4.5.2. Da Dieta de Worms à Dieta de Augsburgo.....	47
5. A Doutrina da Igreja Luterana.....	50
Capítulo III- Desenvolvimento pedagógico da temática histórica: Martinho Lutero e o nascimento do Luteranismo	55
6. Descrição da Proposta Pedagógica de História	56
6.1. Objetivos da Proposta Pedagógica	73
7. Importância do estudo da História	74
7.1. Noções que os alunos detêm da História	76
7.2. Problemas que a disciplina enfrenta	77
7.3. Soluções para inverter este quadro	80
7.3.1. O uso do cinema como ferramenta didática.....	80
7.3.2. Etapas de utilização e exploração do filme na sala de aula	85
8. Exploração de documentos escritos e iconográficos do manual	87
9. Uso de Esquemas conceptuais no ensino de História	90
Considerações Finais.....	93
Referências Bibliográficas.....	95
Anexos	104

Índice de Ilustrações

Documentos

Documento 1- Críticas à atuação da Igreja	56
Documento 2- O Papel Inovador de Wycliff	58
Documento 3- Afixação das 95 Teses contra às indulgências, em 1517.	61
Documento 4- As 95 teses contra as Indulgências (1517).....	62
Documento 5- A condenação de Lutero pela Santa Sé.....	64
Documento 6- Lutero queima publicamente os livros de direito canônico e a bula de excomunhão, 1557	65
Documento 7- Resposta do Imperador Carlos V a Lutero.....	66
Documento 8-O Peso da Bíblia, gravura da Propaganda do Protestantismo, 1562.	68
Documento 9- Templo Luterano (pintura de 1561)	68
Documento 10- O luxo da Igreja.....	70
Documento 11- Templo da Igreja Protestante (1561)	71
Documento 12- A Divisão religiosa da Cristandade no século XVI.....	72
Documento 13- Passado/Presente- O Cristianismo na Atualidade	73

Esquemas

Esquema 1- Razões que desencadearam a crise da Igreja Católica.....	59
Esquema 2- Princípios da Igreja Católica.....	67
Esquema 3- Pilares da Igreja Luterana.....	69

Cronologia

Cronologia 1- Ação de Martinho Lutero	60
---	----

Quadro

Quadro 1- Diferenças da Igreja Católica e Luterana.....	70
---	----

Resumo

Este relatório de estágio incide sobre a descrição das atividades desenvolvidas ao longo de um ano de Prática Pedagógica Supervisionada desenvolvido no Colégio Bissaya Barreto. Na primeira parte deste relatório é apresentada uma caracterização do estágio pedagógico, contendo uma descrição das turmas afetadas, das atividades desenvolvidas ao longo do Seminário Pedagógico de História neste ano letivo de 2016/2017, e por fim será desenvolvida uma reflexão sobre esta experiência. Numa segunda parte, é desenvolvida a temática “Reforma Protestante: O Luteranismo”, na qual são descritos os fatores que contribuíram para a necessidade de uma Reforma no seio da Igreja Católica. De seguida é descrita a ação de Martinho Lutero e o seu movimento de protesto que culminou na afixação das 95 teses contra as indulgências. Após este acontecimento pretendo explorar o caminho seguido por este teólogo até ao surgimento da Igreja Luterana. Na última parte é exposta uma proposta de aula onde são apresentadas várias estratégias para a exploração dos conteúdos temáticos expressos na componente científica (na segunda parte).

Palavras-Chave: Utilização pedagógica de filmes; Utilização pedagógica de documentos escritos, Luteranismo.

Abstract

This internship report focuses on the description of the activities developed over a year of supervised Pedagogical Practice that took place at Colégio Bissaya Barreto. The first part of this report consists of a characterization of the pedagogical internship, presenting a description of the classes involved, the activities developed during the Pedagogy Seminar of History in this school year 2016/2017, and at last a reflection essay on this experience. In a second part, the theme "Protestant Reformation: Lutheranism", which describes the factors that contributed to the need for a Reformation within the Catholic Church, is developed. The action of Martin Luther and his protest movement culminating in the display of the 95 theses against indulgences are described in the text that follows. After explored the path followed by Lutero until the emergence of the Lutheran Church. In the last part is presented a proposal for a lesson plan where several strategies are presented for the exploration of the thematic contents.

Keywords: Pedagogical use of films; Pedagogical use of written documents, Lutheranism.

Agradecimentos

Ao fim de um ano de estágio pedagógico resta-me agradecer a todos aqueles que me acompanharam ao longo deste ano e ainda a todos os outros que tornaram possível este projeto.

Primeiro quero gratular os meus pais, minha irmã e restantes familiares, pelo carinho e apoio concedido ao longo do meu percurso académico, por me terem proporcionado a oportunidade de progredir na minha formação.

Também queria deixar umas palavras de carinho e de agradecimento à professora Joana Damasceno pela sua dedicação e orientação ao longo deste estágio. Assim como a todos os docentes e funcionários do Colégio Bissaya Barreto pela sua colaboração e acolhimento evidenciado desde o primeiro dia que chegamos ao Colégio.

O meu agradecimento também é norteado às professoras Ana Isabel Ribeiro e Sara Trindade, por toda a ajuda prestada ao longo destes anos académicos, e principalmente neste ano por toda a disponibilidade e apoio no esclarecimento de dúvidas e na elaboração deste relatório.

Aos meus colegas de estágio, Leandro Correia e Ricardo Almeida, que partilharam este primeiro ano de experiência docente, agradeço-lhes a paciência, a interajuda, o convívio que geraram contribuindo para um ambiente de aprendizagem único.

É também de destacar o sustentáculo dado por muitos dos meus amigos, que sem o seu estímulo as conquistas obtidas não teriam o mesmo significado, a todos eles o meu muito obrigado, serão sempre lembrados como pessoas muito especiais.

O meu último agradecimento é dirigido a todos os alunos do Colégio Bissaya Barreto, mas principalmente às turmas onde lecionei aulas pela sua colaboração, empenho e serão sempre recordados com muito carinho ao longo do meu percurso.

Introdução

Neste relatório é desenvolvido um tema presente no programa de História e metas curriculares do 8º ano de escolaridade. Deste modo, o tema proposto é “A Reforma Protestante: O Luteranismo. Aplicação Didática em Contexto de Sala de Aula”.

As razões que motivaram a escolha desta temática podem ser entendidas pelo gosto particular pela temática estudada em anos anteriores, predominado a vantagem de ser, como referimos, um dos temas existentes no programa de História do 8º ano, sendo este o ano de escolaridade no qual mais desenvolvemos a prática pedagógica.

Os objetivos deste relatório passam por descrever as atividades desenvolvidas ao longo de um ano de estágio pedagógico, apresentando o desenvolvimento de um tema científico do programa de 8º ano e a transposição didática do mesmo.

Relativamente à estrutura do trabalho, é possível verificar a divisão do mesmo em três partes:

A primeira parte é constituída pela caracterização da escola, por uma descrição das turmas afetadas e ainda a enumeração das atividades desenvolvidas durante o período de estágio. Por fim, é exibida uma reflexão sobre este ano de Prática Pedagógica Supervisionada, onde são expressas as dificuldades, a supressão das mesmas, e as competências adquiridas.

Na segunda parte, é apresentada o aprofundamento científico do tema escolhido, na qual desenvolvo o ambiente de descrença existente no mundo religioso desde finais do século XIV, e agravado até ao século XVI. Nesta segunda parte também é explicada a falta de vocação e a presença de um Clero pouco instruído, preocupado em adquirir luxos e riquezas ao invés de guiar os fiéis. Igualmente será mencionada a ineficácia de vários Concílios realizados anteriormente, que foram incapazes de resolver os problemas que pairavam no mundo clerical. Por fim, é imprescindível reconhecer a importância dos Humanistas, homens cujas críticas à sociedade atingiram também o mundo clerical. Além dos Humanistas, os designados hereges também se destacaram nas suas pregações, nas quais deram a conhecer os comportamentos do Papa, do Clero e os seus desvios. Alguns hereges não tiveram um destino fácil, acabando por morrer pelos ideais defendidos, sendo silenciados pela Igreja Católica.

Mas, um monge da Ordem dos Agostinhos não poupou críticas à conduta do Clero, expondo os seus comportamentos. A fim de clarificar e dar a conhecer ao leitor quem foi Martinho Lutero, será traçada a sua biografia, na qual será feita referência à sua infância, o percurso escolar, as razões que contribuíram para o abandono do curso de Direito e o seu ingresso num convento.

Para perceber todo o cenário que levou à Reforma Protestante é fundamental analisar a passagem de Martinho Lutero pelo convento até ao momento em que manifesta a sua revolta, afixando a 31 de outubro de 1517, as 95 teses contra as indulgências. Neste domínio, é necessário clarificar o uso das indulgências pelo Papa. Após a afixação das 95 teses será analisado todo o caminho percorrido por Lutero até à criação da Igreja Luterana.

Na última e terceira parte deste relatório é desenvolvida uma proposta pedagógica. Nesta parte do trabalho será apresentado o tipo de aula, os materiais e as estratégias a implementar, propondo meios para a sua exploração. Ainda nesta parte procurar-se-á explicar a importância do estudo da História, apresentando aspetos motivadores a fim de entusiasmar os estudantes pelo gosto pela disciplina, mediante o uso de meios audiovisuais, tendo como exemplo a utilização do filme de ficção. Neste capítulo ainda destacarei a relevância dos documentos escritos existentes no manual, uma vez que são alguns dos materiais selecionados para a proposta pedagógica desenvolvida. Para além da explicação do valor e da importância da utilização de documentos escritos, também refiro as potencialidades do uso de esquemas conceptuais no ensino da História.

Para a realização deste estudo foram necessários vários métodos para a recolha dos dados apresentados, bem como da informação existente. Assim, relativamente ao primeiro capítulo alusivo à descrição das turmas afetadas, a informação foi obtida junto das Diretoras de Turma.

Relativamente ao segundo capítulo, foram aplicadas algumas destrezas adquiridas ao longo destes anos académicos. Inicialmente, procedi à recolha de referências bibliográficas sobre o tema escolhido para este estudo e, com base nas leituras realizadas, procedi a uma síntese das mesmas, traçando uma ligação coerente das razões que contribuíram para o abalo da estrutura da Igreja que predominou por séculos até o momento da criação da Igreja Luterana.

Tendo por base os conteúdos desenvolvidos na componente científica, o último capítulo destina-se à apresentação de uma proposta pedagógica, na qual exponho um conjunto de estratégias para a exploração desta temática. As estratégias desenvolvidas para a lecionação desta aula foram adquiridas no decurso deste Mestrado de Ensino, sendo aperfeiçoadas e desenvolvidas durante o Estágio Pedagógico.

Capítulo I- Relatório de atividades pedagógicas e percurso formativo

I. Contexto socioeducativo

I.1. A Escola

A escola onde desenvolvi a minha experiência pedagógica foi o Colégio Bissaya Barreto. Este colégio localiza-se em Bencanta, na freguesia de São Martinho do Bispo, pertencente ao concelho de Coimbra, encontrando-se enquadrado na Fundação Bissaya Barreto. É um estabelecimento de ensino particular, detendo níveis de ensino desde o 1º ao 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário, apresentando cursos profissionais e academia de línguas.

O referido Colégio situa-se a aproximadamente a 10 minutos do centro da cidade de Coimbra, beneficia de um amplo enquadramento ambiental, bons acessos rodoviários e uma rede eficaz de transportes públicos e condições favoráveis ao desenvolvimento educacional em ambiente de conforto e de segurança. É dotado de boas infraestruturas, caracterizando-se pela existência de um bar, de cantinas bem equipadas e agrupadas por ciclos, sendo o último andar destinado aos docentes, ainda possui uma sala de acolhimento para os discentes, sala de professores e uma Biblioteca devidamente equipada com mesas para trabalhos e lugares destinados à leitura.

Este colégio foi criado em 2003, pelo Dr. Luís Viegas Nascimento, sendo o seu patrono Bissaya Barreto (falecido em 1974), dando continuidade a um projeto anterior, o Instituto de Surdos de Bencanta, que durante décadas, deu resposta às crianças detentoras deste problema¹. Por esta razão, e desde o ano letivo de 2009/2010, a escola integra alunos com surdez, enquadrando-se numa perspetiva de escola inclusiva, cujo princípio fundamental consiste em permitir o acesso de todas as crianças ao ensino, independentemente das suas limitações físicas, sociais ou linguísticas.

A sua missão passa pelo compromisso não apenas com as metas de ensino/aprendizagem, mas também por educar indivíduos baseados nos valores de formação cívica, tendo em vista a criação de cidadãos competentes para um mundo cada vez mais exigente e complexo.

No colégio cada turma possui uma sala de aula onde são lecionadas todas as disciplinas à exceção da Educação Física, e da Educação Tecnológica, ou TIC, que estão

¹ <http://www.fbb.pt/cbb/colégio/o-colegio-bissaya-barreto/> (Acedido a 10/07/2017).

localizadas no anexo do 2º ciclo. São oferecidas, ainda, um conjunto de atividades extracurriculares e de clubes de atividades.

I.2. Caracterização das turmas afetas

I.2.1. Turma 8ºX²

Ao longo deste ano letivo 2016/2017 de estágio pedagógico supervisionado tive a oportunidade de lecionar aulas em duas turmas de 8º ano, a turma X e Y.

A caracterização das turmas 8ºX e 8ºY partiu da informação contida nos Dossiês de Turma fornecidas pelas respectivas Diretoras de Turma.

A turma X é constituída por um total de 20 alunos, sendo 12 desses elementos raparigas e 8 rapazes. Os alunos apresentam idades compreendidas entre os 13 e os 14 anos. No que respeita ao sucesso escolar, dois alunos apresentam retenções, sendo que um deles apresentou retenções no 1º e 4º ano e outro no 7º ano. A maioria dos alunos desta turma já frequentava o Colégio desde o Primeiro Ciclo, sendo que no início do 2º Ciclo foi integrada uma aluna, e no 3º Ciclo entraram para esta turma 3 alunos provenientes de outras escolas.

Nesta turma há 5 alunos com um Programa Educativo Especial, mas desses cinco apenas dois possuem um Currículo Específico Individual. Estes alunos têm apoio pedagógico especializado a cargo da professora de Ensino Especial nas disciplinas de Português e de Matemática, tendo um currículo adaptado. Na disciplina de História apenas dois alunos realizaram testes adaptados, e um dos alunos que apresenta o Programa Educativo Especial não tem incorporado no seu currículo a disciplina, pelo que não a frequentou.

De um modo geral os alunos desta turma referem que sentem algumas dificuldades nas disciplinas de Matemática, Português e Inglês. Os alunos diagnosticados com dificuldades de aprendizagem a estas disciplinas foram propostos para frequentarem aulas de reforço e apoio, sobretudo a Matemática e a Português.

² Designação fictícia com o objetivo de proteger a entidade dos alunos.

Todos os alunos desta turma apresentaram neste ano letivo resultados positivos na disciplina de História. Contudo vou realçar um caso particular de um aluno que nunca obteve positiva na disciplina e que, pela primeira vez, conseguiu obter sucesso na mesma. Também houve casos de alunos que obtinham resultados mais fracos e conseguiram subir o seu patamar de desempenho. Relativamente aos alunos que apresentavam nível 5, estes mantiveram-se nesse nível.

Esta turma apresenta alunos participativos, empenhados e interessados sendo, no geral, uma turma relativamente calma, receptiva a novas estratégias de ensino e colaborando nas mesmas. Ao nível do comportamento, são alunos relativamente bem-comportados respeitando a autoridade do docente, apesar de existirem um ou dois alunos mais perturbadores em contexto de sala de aula. Igualmente, apresentam grande empenho nos trabalhos propostos pela professora, participando ativamente e voluntariando-se para as atividades desenvolvidas na sala de aula. Desse modo as características enunciadas anteriormente contribuíram em muito para que os estudantes obtivessem um bom aproveitamento escolar.

Quanto aos seus tempos livres, afirmam que ouvem música, veem televisão, frequentam clubes de Inglês, aprendem música e dedicam-se ainda à prática de vários desportos, como o Badminton, o Atletismo e o Basquetebol.

Para além destas informações relativas ao rendimento escolar, há outros que podem ajudar a compreender o comportamento, o esforço e dedicação expressos nas atividades desenvolvidas, bem como a maior exigência na obtenção de bons resultados.

Assim, relativamente à formação dos pais, verifiquei que estes apresentam como habilitações mínimas o ensino secundário, havendo alguns com o grau de doutoramento. Ora sendo os pais os elementos que mais interferem na educação dos filhos, podemos associar a este facto uma maior exigência na obtenção de bons resultados.

1.2.2. Turma 8ºY³

A turma 8ºY é constituída por 24 alunos, sendo que 15 são rapazes e 9 são raparigas. As idades dos alunos estão compreendidas entre os 12 e os 14 anos. Relativamente à vida escolar dos discentes todos frequentaram o ensino pré-escolar. Do total de 24 alunos, 15 já frequentam o Colégio desde o 2º Ciclo. Um aluno apresenta duas retenções, sendo uma no 6º e outra no 7º ano. Os alunos desta turma participam em atividades extracurriculares, alguns ainda frequentam clubes de línguas, e de música, sendo que alguns praticam desporto.

Nesta turma também temos alunos que apresentam um Plano Educativo Especial. Relativamente à disciplina de História não se verificam adaptações, sendo que nenhum aluno realiza testes adaptados.

As maiores dificuldades dos alunos manifestam-se nas disciplinas de Português, Matemática, Inglês e História. As disciplinas de Ciências Naturais e Educação Física são aquelas onde os discentes não apresentam tantos embaraços. Relativamente à disciplina de História, verificam-se algumas dificuldades por parte de alguns alunos, motivadas, sobretudo, por falta de estudo e falta de atenção nas aulas. Em contraste, encontramos também nesta turma excelentes alunos possuidores de uma boa cultura histórica.

Esta turma apresenta aspetos facilitadores da aprendizagem na disciplina como a motivação e curiosidade pelo conhecimento da narrativa e factos históricos. São pontuais e assíduos, cumprem as tarefas que lhes são pedidas e apresentam uma boa organização dos cadernos diários. No entanto, apresentam alguns inibidores da aprendizagem, nomeadamente, diferentes ritmos de trabalho no contexto de da sala de aula, muita distração e falta de concentração. Nesta turma temos alunos bem-comportados, empenhados e trabalhadores, a par com outros que manifestam alguma resistência à concentração em sala de aula, apresentando, por vezes, comportamentos desadequados, exigindo um acompanhamento diferenciado e uma atitude firme por parte do docente.

Além destes aspetos, é uma turma que se fecha sobre si mesma, não se relacionando muito com alunos das outras turmas.

³ Designação fictícia com o objetivo de proteger a identidade dos alunos.

A maioria dos encarregados de educação tem como habilitações mínimas o ensino secundário e a sua formação académica vai até ao mestrado.

1.3. Trabalho desenvolvido no Colégio

O nosso estágio teve início no dia 20 de setembro de 2016. Neste dia eu e os meus colegas de estágio fomos ao Colégio e foi-nos feita uma visita guiada pela orientadora da escola, a Professora Joana Damasceno. Neste primeiro contato conhecemos todas as infraestruturas, alguns docentes, encarregados da ação educativa, funcionários e, por fim, os alunos das turmas que ficariam a nosso cargo. De seguida, a Professora orientadora explicou-nos como iria funcionar o estágio e logo procedeu à distribuição de tarefas por cada estagiário.

Neste primeiro contacto com o espaço pude notar um empenho, tanto de professores como de funcionários, em contribuir rapidamente para a nossa integração na realidade do Colégio. Este aspeto foi positivo, pois contribuiu para uma rápida adaptação à vida da instituição.

Antes de começarmos a lecionar assistimos a várias aulas da nossa orientadora, para ficarmos a conhecer um pouco os comportamentos dos alunos na sala de aula, a fim de facilitar também o nosso desempenho.

Além de lecionar aulas no 8º ano, no qual ficamos afetos, também tive a oportunidade de lecionar duas aulas no 7º ano. Ainda colaborámos ajudando a orientadora em diferentes níveis de ensino. Todavia, para além da leção de aulas também foram desenvolvidas outras atividades que contribuíram para enriquecer a nossa formação - apoio ao estudo à turma 6ºY, acompanhar os discentes ao refeitório e permanecer com eles até estes terminarem a refeição do almoço. Juntamente com esta função, também participámos ativamente no Clube Parlamento dos Jovens através da apresentação de vários temas, e ainda fomos com a professora Joana Damasceno e as alunas eleitas na escola à Sessão de Mesa realizada em Coimbra.

Todas as semanas o núcleo de estágio reunia-se com a Orientadora para a realização de um Seminário. Este, tinha como finalidade, o balanço das aulas lecionadas nessa semana e a atribuição de novas tarefas para as semanas seguintes. Para além da discussão das aulas lecionadas, eram apresentadas pela Professora Orientadora novas

atividades que iam ser desenvolvidas no Colégio e que requeriam a nossa participação. Neste seminário, cada estagiário tinha que apresentar uma apreciação crítica das aulas lecionadas por si e pelos colegas durante essa semana. Esta apreciação foi fundamental para a melhoria da nossa prestação enquanto docentes.

No dia 3 de novembro de 2016 realizou-se uma visita de estudo com as turmas 7ºX, 8ºX e Y ao Observatório Geofísico e Astronómico da Universidade de Coimbra e às Ruínas de Conimbriga. Na visita às ruínas, a nossa função foi a realização de uma visita guiada aos alunos. Para esta visita cada estagiário ficou com um grupo de alunos das 3 turmas e ao longo da mesma foi explicando o percurso, salientando alguns aspetos como as *insulae*, as *domus*, em particular a casa dos repuxos, o aqueduto, entre muitos outros espaços existentes nesta antiga cidade romana. Foi ainda explicada, de um modo sucinto, a organização da cidade. Para o desempenho das minhas funções preparei antecipadamente conhecimentos sobre Conímbriga e as cidades romanas, sistematizando os conhecimentos que pretendia desenvolver e explicar aos alunos.

No dia 8 de novembro tivemos a oportunidade de lecionar uma aula ao 9º ano. Esta aula tinha como objetivo informar os alunos sobre a temática do Holocausto, proporcionando-lhes conhecimentos para a realização de um projeto a ser apresentado no concurso “Memórias do Holocausto”. Nesta aula apresentamos as razões que contribuíram para a *Shoah*, as suas vítimas, sendo no fim apresentado um vídeo na qual várias pessoas descreviam numa palavra o horror do Holocausto.

Também participámos numa ação de formação, realizada no dia 17 de novembro, sobre a Doença de Alzheimer, que foi dinamizada por duas psicólogas especialistas na área e foi dirigida às turmas de 5º ano e 6º ano. Esta conferência foi muito enriquecedora, pois permitiu-me aprofundar e clarificar alguns conhecimentos que possuía sobre esta enfermidade e acho que foi muito benéfico para os alunos que perceberam que o Alzheimer é uma patologia degenerativa muito grave. Para além disso, esta formação foi fundamental para ajudá-los a compreender o doente que sofre com esta patologia, criando neles sensibilidade e cuidados que um dia, no futuro, podem ser necessários. Participámos nesta conferência a fim de acompanhar os alunos.

No dia 12 de dezembro desenvolvemos outra atividade direcionada às turmas de História e Geografia de Portugal com o objetivo de assinalar a importância do dia 1 de dezembro de 1640. A atividade consistiu na elaboração de um *Prezi*, onde foi usada

uma banda desenhada que exemplificava o acontecimento retratado. Esta atividade foi apresentada aos alunos do 5ºX, 5ºY, 6ºX e 6ºY. O balanço desta atividade foi muito positivo, pois pudemos verificar que os alunos já possuíam conhecimentos da realidade vivida em Portugal durante o domínio filipino, e verificou-se o interesse e empenho destes por ficar a conhecer mais pormenores sobre o assunto.

No início do segundo Período, a professora Joana Damasceno pediu-nos a colaboração para a elaboração de roteiros turísticos, sendo esta iniciativa *Escolas em Movimento* lançada pelas Pousadas da Juventude. Para a elaboração da atividade tínhamos que ter em conta os conteúdos temáticos na área de História relativos ao 7º e 8º anos de escolaridade.

No que respeita à avaliação, e tendo como objetivo uma aquisição eficiente, por parte dos alunos, das temáticas lecionadas que iriam ser alvo de avaliação sumativa, o núcleo de estágio passou a dar apoio aos alunos antes dos testes. Esta iniciativa foi uma mais valia para os alunos, verificando-se uma melhoria dos resultados.

Para além da lecionação de aulas, também ficámos encarregues de elaborar matrizes e testes de avaliação, bem como os respetivos critérios de avaliação e de correção. Como o nosso núcleo de estágio era composto por três elementos tentámos ao máximo que cada estagiário participasse em todos estes momentos de avaliação. Assim, no primeiro período tive a oportunidade de realizar uma matriz⁴, e um teste⁵. No terceiro período voltou a ser novamente a minha vez de realizar a matriz⁶ e o teste de avaliação⁷. Para além da elaboração de testes, e da sua correção ainda tivemos como função a vigilância dos mesmos. As vigilâncias nos testes eram feitas em vários níveis escolares, assim em alguns testes do 6º ano fiquei encarregue de ajudar um aluno desta turma que possuía muitas dificuldades, sendo que este usufruía de um teste adaptado. A minha função era ler com o aluno o teste e esclarecer possíveis dúvidas que podiam surgir.

Todo o trabalho que desenvolvi no Colégio foi registado em sumários, logo após a sua realização. Optei por este método pois tornava-se mais fácil para esquematizar

⁴ Consultar Matriz no anexo I.

⁵ Consultar teste no anexo II, juntamente com teste adaptado no anexo III.

⁶ Consultar Matriz no anexo IV.

⁷ Consultar teste no anexo V, juntamente com teste adaptado no anexo VI.

todas as atividades em que participei. Assim, elaborei uma tabela⁸ para o primeiro período, da qual constam projetos, atividades e aulas lecionadas por mim nesse período. Como pude concluir que este método era eficaz e organizado, voltei a seguir o mesmo sistema para o segundo⁹ e terceiro períodos¹⁰.

Também tivemos a oportunidade de participar nas reuniões do Conselho de Turma das turmas afetas, sendo que estas permitiram um conhecimento mais preciso dos nossos alunos. Nas reuniões de Conselho de Turma pude reter aspetos relacionados com a parte administrativa da função docente e pude visualizar algum trabalho desenvolvido pelas Diretoras de Turma.

1.4. Reflexão sobre a Prática Pedagógica Supervisionada

Neste ponto pretendo fazer uma ponderação sobre este ano de estágio no qual tive a oportunidade de alargar os meus conhecimentos, traduzindo-se num crescimento a nível profissional e pessoal.

O ano de estágio foi um ano muito enriquecedor, pois permitiu-me adquirir muitas competências. Antes de iniciar a Prática Pedagógica Supervisionada, a minha experiência em ensino era nula, sendo o único contato mantido com esta área o meu percurso escolar e académico. As únicas competências que possuía eram apenas teóricas, tendo sido adquiridas ao longo do primeiro ano deste mestrado em ensino e em anos anteriores. Contudo, essas competências teóricas foram fundamentais para me proporcionarem alguma segurança e confiança para enfrentar o estágio e as adversidades da carreira docente.

Nas primeiras semanas de estágio, a adaptação foi razoavelmente fácil, contei com o apoio da Professora Joana Damasceno e dos meus dois colegas de estágio (o Leandro Correia e o Ricardo Almeida), além da disponibilidade de todos os professores e funcionários do Colégio que estiveram sempre disponíveis para nos ajudar em qualquer momento. Este aspeto favoreceu a minha adaptação, além de ter sido um estimulante para a minha aprendizagem enquanto docente.

⁸ Ver tabela de tarefas desenvolvidas no Colégio Bissaya Barreto no 1º Período, no anexo VII.

⁹ Ver tabela de tarefas desenvolvidas no Colégio Bissaya Barreto no 2º período, no anexo VIII.

¹⁰ Ver tabela de tarefas desenvolvidas no Colégio Bissaya Barreto no 3º período, no anexo IX.

Inicialmente a única relação existente entre mim e os alunos baseava-se numa relação professora/aluno. Com o tempo passei a comunicar fora das aulas com os alunos, cumprimentando-os, prática recorrente desde o início do estágio, mas aos poucos as conversas eram mais extensas e também a relação com os alunos era mais próxima.

Nas primeiras aulas demonstrei algumas dificuldades, que aos poucos tentei ultrapassar. Na minha primeira aula deparei-me com problemas de gestão do tempo na sala de aula, sendo que partes da matéria não foram devidamente exploradas. A aula foi mais expositiva, sem recorrer muito à participação dos alunos. Senti que o nervosismo atrapalhou a minha exposição, por isso a partir daí esforcei-me ainda mais para vencer todas as dificuldades que inicialmente transpareci. Através dos ensinamentos da minha Orientadora de Estágio e dos meus colegas, fui superando as dificuldades iniciais. Na segunda aula pude verificar que estive mais calma, a aula foi mais direcionada aos alunos, apelando constantemente à sua participação, tornando-se numa aula mais dinâmica e apelativa. Aos poucos fui retendo as propostas dadas pela minha Orientadora e pelos meus colegas, intercalando-as com a leitura exhaustiva de bibliografia. Este esforço deu os seus frutos, pois já no final do primeiro período obtive uma prestação e evolução notórias que contribuíram para que me sentisse mais segura e com mais motivação para melhorar a cada dia. Aos poucos consegui ultrapassar os medos e receios nutridos por qualquer estagiário a quem, pela primeira vez, é dada tão grande responsabilidade ao contribuir para a aprendizagem dos discentes.

Ao longo do estágio pedagógico, posso referir que houve aulas que foram trabalhadas em maior escala, pois eram temas mais interessantes e nas quais também possuía estratégias mais ricas e dinâmicas, mas, por vezes, algum barulho de fundo atrapalhava o desenvolvimento das mesmas, o que contribuía para um desânimo da minha parte. Contudo, com o tempo aprendi a gerir esse desânimo e tentar compreender as razões que motivavam essas situações. Assim, este ano também me proporcionou a aquisição de paciência, calma e compreensão para com os alunos.

Relativamente às estratégias usadas na sala de aula, destacou-se inicialmente o uso de imagens ou a exploração de documentos do manual. Aos poucos fui adquirindo maior segurança e comecei a introduzir estratégias e recursos diferentes. Tentei ao máximo, neste ano letivo de Prática Pedagógica Supervisionada apelar às emoções dos

meus alunos, mediante o uso de estratégias diversificadas e ricas, a fim de os motivar para os temas que estavam a ser lecionados.

Um aspeto importante neste estágio foi o trabalho em equipa. Neste domínio posso dizer que o núcleo de Estágio do Colégio Bissaya Barreto desenvolveu um trabalho fenomenal, pois trabalhámos sempre em conjunto, e apoiámo-nos mutuamente. Quer nas apreciações das aulas uns dos outros, quer nas atividades e projetos desenvolvidos no Colégio, houve sempre cooperação e interajuda. Para além do trabalho em equipa, o trabalho individual também foi notório, verificando-se grande esforço de todos no aperfeiçoamento das suas capacidades a fim de nos tornarmos a cada dia melhores profissionais.

Dada a diversidade de níveis etários dos alunos, desenvolvemos competências com alunos de diferentes idades, e diferentes níveis de escolaridade. Esta oportunidade de laborar com diferentes níveis constituiu uma vantagem para nós, preparando-nos para o futuro caso, seja necessário lecionar outros níveis, sem ser o 3º ciclo. Esta realidade foi possível porque a nossa orientadora além de uma turma de 7º ano, duas de 8º ano e uma de 9º ano, era a professora da disciplina de História e Geografia de Portugal do 5º e 6º ano. O trabalho com estes alunos deu-se em aulas de apoio, aulas de substituição, ou ainda através de vigilância de testes.

Com esta oportunidade pude perceber que os alunos cada vez mais esperam que um docente disponibilize o seu tempo, que ouça as suas lamentações, além de ajudá-los na obtenção de bons resultados.

Apesar das competências adquiridas neste ano ainda há um longo caminho a ser percorrido, pois neste ano não deu para desenvolver todos os conhecimentos que adquirimos ao longo destes anos de estudo e de trabalho. E também com esta experiência pude apreender outras formas de abordagem de determinados temas que podem ser necessários para o meu futuro. Por isso, tenho a plena consciência que enquanto novos docentes devemos estar sempre recetivos às mudanças e ao surgimento de novas ferramentas e até mesmo materiais que possam surgir e devemos aperfeiçoar-nos e atualizarmo-nos a cada dia, a fim de nunca sermos uns professores "da década passada". Por isso *"Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina"* (Cora Coralina)

Capítulo II - Desenvolvimento Científico de uma temática histórica: Martinho Lutero e o nascimento do Luteranismo

2. Crise da Igreja

2.1. Do Cativo de Avinhão à Crise do Ocidente

Os séculos XIV, XV e XVI, traduzem-se períodos de evoluções e crises em vários domínios desde o social, o cultural, o intelectual, ao político e ao religioso. Este último aspeto é aquele que irá ser desenvolvido ao longo deste trabalho.

Ao falarmos de crise da Igreja é necessário destacar que esta resultou de uma evolução iniciada com o *Cativeiro de Avinhão* que acabou por desembocar no cisma do Ocidente. O *Cativeiro de Avinhão* veio abrir profundas feridas na Igreja, uma vez expôs as fragilidades da hierarquia, contribuindo para que os Papas passassem a ser alvo de julgamento pela sua conduta, sobretudo na sua relação com o poder temporal, como se denota na crítica seguinte: “os papas são franceses e residem em Avinhão, [e] concedem favores aos reis franceses” (Macedo, 1997: 62).

O Cisma do Ocidente pode ser entendido como aquele que veio quebrar em definitivo a estabilidade da Igreja. Entre os anos de 1378 e 1417 assistiu-se, na Cristandade, à existência de dois Papas, um sediado em Roma, e outro em Avinhão. Resultado da discordância dos cardeais na eleição de um Papa, após a morte do Papa Gregório XI. A divisão da Cristandade na obediência a dois Papas provocou rivalidades entre os mesmos, passando os Estados a dividirem-se no apoio a cada um dos pontífices. Este período de obediência a dois Papas, contribuiu para aumentar o desprestígio já predominante no seio da Igreja (Macedo, 1997).

Ao juntar-se a divisão da Cristandade, a formação intelectual do próprio Clero foi alvo de ataque, devido às falhas morais dos seus elementos que estavam constantemente mergulhados em comportamentos que contrariaram os preceitos doutrinários. Muitos viam nos cargos religiosos uma forma de aquisição de riqueza e prestígio social, não nutrindo qualquer forma de vocação, sendo evidente nos seus constantes abusos de poder, violação de votos e da doutrina. A própria formação do Clero decaía em qualidade, pois as escolas episcopais, catedrais e monásticas haviam sofrido com a deslocação de mestres e de alunos detentores das melhores capacidades para os centros universitários, encontrando ali melhores condições de ensino e maiores liberdades (Macedo, 1997).

Outro aspeto que contribuía para a grande rivalidade entre alguns membros do clero prendia-se com a distinção entre os diversos níveis de eclesiásticos, ou seja, a existência de um alto clero e de um baixo clero. Esta distinção provinha de séculos passados, continuando a persistir - assim, podíamos delimitar a existência de alto clero, constituído por filhos de reis e da nobreza, e por outro lado, o baixo clero, constituído por filhos de membros das camadas mais baixas da sociedade. Esta diferenciação criava no baixo clero bastante desagrado, pois estes últimos tendiam a participar menos da fruição da riqueza resultantes dos vastos privilégios da sua condição eclesiástica, como acontecia com os de hierarquia superior (Macedo, 1997).

Portanto, nestes séculos tornava-se cada vez mais evidente a necessidade de empreender uma reforma, pois sem esta a Igreja corria sérios riscos de entrar em completa ruína.

2.2. Comportamentos do Clero e do Papa

Muitos dos noviços que optavam pela vida religiosa eram possuidores de pouca ou nenhuma vocação, ingressando no mundo clerical para ter acesso a privilégios que só este mundo lhes podia proporcionar.

À falta de vocação, acrescentava-se a pouca preparação e instrução do Clero. Com o passar do tempo, essa falta de vocação manifestava-se em comportamentos contrários ao que a doutrina estabelecia, nomeadamente na violação do voto de celibato (Kung, 2012).

Os abusos cometidos estendiam-se ao Papado, sendo alvo de grande julgamento - veja-se o caso do Papa Alexandre VI que perto da sua eleição, “*já perfilhava não menos do que oito filhos de, no mínimo três mulheres (...)*” (Neves, 2014: 51).

Até o modo como faziam uso das riquezas a fim de alcançarem as influências necessárias a subir a sua condição foram alvo de críticas, como por exemplo, no caso do já referido Papa Alexandre VI, cuja eleição se ficara a dever “*aos avultados subornos que distribuía sem qualquer pudor: diz-se que quatro mulas carregadas de barras de ouro e prata foram levadas do palácio dos Bórgias para o palácio do Cardeal Ascâncio Sforza*” (Neves, 2014: 50).

Enquanto ocupou a cadeira pontífice, a sua vida e a dos seus filhos e amantes pautou-se pela opulência, exagero e escândalos. No fim do seu pontificado, houve um recrudescimento das *“ambições dele próprio e de César, seu filho, de se apropriarem do estado papal inteiro para o transformar num feudo dos Bórgias”* (Neves, 2014:55). Desse modo Alexandre VI ficou para a posterioridade como um dos mais escandalosos Papas devido aos abusos cometidos, sendo alvo da censura pública.

“Os Papas e os prelados insurgem-se contra o orgulho e a ambição mundanos, mas estão afogados neles até às orelhas. Pregam a castidade e têm amantes. [...] Só pensam no mundo e nas coisas mundanas. Nada querem saber das almas, [...] fizeram da Igreja uma casa de má fama [...], uma prostituta sentada no trono de Salomão que acena a quem passa [...]. Ó Igreja Prostituída, desvelastes o vosso abuso diante dos olhos do mundo inteiro e o vosso fôlego envenenado ascende os céus” (Neves, 2014: 54).

Após o falecimento do Papa Alexandre VI, a 18 de agosto de 1503, foi eleito Giuliano della Rovere, o qual assumiu o nome de Leão X. Aos 38 anos este tornar-se-à Papa, sobressaindo pela sua inteligência, destacando-se como humanista e mecenas, patrocinado a construção da atual Basílica de S. Pedro, em Roma (Dreher, 2006). Será a necessidade de dinheiro para esta obra que irá colocar na ordem do dia a venda das indulgências que prometiam a remissão dos pecados.

2.3. Ineficácia dos concílios

O vocábulo concílio provém do latim “concilium” e designa uma assembleia de bispos e cardeais, presidida pelo Papa. A sua convocação destina-se a regulamentar e a definir a doutrina, a liturgia e a disciplina cristã. O hábito de convocação e deliberação dos concílios remonta aos inícios das práticas da comunidade cristã. Por isso, ao longo da história do Cristianismo foram realizadas várias assembleias deste tipo, muitas das quais versando reflexões sobre as práticas da Igreja (e dos seus membros) enquanto instituição e as suas relações com as disposições doutrinárias.

O concílio de Vienne celebrado entre 1311-12 *“assinalava como defeitos principais da Igreja a incapacidade intelectual e a vida mundana de tantos prelados e eclesiásticos, o abuso da jurisdição, o desleixo nas funções religiosas a acumulação de benefícios, a isenção*

dos mosteiros, e a multiplicação excessiva das expectativas e provisões papais” (Macedo, 1997: 66).

Posteriormente nos concílios de Constança (1414-1418) e de Basileia (1431-1437) pugnou-se por uma reforma profunda da Igreja. Contudo, não houve ousadia para começar pelos elementos mais poderosos, o que significou que a reforma não foi completa. As únicas transformações empreendidas foram insuficientes para vencer o estado de marasmo presente na Igreja. Por outro lado, o Papa não demonstrava intenção clara de empreender reformas que pudessem alterar a estrutura existente, mostrando-se incapaz de ser um impulsionador de alterações, sendo criticado pela conduta imprópria verificada nos abusos ao celibato, acrescentando-se a crítica ao modo de vida de opulência, sendo constantemente julgado por habitar “*num enorme palácio (...) cujo o luxo simbolizava um mundanismo crescente (...)*” [e viver rodeado por] *um esplêndido séquito de servidores e funcionários*” (Roberts: 1996: 263).

Apesar do Papa não estar interessado em desenvolver reformas profundas, havia alguns membros do Clero que ambicionavam sair do estado de crise vivido.

Desse modo, todos os concílios realizados pretendiam dar resposta às situações de descrédito que pairavam na Igreja católica. Como foi referido anteriormente, estes foram insuficientes para dar resposta à situação de crise vivida. Só através das resoluções do Concílio de Trento (1545-1563) é que a Igreja impõe uma reforma capaz de estabelecer uma disciplina mais rigorosa aos seus membros e reafirma os dogmas da sua doutrina.

2.4. Os primeiros críticos

O abalo das estruturas da Igreja, motivado pelo comportamento abusivo de alguns membros do clero e a falta de sucesso nos concílios anteriores, fez com que alguns membros da sociedade não tenham poupado críticas a conduta dos membros da hierarquia católica. Desse modo, deve-se perceber que Lutero não foi o primeiro a manifestar-se contra as práticas abusivas da Igreja. Pois, antes dele, outros sonharam com a reforma, traduzindo as suas ideias quer em escritos, mas também em sermões (Barbosa, 2007).

Começamos por destacar Girolando Savonarola (1452-1498), um frade dominicano, que vendo o constante apego da sociedade na busca do lucro, da glória e do luxo, ataca-a, sendo também as suas críticas dirigidas à instituição eclesiástica. O Papa, não tolerando o seu comportamento turbulento, pediu a sua detenção e daqueles que aderiram às suas ideias, acabando todos por ser torturados e executados, servindo a sua morte como um exemplo para todos aqueles que tivessem o atrevimento de colocar em causa os dogmas da Igreja Católica (Neves, 2014).

Para além de Savonarola, houve dois reformadores considerados percussores de Lutero: John Wycliff (1320-1384) em Inglaterra e Jan Huss na Boémia. O primeiro sobressaiu como doutor nas Sagradas Escrituras chegando à conclusão que o Evangelho havia sido adulterado e que as interpretações realizadas pelos padres e Papas não estavam corretas (Livet & Mousnier, 1996). Contudo, Wycliff, possuidor de uma personalidade pacífica, acabar por não se opor diretamente aos ministros da Igreja Católica. Publicou uma série de escritos, que foram considerados heréticos, nos quais ataca os bens do Papa e denuncia o comportamento do Clero, considerando muitos eclesiásticos como os homens mais gananciosos existentes na terra (Barbosa, 2007).

Por outro lado, Jan Huss (1369-1415), eclesiástico checo, apresentou um espírito forte de protesto e destacou-se como um grande orador (Livet & Mousnier, 1996). Levantou a sua voz e o seu protesto em relação às práticas como *“as indulgências prometidas por João XXIII aos que alinhassem na sua causa e participassem no financiamento do seu exército foram denunciadas por [este], que as classificou como intoleráveis abusos”* (Livet & Mousnier, 1996:72). Quando foi preso, defendeu a comunhão nas duas espécies, pois não concordava com a celebração da eucaristia apenas pela comunhão de uma só espécie, propondo a comunhão sobre o pão e o vinho. Tendo defendido estas ideias, acaba por ser condenado pois, segundo a perspetiva da Igreja Católica, estas propostas eram heresias. Por isso, foi condenado como herege, acabando na fogueira em 1415 (Roberts, 1996).

Para além de Savonarola e de Huss, destacaram-se as críticas dos humanistas que *“foram antes de tudo filósofos que tiveram a preocupação de traduzir textos do grego para o latim, de editar corretamente e de comentar as obras da Antiguidade”*. Estes ainda tiveram um meio poderoso a seu serviço pois a *“imprensa que tornou possível a reprodução de obras clássicas sem que se multiplicassem os erros dos copistas”* (Livet & Mousnier,

1996:253). Portanto, esta tendência emancipadora herdada do Renascimento, contribuirá para uma libertação que começou a ser notória nos domínios artísticos, filosóficos, literários e científicos, o que veio favorecer o caminho para a Reforma (Delumeau, 1997).

Um dos humanistas que mais se destacou por criticar muitos comportamentos da Igreja foi Erasmo de Roterdão. Este optou por ser um “denunciante da falsidade dos textos sobre os quais se tinham erguido bizarras estruturas dogmáticas (Roberts: 1996: 45). Contudo, Erasmo sempre foi um seguidor da doutrina pelo que os seus ataques à Igreja não foram diretos, tal como aconteceu no caso de Jan Huss.

Concluindo, os vários fatores enunciados anteriormente contribuíram para uma crise de valores na Igreja Católica. Contudo, será apenas no século XVI que serão dados sinais inequívocos que a mudança se tornava inevitável.

Martinho Lutero, um dos obreiros fundamentais nessa mudança, viveu no seio desta tempestade espiritual e de descrença clerical. Para entendermos as razões assentes na rutura operada por Lutero é fundamental conhecer a sua vida e o caminho que percorreu.

3. Martinho Lutero

3.1. Infância

Martinho Lutero nasceu em Eisleben, no dia 10 de novembro de 1483. Recebeu o nome de Martinho, em virtude de ter nascido na véspera do dia de São Martinho.

A família de Lutero tinha origens modestas, contudo, Lutero terá a oportunidade de estudar e aumentar a sua formação. Hans Lutero, pai de Martinho Lutero, é caracterizado “como um homem duro consigo mesmo, [e] rude para com os outros” (Febvre, 2010:26). A sua mãe, Margaret Linderman, dedicava-se às tarefas domésticas e era descrita como uma mulher “dona de casa cansada e como que aniquilada pelo seu trabalho demasiado pesado” (Febvre, 2010:26). Toda a educação de Lutero e o próprio ambiente familiar foram pautados pelo uso de castigos e por uma disciplina severa.

Mas, apesar deste ambiente e do caráter autoritário do seu pai, Lutero nutria por ele uma profunda admiração, vendo neste o uso da inteligência capaz de salvar a família da mediocridade. Por isto, tentava de todas as formas possíveis agradá-lo, primeiro por uma questão de respeito e, segundo, pelo esforço que havia empreendido em dar uma existência confortável e digna à sua família. O próprio Lutero acreditava que aquilo em que se havia tornado advinha do próprio caráter do seu pai, concluindo que “(...) foi através de meu pai que Deus me deu tudo, foram as suas fúrias que fizeram de mim aquilo que sou (...)” (Chaunu, 1975:75). Muitas das suas atitudes, ao longo da vida, podem ser entendidas, tendo em perspectiva a sua complicada e difícil infância, o temor que o seu pai lhe inspirava e por ter sido percebido como uma criança fraca de espírito e receosa do mundo que o rodeava.

Tal como a infância, a sua formação escolar e acadêmica, pautou-se por uma sólida disciplina e pelo estímulo constante para a aprendizagem e aperfeiçoamento pessoal e espiritual.

3.2. Formação Escolar

O percurso escolar de Lutero pode ser analisado, tendo em conta, três fases. De 1488 a 1497, frequentou a escola Mansfeld, na qual “aprendeu os rudimentos do latim, canto e as principais expressões de manifestação de fé cristã, os Dez mandamentos, o Pai-Nosso, Avé-Maria e o Credo” (Lienhard,1998:32). O ensino nesta escola era marcadamente tradicionalista, pois ao contrário de outras escolas, não havia sido influenciada pelas ideias do Humanismo. Portanto, era hábito os professores recorrerem ao uso da violência, tentando, através do medo, encaixar os conteúdos ministrados.

Lutero ainda teve a oportunidade de estudar na escola latina de Magdeburgo, na qual permaneceu apenas um ano. Ingressou nesta escola com catorze anos, mas acabou por sentir-se perdido nesta cidade desconhecida, sem meio de sustento, chegando a ter de mendigar para ter o que comer. A esta situação difícil juntou-se a debilidade na saúde. Assim, acabou por regressar a casa dos pais, partindo depois para a cidade de Eisenach, na qual tinha familiares e onde esteve cerca de quatro anos. (Febvre, 2010). Mais tarde, em 1501, com dezoito anos, ingressou na Universidade de Erfurt. Nessa Universidade estudou as disciplinas ditas tradicionais: a retórica, a lógica,

e a gramática, que formavam o *trivium*, para além destas, também se notabilizou pelo estudo da Geometria, da Música, da Matemática, e da Astronomia que compunham o *quadrivium*. No ano seguinte, obteve o grau de Bacharel em Artes (Neves, 2014).

Desde o início da sua formação, o seu pai depositou grandes esperanças no seu futuro desejando que este continuasse os estudos, seguindo a vertente de Direito, uma vez que, desejava que, num futuro próximo, Lutero desempenhasse o cargo de conselheiro junto de um príncipe (Chaunu, 1975). Portanto, Lutero sabia que todo o esforço do seu pai, estava norteado para esse objetivo.

Porém, o seu percurso acabaria por não ser tão linear como o esperado. Assim, entre 1503 a 1505, foi vítima de uma série de incidentes que o deixam num estado de esgotamento, próximo de um estado depressivo. O primeiro incidente, ocorreu na terça-feira de Páscoa em 1505, quando caminhava pela rua foi gravemente ferido por um golpe de espada. Não tendo tempo para recuperar deste primeiro susto, voltou a ser alvo de um segundo incidente que tomará contornos mais fortes, acabando por contribuir para que Martinho Lutero entre na vida monástica. O segundo incidente aconteceu no dia 2 de julho de 1505, quando regressava a casa durante uma violenta tempestade, temendo pela vida, invocou a proteção de uma Santa, tendo prometido ingressar na vida religiosa. (Chaunu, 1975). Perante a proteção concedida, Lutero decide honrar a sua palavra e desiste do curso de Direito para ingressar na vida religiosa.

Podemos já aqui perceber o espírito de Martinho Lutero descrito por Lucien Febvre,

“numa sucessão rápida, um acidente sangrento, o terror espalhado por uma peste mortífera, o abalo, por fim, de um raio que esteve para matar Lutero entre Erfurt e a aldeia de Stotternheim: toda uma série de incidentes violentos, atuando sobre um espírito inquieto(...) inclinaria o futuro herético para a solução que um homem do seu temperamento, após estas experiências devia muito naturalmente adotar” (Febvre, 2010:27).

Devemos concluir que a decisão de Lutero em ingressar na vida religiosa foi fundamental para o homem em que mais tarde se transformou, pois, a entrada no convento permitiu-lhe conhecer a organização da hierarquia, a vida dos clérigos, os seus comportamentos. Só uma pessoa imersa naquele ambiente teria oportunidade de

propor uma reforma capaz de abalar os pilares da igreja católica, provocando uma alteração no Cristianismo Ocidental (Neves, 2014).

3.3. A vida no Convento e a ordenação sacerdotal

Na manhã de 17 de julho de 1505, com 22 anos de idade, Lutero ingressa no Convento dos Agostinhos para um período de experimentação. Só após o seu ingresso na Ordem é que decide avisar a família da sua decisão, pois tinha consciência que iria encontrar forte oposição do pai.

No mundo religioso, Lutero destacou-se por ser sempre fiel à ortodoxia e à disciplina, leal aos princípios da sua Ordem e profundamente dedicado à oração. Porém possuía o espírito de um homem atormentado, constantemente receoso do Inferno, dos enganos do Diabo e da condenação da alma, tendo sempre presente o constante receio da morte e a angústia de não estar preparado espiritualmente para o dia do juízo final. Lutero sentia-se constantemente atacado pelo Demônio, acreditando, muitas vezes, que Deus o tinha abandonado, recorrendo com muita frequência ao confessor, a fim de encontrar algum conforto e ultrapassar este estado depressivo. Uma vez o seu confessor disse-lhe *“és um pateta; Deus não se zanga contigo, és tu que te zangas com ele; ele não está aborrecido contigo, mas, sim, tu com ele”* (Neves, 2014: 31).

Tendo por objetivo vencer o estado de desespero que o invadia, adotou com convicção o modo de vida de um religioso monástico - levantar-se a meio da noite para orar, passar a efetuar uma única refeição por dia, mendigar, prestar obediência aos superiores e aos outros irmãos monges (Chaunu, 1975). Todavia, a esperança de que o ingresso no convento o pudesse ajudar a vencer os seus receios não foi concretizada, uma vez que com o passar do tempo as suas angústias tenderam a aumentar. Lutero decidiu, então, intensificar a prática de boas obras para novamente tentar ultrapassar o seu estado de angústia e dúvida e encontrar a pacificação pessoal.

Para a Igreja Católica as boas obras traduziam-se na oração (pois era através dela que os fiéis falavam com Deus), na prática de jejuns, ou seja, estar a pão e água, e dar esmola, pois todo o bom cristão devia ajudar os mais necessitados (Jorge, 2016). Por

fim, contavam-se também entre as boas obras, a realização de peregrinações aos lugares santos¹².

Um bom católico devia cumprir as regras da doutrina, a fim de desviar-se dos caminhos do pecado, praticando todo o tipo de boas obras e manter a sua Fé. Eram estes os passos que qualquer crente desejoso de ser recebido no reino dos céus devia realizar.

Tanta foi a devoção de Lutero na realização destas obras para vencer o seu estado de temor as questões que o agitavam chegando a afirmar que se alguém “*alcançou o Céu por espírito de regra, também eu, por mim, o alcançaria (...)*” (Febvre, 2010:27). Lutero tentou por todos os meios levar uma vida exemplar. Enquanto procedia à prática destas boas obras sentia grande desânimo, questionando-se sobre a finalidade de todos estes sacrifícios e penitências, mas sobretudo, questionando a imagem de um Deus juiz, vingador e implacável, que não tinha misericórdia, nem compaixão pelos pecadores (Febvre, 2014).

Este percurso revela uma alma atormentada, questionando, cada vez mais, o ambiente que o rodeava:

“Fui Monge por 15 anos, sem contar o que tinha vivido antes. Li com zelo todos os seus livros e fiz tudo quanto estava ao meu alcance. Em nenhum momento consegui achar consolo em meu batismo; ao contrário, pensava continuamente: Ó, quando finalmente poderás tornar-te piedoso e fazer o suficiente, para teres um Deus misericordioso? Através de pensamentos como esses fui incitado em direção à “mongeria”, tendo me atormentado e supliciado através do jejum, do frio e da vida severa” (Lienhard, 1998:35).

No dia 27 de fevereiro de 1507, Lutero tornou-se diácono e mais tarde, a 3 de abril do mesmo ano, foi ordenado sacerdote. A sua primeira missa foi celebrada no dia 2 de maio de 1507. Nessa missa, esteve presente o seu pai e alguns membros da sua família. Na celebração, precisamente no momento da oferenda do ofertório, quando se

¹² Desta forma, podemos agrupar as boas obras em corporais e espirituais. Das obras corporais faziam parte “*dar de comer aos que têm fome*”, “*dar de beber aos que têm sede*”, “*vestir os nus*”, “*visitar os doentes e encarcerados*”, “*dar pousada aos peregrinos*”, “*reunir os cativos*”, “*enterrar os mortos*” (Jorge, 2016:273-285). As obras espirituais eram, então, “*dar o bom conselho*”, “*ensinar os ignorantes*”, “*consolar os tristes*”, “*castigar os que erram*”, “*perdoar as injúrias*”, “*sofrer com paciência as fraquezas dos nossos próximos*” e “*rogar a Deus pelos vivos e defuntos*” (Jorge, 2016: 287-299).

dirigia a Jesus, professou as seguintes palavras: “*Ofereço-me a ti, Deus vivo e verdadeiro*” (Neves, 2014: 30) mas, após esta proclamação, viu-se tão atormentado que tentou fugir do altar. Todavia, foi travado pelo seu Superior (Lienhard, 1998).

Após, a celebração da sua primeira missa, os irmãos do convento reuniram-se em festa. Contudo o pai de Lutero apareceu e disse-lhe “*estou zangado contigo porque ignoras as escrituras, que diz honra pai e mãe*” (Neves, 2014: 30). Estas palavras expressam a forte oposição do progenitor e o seu desagrado relativamente à escolha de Lutero.

3.4. O percurso na Universidade de Wittenberg e a missão a Roma

Após a sua ordenação como sacerdote, Lutero iniciou os seus estudos em Filosofia e Teologia, na Universidade de Erfurt.

Em 1508, foi designado pelo Superior da sua ordem para a recém-criada Universidade de Wittenberg, onde passou a ensinar Filosofia Moral e Teologia (Neves, 2014).

Enquanto frequentou a Universidade de Erfurt, como aluno, aprendeu sobre os velhos padrões filosóficos. Quando se tornou professor na Universidade de Wittenberg, tentou-se afastar-se do tipo de ensino que lhe havia sido ministrado. Passou a dedicar-se ao estudo das Sagradas Escrituras, mais propriamente aos escritos de São Agostinho. Com base nas leituras realizadas nos livros de São Agostinho e na Bíblia percebeu que o pensamento medieval não era propício para entender as questões da Salvação, nem o relacionamento que o ser humano devia ter com Deus (Lienhard, 1998).

Nos finais do ano de 1510, Martinho Lutero foi designado para ir numa missão a Roma com a finalidade de tratar de assuntos respeitantes à Ordem em que estava integrado. Os assuntos a tratar em Roma estavam relacionados com a necessidade de uma reforma dos Agostinhos, ficando Lutero encarregue de transmiti-la à Cúria Romana. Esta reforma tinha por objetivo recolocar em prática os votos de pobreza, votos esses que haviam sido esquecidos pela Ordem (Neves, 2014).

Quando toma conhecimento da sua missão, Lutero fica radiante, e por momentos consegue esquecer os seus tormentos, sentindo-se beneficiado com a tarefa que lhe haviam proposto.

Porém, quando chega a Roma fica chocado com o ambiente que o rodeia. A Roma de fé, de oração, de santidade estava adormecida, predominando uma cidade dita Santa de nome, movimentada por muitos peregrinos, mas onde havia uma riqueza abusiva do Papa que habitava o mais rico e requintado dos palácios. Muitos clérigos e padres estavam mergulhados numa existência de pecado, violando de forma pública os seus votos. Perante esta realidade a angústia e a revolta de Lutero aumentaram, sentimentos esses que o iriam acompanhar no seu caminho de regresso. Cada vez mais, mostrava-se desgostoso com os comportamentos dos membros da Igreja, porque assistia constantemente aos desvios que eram cometidos. Contudo, não teve a ousadia de denunciar, calou-se perante todos os abusos e continuou a sua rotina levando a cabo a *“sua vida de meditação, de oração, de ensino (...) e de pregação”* (Febvre, 2010: 29).

3.5. Regresso a Wittenberg

Após o seu regresso a Wittenberg passa, por ordem dos seus superiores, a pregador nas igrejas mais importantes da cidade. Além destas novas funções, Lutero continuava a dar as aulas na Universidade. O seu Superior, Staupitz, incentivou-o a tornar-se doutor em Teologia. O objetivo pode estar norteado pelo desejo de lhe ceder o seu lugar na cátedra da Universidade e no reconhecimento da capacidade intelectual de Lutero (Febvre, 2010; Neves, 2014). O trabalho para a obtenção do grau de mestre significou um forte impulso na vida de Lutero, pois contribuiu para que este se desviasse dos tormentos interiores que o perseguiram.

O doutoramento em Teologia envolvia o pagamento de elevadas taxas que a Ordem dos Agostinhos ou a própria família de Lutero não tinham capacidade de pagar. É nesse seguimento que Staupitz expõe a situação ao Príncipe Frederico, o Sábio, obtendo, por parte deste financiamento para os estudos de Lutero.

Tendo completado do seu doutoramento, passa, aos vinte e oito anos, a ocupar o lugar da cátedra de Teologia, tendo assumindo o lugar em 19 de outubro de 1512. Na

tomada de posse da cátedra fez juramento sobre a Bíblia, através do qual prometeu respeitar e ensinar a doutrina vigente, segundo os ditames da Igreja (Neves, 2014).

Após a sua tomada na cátedra, mudou de residência, passando a viver na mesma casa que o seu superior Staupitz, na designada “*habitação da torre*”. Os anos iam decorrendo e Lutero dedicou-se de corpo e alma a estudar e aprofundar os seus conhecimentos. No entanto, o seu questionamento sobre o funcionamento da Igreja continuava a crescer.

4. O ano de mudança: 1517

O ano de 1517 será um ano marcante, nomeadamente pelo surgimento de rumores de vendas escandalosas de indulgências. A indulgência designava a remissão (parcial ou total) do castigo temporal dos pecados, aplicável apenas aqueles que estavam arrependimentos dos seus pecados (Csiszar, 2015). No entanto, o desvirtuamento do seu objetivo era óbvio e as indulgências eram anunciadas “*com um cinismo de tal modo blasfematório que, perante este trágico odioso, (...) milhares de vezes manifestada pelos comerciantes vis de hábito religioso, com dinheiro, os piores pecados podiam ser apagados (...)*” (Febvre, 2010:31), motivando uma grande afluência de devotos que as pretendia obter. Os fundos angariados pelas esmolas dos crentes destinavam-se à construção da Catedral de São Pedro em Roma (Chaunu, 1975).

Lutero toma conhecimento desta prática através de uns camponeses que ouviram o dominicano Teztel, encarregue pela venda de indulgências na região, afirmar que a compra das indulgências contribuía para reduzir o tempo de espera das almas no purgatório (Roberts, 1996).

Aos olhos de Martinho Lutero, os abusos materiais como a “*simonia, a vida desregrada dos clérigos, a dissolução rápida da instituição monástica*” juntavam-se aos abusos morais que em combinação com a venda de indulgências acabaram, na sua perspectiva, por pôr em perigo a unidade, essência da própria Igreja, pois apenas restaria a “*decadência e miséria de uma teologia que reduzia a fé viva a um sistema de práticas mortas*” (Febvre, 2010: 32).

4.1. As condições políticas na Alemanha do século XVI

Para compreender o triunfo das propostas de Lutero é necessário, também, conhecer a realidade política da Europa das primeiras décadas de quinhentos, mas sobretudo a realidade dos estados alemães onde se desenrolarão os momentos decisivos da afirmação do Luteranismo.

A França destacava-se como uma sólida monarquia, na qual o monarca que conseguiu impor a “*coroa real sobre os seus vassallos*”. Por outro lado, a Inglaterra e a Escócia estavam unidas num reino, enquanto vários domínios ibéricos uniram-se formando a Espanha moderna e Portugal consolidava o seu processo de expansão, primeiro na costa ocidental africana e depois para oriente. Distinta era a situação da Itália e da Alemanha. Esta primeira não possuía unidade política caracterizando-se pela existência de uma abundância de centros do poder, de múltiplos estados autónomos (Dreher, 2006). Semelhante era a realidade do espaço alemão que era constituído por inúmeras cidades estado, lideradas por príncipes eleitos, embora integradas no Sacro Império Romano-Germânico.

Marc Lienhard refere que o Sacro Império Romano-Germânico era composto por 350 entidades, “*sendo elas territórios, cidades livres e principados (...)*” (Lienhard, 1998: 17). Geoffrey Elton explica que a Alemanha “*além de não ser uma unidade política, podia ser chamada de uma confusão política, visto que faltava de facto autoridade central*” (Elton, 1982: 22). Apesar deste cenário, as cidades alemãs caracterizavam-se pelo seu grande esplendor e dinamismo económico, atraindo muitos estrangeiros que a elas afluíam, destacando-se pelas “*suas instituições, as suas indústrias, as suas artes, os seus costumes, o seu espírito*” (Febvre, 2010: 96). Por outro lado, verificava-se algum isolamento entre elas, vivendo cada uma confinada ao seu espaço sem confrontos, mas também sem união.

O Imperador detinha as tarefas de “*ratificar as leis e decretos e se encarregar de sua aplicação e execução*” (Barbosa, 2007: 31), mas o seu poder era limitado, estando sujeito à autoridade do Papa, e ao poder dos príncipes. Desse modo, à pouca influência do imperador, acrescentava-se a ambição dos senhores e nobres e do próprio Papa em consolidar os seus poderes e adquirir maior influência política.

Os príncipes exprimiam o seu poder através da força das suas casas, a grandeza e riqueza das suas dinastias. Os mais poderosos tinham a vantagem de serem eleitores detendo assim o privilégio de eleger o Imperador e proceder ao julgamento da dita coroa imperial (Lienhard, 1998). Frederico, o Sábio, um príncipe da Saxónia mostrava-se particularmente desiludido com a cúria papal (Febvre, 2010). Com o passar do tempo, registou-se um recrudescimento do seu descontentamento. O sentimento de mal-estar foi ficando cada vez mais forte, até ao ponto que se chegou a certa atitude de xenofobia. O ódio contra os italianos começou a aparecer e, cada vez mais, permaneciam as ideias de “(...) italianos vivos, astutos, desenvoltos, sem escrúpulos nem fé, sem seriedade nem profundidade, não serviam na realidade os grandes interesses da Cristandade (...)” (Febvre, 2010: 101).

A sociedade alemã era uma sociedade hierarquizada, onde era bem nítida a distinção entre os grupos sociais. No século XVI, esta era composta por ordens sendo organizada por “príncipes, cavaleiros, mercadores, camponeses (...)” (Febvre, 2010: 104). Também predominava uma grande camada de camponeses muito incultos, muito primitivos, que nunca tiveram contacto com a cultura urbana.

Desse modo, o sucesso da Reforma Protestante neste território pode ser analisado pela situação de miséria vivida pelas camadas mais baixas, mas também pela ausência de um governo forte que apresentasse resistência às várias imposições estipuladas pelo Papa - “cada ano imensas quantidades de dinheiro, na forma visível de ouro e prata, saíam da Alemanha em direção à Roma” (Randell, 1995: 17-18), esta arrecadação de dinheiro era encarada como uma usurpação dos mais poderosos aos fiéis mais pobres.

É neste contexto que Martinho Lutero, consegue dar os passos necessários, usando a seu favor as condições políticas e económicas e sociais vividas, para operacionalizar uma proposta de reforma na vivência da Igreja da sua época.

4.2. O comércio das Indulgências

Antes de prosseguirmos esta reflexão, devemos perceber que o comércio de indulgências não era uma prática nova, uma vez que as suas origens datavam da Idade Média.

As indulgências estavam ligadas ao perdão dos pecados. O ser humano está sempre sujeito ao pecado e para obter a absolvição era necessário a intervenção de um sacerdote a fim de proceder à confissão. É através do sacramento da confissão que o sacerdote, em nome de Deus, procede à remissão dos pecados, ficando o crente perdoado pelos erros cometidos. Mas, os pecadores para obterem a absolvição devem mostrar arrependimento pelas suas faltas.

É necessário ter presente que houve momentos em que o receio do juízo final era maior, contribuindo para que os fiéis acorressem aos confessionários. Muito deste medo era promovido pela própria Igreja como um meio de intimidação para controlar o seu ‘rebanho’.

No entanto, a Igreja oferecia outras formas de redenção e possibilidade de salvação. Essas formas podiam materializar-se em esmolas, através de serviço aos doentes da comunidade ou da penitência. *“Fazer penitência significava converter-se a uma vida de sacrifício, a imitação da paixão de Cristo”*. A penitência foi tomando protagonismo, significando *“fugir ao mundo, demónio e carne, e seguir o Jesus penitente”*. Com o tempo, as penas foram suavizadas, passando a *“pena a ser substituída por dinheiro ou por outra pessoa que sofria ou pagava em vez do pecador”* (Neves, 2014: 130).

Na Idade Média, as indulgências foram usadas no tempo das cruzadas pelo Papa para encorajar os jovens a participar na Guerra Santa contra os infiéis. O Papa instituiu que todos aqueles que participassem nesta guerra, caso tivessem a fatalidade de morrer *“por uma causa tão santa”* tinham direito a *“remissão dos seus pecados”* (Neves, 2014: 130). Após, a Guerra Santa, verificou-se uma diminuição substancial dos cofres papais, e perante esta situação foi necessário repensar uma forma de voltar a enchê-los. Nesse sentido

“Bonifácio VIII [iniciou] o primeiro ano santo em 1300, com a promulgação duma indulgência para todos os que visitassem os túmulos de São Pedro e São Paulo durante quinze dias. E instituiu-se que o ano santo aconteceria de cem em cem anos, mas Clemente VI reduziu a data para o período de cinquenta anos, Urbano

VI para o de trinta anos, Paulo II para o de vinte e cinco anos. (...)” (Neves, 2014: 131).

Com os pontífices posteriores, verificou-se o estabelecimento de uma *“cifra em dinheiro compatível com a remissão da pena temporal dos pecados, nesta vida ou no purgatório”* (Neves, 2014: 131). Para a realização deste sagrado comércio eram criadas cartas de confissão, a serem entregues aos fiéis após a confissão das suas faltas, desde que estes demonstrassem arrependimento pelos seus erros. Todavia, para obter a indulgência era necessária uma contrapartida expressa num valor monetário.

A aquisição de indulgências constituía um salvo conduto para a salvação, caso o arrependimento e confissão fossem insuficientes. O dinheiro doado era confirmado através de *“um recibo sagrado ou passaporte que podia ser mostrado ao porteiro eterno”* (Blainey, 2010: 211).

Esta prática tornou-se hábito na época de Lutero, verificando-se grande afluência a compra das mesmas, passando os fiéis a adquirir cartas de indulgências para os familiares a fim de retirar ou reduzir o tempo das suas almas no purgatório (Neves, 2014).

Para a divulgação do *santo comércio* ficaram encarregues alguns monges que tinham em vista arrecadar os fundos para o Papa. Um dos responsáveis pela pregação de indulgências, foi o dominicano Teztel, que pregava:

“Vossos pais, vossos amigos, estão gemendo nos tormentos do purgatório; vós os podeis livrar com uma pequena esmola, e vós que tendes herdado os seus bens, não o quereis fazer! As indulgências são o mais precioso e o mais sublime dom de deus. Vinde, e vos darei as cartas seladas, pelas quais os vossos pecados, até mesmo aqueles que estaríeis tentados a cometer no futuro, vos serão todos perdoados (...)” (Neves, 1998:17).

O *santo comércio* adquiriu proporções abusivas, chegando os encarregados de tal função, a pronunciar: *“(...) no mesmo instante em que a moeda lançada na caixa soa, a alma do purgatório voa”* (Neves, 2014: 141).

Lutero chegou a desentender-se com este monge, considerando que a forma como procedia à venda das indulgências em nada era semelhante ao que Deus ensinava, sendo por isso contra o próprio Cristianismo.

Para entender o movimento de Lutero, devemos tentar perceber o seu estado de espírito nos anos de 1516 e 1517. Durante este período, Lutero já tinha esboçado um entendimento pessoal da religião cristã e uma feroz oposição à prática das indulgências que transmitia aos seus alunos da Universidade de Wittenberg, mas também às pessoas comuns, nomeadamente através dos seus sermões (Neves, 2014).

4.3. As 95 teses

Lutero, considerando que a prática do ‘comércio’ das indulgências havia adquirido proporções exageradas e vergonhosas, decide fazer algo a fim de evitar que os fiéis continuem a ser enganados. Nesse sentido, no dia 31 de outubro de 1517, afixa as 95 teses contra as indulgências precisamente na porta da Catedral de Wittenberg. E ao lado das mesmas afixa um cartaz no qual constava:

“Por amor da verdade, por zelo em fazer com que ela triunfe, as proposições seguintes serão discutidas em Wittenberg, sob a presidência do padre Martinho Lutero, mestre em Artes, doutor na Sagrada Escritura e leitor ordinária na Universidade. Ele pede aos que não possam estar presentes na discussão oral que intervenham por carta. Em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, Amen”. (Febvre, 2012: 85).

A afixação das 95 teses a 31 de outubro de 1517 é na atualidade comemorado como o dia da Reforma, Lutero quando procede à sua afixação não tinha em mente a criação de um conflito com a Igreja Católica, nem romper com a mesma, apenas pretendia que os seus membros repensassem os seus comportamentos e os alterassem, para o bem da própria instituição (Comissão Interluterana de Literatura São Leopoldo, 2004). A *“última coisa na vida que Lutero queria fazer era começar uma nova igreja. Ele não era um inovador, mas um reformador* (George, 1993:87).

Outro aspeto muito importante, foi a rápida tradução das 95 teses para alemão, língua que também desempenhará um papel importante no avanço da Reforma Protestante. Devemos ter em conta que as missas eram celebradas em latim, por isso os crentes não entendiam o que os ministros de Deus pronunciavam. Daí a necessidade da transcrição das teses para uma língua nacional, contribuindo para que estas fossem acessíveis a todos (Neves, 2014).

Relativamente à rapidez da divulgação das 95 teses, há um aspeto muito importante a ser considerado, pois existe alguma discordância entre os historiadores relativamente à forma da sua divulgação e circulação. Filipe de Melâncton¹³, um dos amigos de Martinho Lutero, e também doutor na Universidade refere que as teses foram enviadas ao arcebispo Alberto de Mogúncia. Quando Lutero decidiu enviá-las ao Arcebispo tinha como finalidade dar a conhecer o ambiente de pecado vivido pela comunidade religiosa e motivá-lo a tomar uma atitude a fim de conter esses comportamentos. É possível que Lutero tenha também enviado o seu texto a alguns dos seus amigos mais próximos para junto deles recolher as suas opiniões. Os historiadores supõem que foram alguns destes destinatários que, vendo a clareza das mesmas, decidiram mandá-las imprimir contribuindo, assim, para a sua rápida expansão (Neves, 2014). A imprensa foi por isso instrumental da dispersão das ideias de Lutero nos territórios alemães (Rodrigues, 1989).

As 95 teses representavam um conjunto de perguntas retóricas colocadas por Martinho Lutero, através das quais criticava o comportamento e abusos do Papa e o comércio de indulgências. Foram criadas por Lutero, a fim de serem comentadas por Gunter de Nordhausen, um dos seus alunos, da Universidade, que desejava obter o bacharelato bíblico (Chaunu, 1975). Martinho Lutero enquanto doutor em teologia sentia a preocupação de zelar pela correta doutrina, por isso vale-se da sua compilação criada em ambiente académico, apresentando nelas as preocupações em relação a cura das almas. A compilação iniciava-se *“Nosso senhor quis que toda a vida dos fiéis seja uma penitência”*. Nas primeiras teses Lutero tecia fortes críticas ao Papa, afirmando *“O Papa não quer nem pode perdoar nenhuma pena, exceto as por ele impostas, seja por sua vontade, seja em conformidade com os cânones”* (Neves, 2014: 139). Também se pronunciava contra a atitude do Papa, pela imposição do comércio das indulgências como forma de atingir a salvação, referindo que *“O Papa é demasiado cruel se, ao ter com efeito o poder de libertar as almas do purgatório, não concede de graça às almas sofredoras o que outorga por dinheiro às almas privilegiadas (...)”* (Febvre, 2012: 87). Indo mais longe acrescenta: *“mas quem garante que Deus aceita o que o Papa propõe?”* (Febvre, 2012: 88). Mediante esta citação é possível perceber que Lutero estava a colocar em causa a própria legitimidade e autoridade do Papa.

¹³ O nome deste professor de Teologia varia em outras literaturas.

Tenta, igualmente, alcançar a população, anunciando que *“Deve-se ensinar aos cristãos que, se o Papa conhecesse os exageros dos pregadores de indulgências, preferia a Basílica de São Pedro reduzida a cinzas a vê-la edificada com a pele, a carne e os ossos das suas ovelhas”* (Neves, 2014: 143). Lança críticas ao abusivo uso das indulgências, pelo facto de serem também aplicadas aos mortos, reforçando que *“Os cânones penitenciais são impostos unicamente aos vivos, nada devendo, segundo tais cânones, ser imposto aos moribundos”* Ainda na tese 13, refere que *“Os moribundos, com a sua morte, pagam todos as dívidas, e estão já mortos para as leis dos cânones, de que estão de direito livres”* (Almeida, 2008:15-17).

Lutero tenta ensinar aos pobres e humildes que recorrem à compra de indulgências, que estas não asseguram a salvação e que apenas Deus tem misericórdia, e só ele é capaz de salvar, defendendo na tese 28, que *“é certo que, quando a moeda soa na caixa, o ganho e a cupidez podem aumentar; mas a intercessão da Igreja depende unicamente da vontade de Deus”*. Por isso acrescenta que, serão *“condenados para a eternidade, com os seus mestres, (...) os que creem, mediante cartas de indulgências, estar seguros da sua salvação”*). Destaca o valor do arrependimento, mencionado *“qualquer cristão, verdadeiramente arrependido, tem completa remissão tanto da pena como da culpa; ela é-lhe devida mesmo sem cartas de indulgências”*, salienta ainda que *“as indulgências apostólicas devem ser pregadas prudentemente, a fim de evitar-se que o povo suponha, falsamente, que elas são preferíveis às obras de caridade”*. Nesta linha de pensamento defende que *“Deve ensinar-se aos cristãos que aquele que vê um pobre e, negligenciando-o, dá para as indulgências, chama sobre si mesmo, não as indulgências do Papa, mas a cólera de Deus”* (Almeida, 2008: 15-17).

Nas 95 teses contra às indulgências defende, ainda, que o *“verdadeiro tesouro da Igreja, é o santíssimo Evangelho da glória e da graça de Deus”* (Dreher, 2006: 13).

Nas quarenta primeiras teses, Martinho Lutero ataca o falso moralismo. Para realizar a sua crítica apoia-se em Santo Agostinho. Posteriormente, das teses 41 a 53 apresenta uma rutura com o pensamento de Aristóteles, argumentado que *“(...) só nos tornamos teólogos sem Aristóteles...”* (Chaunu, 1975: 122). Das teses 54 até a 95, refere que *“Devemos submeter totalmente a nossa vontade à vontade divina. Não devemos apenas querer aquilo que Deus exige de nós, mas simplesmente tudo aquilo que Deus quer”* (Chaunu, 1975: 122).

4.4. Reação da Igreja à afixação das 95 teses

Inicialmente, a Igreja não levou a sério o texto de Lutero. Mas, com a repercussão que o documento adquiriu, o Papa ordenou à Ordem dos Agostinhos que silenciasse o monge. (Neves, 2014).

Martinho Lutero decidiu, então, falar com o bispo de Brandeburgo para explicar as suas intenções, referindo que aquelas ideias haviam sido criadas para bem da Igreja, e não contra ela. Todavia, a situação já estava descontrolada e a Inquisição estava pronta a atuar a fim de conter as heresias pronunciadas por Lutero. O Papa pediu a imediata apresentação de Lutero em Roma para que este explicasse as suas ideias. Contudo, Lutero recusou-se a comparecer no Vaticano, pois já conhecia os meios de atuação contra os hereges, decidindo não arriscar a sua vida. Apesar dos receios expressos, afirmou “*se merecer a morte, não recuso morrer. A terra, com tudo o que está nela, pertence ao senhor bendito pelos séculos dos séculos*”. *Que ele nos proteja eternamente! Ámen*” (Chaunu, 1975: 135).

Abandona, então, clandestinamente Augsburgo e redige um apelo ao Papa no qual tenta explicar a situação e o motivo de não comparecer ao chamamento papal.

Todavia, o Papa já tinha tirado as suas ilações da recusa de Martinho Lutero. Desse modo, decide mandar o Cardeal Tommaso de Vio, um especialista na identificação de hereges, confrontar Lutero.

4.4.1. A Controvérsia Heidelberg

Lutero aceita discutir as suas ideias com o Cardeal Tommaso Vio (ou Tomás Caetano). Fê-lo pois sabia que ia argumentar com um teólogo e não apenas com um Cardeal da Cúria Romana. Aquando da sua deslocação para esta convenção, muitos temeram pela vida do monge agostinho, até o próprio Príncipe Frederico da Saxónia. Por isso foi criado um salvo-conduto, a fim de garantir a sua integridade (Neves, 2014).

Um diplomata italiano foi ao encontro de Lutero com o objetivo de o advertir que só havia uma decisão a tomar - recuar nas suas ideias. Sobre a posição que irá assumir, Lutero escreve a Filipe de Melâncton, afirmando estar disposto a resistir aos seus opositores. Desse modo pede-lhe: “*Cuida dos jovens [estudantes] pois não me posso*

retratar perante o que com justiça ensinei. Seria o fim da nossa Universidade e dos excelentes estudos que nela são exercidos” (Neves, 2014: 176).

Na “Controvérsia”, Lutero, optou por não falar na questão das indulgências, que era o assunto mais sensível. Focou-se noutros pontos que, na sua opinião, deviam ser desenvolvidos. Os assuntos debatidos entre Lutero e o Cardeal Tomás Caetano estiveram relacionados com a obtenção da salvação. Para fundamentar o seu pensamento Lutero baseou-se em S. Paulo e S. Agostinho. O Cardeal Caetano concluiu que os conteúdos expostos não eram heresias, uma vez que se apoiavam no que estava contido nos livros sagrados, mas que havia aspetos em que Lutero ultrapassava os limites aceites, como na recusa da autoridade do Papa. Nesse sentido, este cardeal tentou por todos os meios convencer Lutero que a autoridade do Papa era superior a todos os concílios.

Após o primeiro encontro, Lutero mostrava-se irredutível na defesa dos seus pontos de vista. Por isso, o Cardeal Caetano avisou-o que, se continuasse a persistir na mesma defesa e argumentação, teria que o considerar culpado e não o poderia libertar das penas que lhe seriam aplicadas. Apesar dos constantes avisos, Caetano não conseguiu que Lutero alterasse as suas convicções. Para além deste Cardeal, o seu Superior, alertou-o constantemente para o facto de as ideias que estava a defender serem potencialmente heréticas e, como Jan Huss, se persistisse nelas acabaria por ter um destino fatal. Mas, nem estes avisos foram suficientemente intimidatórios para o fazer recuar. Perante a persistente recusa, o Vigário-geral, com receio que as penas aplicadas a Lutero recaíssem a todos os membros da Ordem, decide libertá-lo dos seus votos (Neves, 2014).

4.5. A sentença de Lutero

A 15 de junho de 1520, o Papa emite a bula *Exsurge Domine*. Contudo, esta bula não excomungava logo de início Lutero, inicialmente estipulava um prazo de sessenta dias para este se submeter ao Papa e recuar nas suas convicções. Em resposta, no dia 10 de dezembro de 1520, num claro sinal de protesto, Lutero lança a bula de excomunhão a uma fogueira e perante tal parece ter afirmado: “*porque entristecestes Jesus Cristo, consuma-te o fogo eterno*” (Neves, 1998:7).

Um ano antes, Lutero já havia referido:

“Quero ser livre. Não quero tornar-me escravo de nenhuma autoridade, seja a de um concílio, seja a de qualquer potência, seja a de uma Universidade, seja a do Papa. Porque proclamei com confiança o que eu creio ser a verdade, quer seja afirmada por um católico ou por um herético; quer seja aprovada ou seja rejeitada por qualquer autoridade” (Febvre, 2012: 146).

Com a pena de excomunhão, o Papa e a Cúria Romana acreditavam que o assunto de Lutero estaria encerrado, mas este continuou a insistir que devia ser ouvido por juízes imparciais, defendendo que o conflito devia ser confiado a teólogos que tivessem capacidade e neutralidade de compreender as suas ideias. Assim, excluía o Papa que, na sua ótica, estava mais interessado em tratar dos seus próprios interesses, mas também o Imperador que considerava estar submetido aos interesses do Papado.

Após a emissão da Bula pelo Papa, Lutero havia sido banido da Cristandade. Contudo, a eficácia do documento pontifício só estaria garantida com o veredito das autoridades seculares.

4.5.1. A Posição do Imperador

O Imperador Carlos V era muito novo e estava numa situação frágil, pois possuía pouca experiência e poucas ligações ao povo alemão, tendo pouca força política para implementar a decisão papal. Por oposição, o príncipe Frederico da Saxónia que detinha algum protagonismo acabou por proteger Lutero.

Após a excomunhão ditada pelo Papa, *“dois legados, Caracciolo e Aleandro, que a Santa Sé tinha encarregado do caso (...). Foram junto de [Frederico], pediram-lhe que mandasse queimar os escritos de Lutero e que o prendesse”* (Febvre, 2012: 151). Perante esta intimidação, Frederico recusa usando a desculpa que as obras não tinham sido estudadas e analisadas e daí não poderem ser destruídas. Perante a oposição do Príncipe era necessário tomar alguma medida. Nesse sentido, Frederico propõe ao Imperador a convocação de Lutero para comparecer numa assembleia a fim de ser ouvido. Carlos V decide, então, convocar Lutero para a comparecer numa assembleia imperial.

O objetivo do imperador era claramente demover Lutero da sua ideologia. Caso este se retratasse teria a proteção do imperador, mas se persistisse nas mesmas ideias não haveria outra solução se não castigá-lo e aplicar as penas necessárias.

Porém, ao ficar a saber da influência de Alejandro (um dos legados papais junto do Imperador), Lutero concluiu que de nada ia servir a exposição das suas ideias. Decide escrever ao Imperador referindo que *“responderei ao imperador Carlos mas, chamado apenas para uma retração, não irei a Worms”* (Febvre, 2012: 152).

Numa carta enviada ao seu amigo Spalatim referiu:

“Se o Imperador me citar para depois para fazer com que eu morra e me declarar, por causa da minha recusa, inimigo do império, expor-me-ei a ir à sua convocação. Não fugirei, com a ajuda de Cristo, e não abandonarei a Palavra. Estou muito certo de que esses homens sanguinários não pararão antes de se apoderarem da minha vida; mas desejo, se possível, que os papistas sejam os únicos da minha morte” (Febvre, 2012: 153).

Apesar das ameaças e do perigo iminente acabou por aceitar deslocar-se a Worms.

4.5.2. Da Dieta de Worms à Dieta de Augsburg

Lutero partiu no dia 2 de abril de 1521, após a festa da Páscoa, em direção a Worms. No dia 21 de abril Carlos V dá início à dieta¹⁵, começando por chamar Lutero e explicando-lhe a ordem de assuntos a debater. O primeiro aspeto que foi salientado foi o reconhecimento dos seus escritos e o segundo era respeitante à necessidade de recusar nas ideias que até aí tinha defendido. Perante as questões colocadas, Martinho Lutero reconhece os escritos como seus e afirma que se o convencessem pelas Sagradas Escrituras, reconsideraria os seus princípios (Neves, 2014). Nesse sentido, profere o seguinte discurso:

“A menos que me convençam por testemunhos da Escritura ou por uma razão de evidência (porque eu não creio nem no Papa nem nos concílios só: é certo que erraram frequentemente e se contradisseram a eles próprios), sinto-me obrigado pelos textos que produzi; a minha consciência está cativa nas palavras de Deus. Revogar o que quer que seja, não posso nem quero. Porque agir contra a sua

¹⁵ Assembleia Imperial

própria consciência não deixa de ser perigoso e não é honesto. Que Deus me ajude. Amen! (Febvre, 2012: 156).

Com a discussão deste assunto logo na abertura da Dieta, o Imperador mostrou a sua posição, desejoso de unir a Igreja, por isso pede a Lutero que abandone as suas convicções. Lutero ainda requer um tempo para considerar os desejos de Carlos V. Após algum tempo de reflexão, volta à presença do Imperador e argumenta que voltar atrás seria deixar os abusos existentes no mundo católico continuarem a aumentar, assim como o desprestígio da Cristandade (Neves, 2014).

Após a presença junto do Imperador, Lutero retirou-se e dirigiu-se ao albergue onde tinha ficado hospedado. Na Dieta, os ânimos estavam exaltados, uns aclamavam e outros estavam impressionados com o ato de coragem de Lutero que colocava em questão a autoridade do chefe máximo da Cristandade. Face à conduta do monge, o Imperador afirmou: *“arrependo-me de ter tardado tanto em adotar medidas contra ele. Não quero ouvi-lo nunca mais.”* (Neves, 2014: 274). O seu desejo parecia ser que Lutero recebesse o tratamento exemplar destinado a um herege.

Após a Dieta, Carlos V ordena que Lutero abandone Worms, ordem que não é respeitada, assim como a de não pregar junto da população da cidade. Por não respeitar as imposições do Imperador, Lutero passou a ingressar a lista negra do Império, ou seja, podendo ser morto sem que o suposto homicida fosse condenado pela sua morte. Porém, mais uma vez, consegue obter a proteção do Príncipe Frederico, encontrando refúgio no seu castelo.

A sua estadia no castelo, em Wartburg, foi decisiva para desenvolver a sua teologia e os princípios da sua Igreja (Csiszar, 2015).

Enquanto permaneceu neste castelo seguiu uma vida discreta, evitando ser descoberto. Durante esse tempo procedeu *“à tradução da bíblia para a língua alemã, contribuindo assim para forjar uma língua literária comum a todo o mundo germânico”* (Livet & Mousneir, 1996:247).

Com o súbdito desaparecimento de Lutero, muitos acreditaram que fora o fim do herege. O Papa Leão X festejava a sua morte, defendendo que nunca mais voltaria a ver a Cristandade questionada. Apesar de muitos julgarem Martinho Lutero morto, o seu legado continuava a angariar seguidores. Quando surgiu a tradução da Bíblia para

alemão, as propostas de reforma do cristianismo ganharam um novo impulso (Neves, 2014).

Ao longo da sua caminhada, Lutero dedicou-se a desvendar os fundamentos da salvação. Neste seu percurso contou com vários apoios, sendo estes imprescindíveis para o sucesso da sua conquista. Contou com o apoio de vários príncipes que estavam ansiosos por se libertarem do domínio do Papa. Frederico III, foi um desses príncipes que, como tivemos oportunidade de referir, inicialmente, pagou as taxas necessárias para que Lutero pudesse concluir o seu doutoramento em Teologia e, mais tarde, recusou a queima das suas obras, tendo sido aquele, também, que o acolheu e o colocou durante mais que um ano sob sua proteção. Foi graças a esta proteção que o monge evitou a morte na fogueira e pôde continuar a consolidação e expansão das suas ideias religiosas.

No momento em que abandonou a Dieta de Worms, Carlos V considerou que o caso Lutero estava encerrado, pois acreditava-se que este havia falecido. Porém, Lutero estava vivo e as suas ideias estavam em expansão, por essa razão o Imperador teve que voltar a agir *“de acordo com a sua decisão de Worms não permitindo que a heresia de Lutero e dos luteranos prejudicasse a ordem política e religiosa do Império e da Igreja”* (Neves, 2014: 347).

Nesse sentido, decidiu a celebração de uma nova Dieta, em Augsburg, em 21 de janeiro de 1530, para qual foram chamados quer teólogos católicos, quer apoiantes luteranos, tendo como objetivo a obtenção de reconciliação e de paz na cristandade, uma vez que o Imperador precisava de uma frente cristã unida na sua luta contra os otomanos (Schuler, 1993).

Lutero não participou nesta Dieta, tendo sido representado por apoiantes seus com quem se correspondia através de cartas. Precisamente, com o intuito de facilitar a comunicação entre Lutero e os seus seguidores, o eleitor da Saxónia propôs que Martinho Lutero se refugiasse no castelo de Coburgo, ficando mais próximo do lugar da realização da Dieta.

Esta assembleia foi muito importante para os luteranos porque representou um esforço de diálogo com a Igreja Católica. Lutero foi representado por Filipe de Melâncton que apresentou um documento com 28 artigos (*Confissão de Augsburg*) onde explicita os ensinamentos de Lutero e tenta provar que o que estava a ser

divulgado não eram doutrinas contrárias às Santas Escrituras, mas antes uma vivência religiosa mais próxima e fiel a estas.

No dia 25 de junho, os luteranos leram na Dieta o documento onde estava redigida a confissão da fé luterana (Neves, 1998). A sua leitura permitiu aos príncipes católicos tomar conhecimento pela primeira vez das ideias luteranas. A confissão expressava a crença dos Luteranos em matéria de Deus, do pecado, da fé, da ceia do senhor e do batismo. Ainda no documento, os luteranos apontaram alguns erros existentes no seio da Igreja Católica que consideravam estar em completo desacordo com as palavras escritas nas Sagradas Escrituras. Os defensores das novas ideias religiosas propunham-se a demonstrar aos presentes na Dieta de Augsburgo que os ensinamentos propostos por Lutero eram aqueles que se aproximavam mais da Igreja Cristã primitiva. Porém, a *Confissão de Augsburgo* foi rejeitada pelo Imperador (Kung, 2012) que, receoso de que a rejeição da *Confissão de Augsburgo* viesse provocar uma guerra civil, decidiu adiar as penas a aplicar aos hereges, dando-lhes um prazo para regressarem à Santa Igreja Romana que, obviamente não foi aceite ou cumprido por Lutero e os seus apoiantes.

Apesar dos esforços, o objetivo da Dieta de Augsburgo não foi atingido e a cisão entre luteranos e católicos tornou-se inevitável - primeiro na Alemanha, e rapidamente expandindo-se para o resto da Europa. Em 1555, o Imperador acabou por render-se à divisão religiosa e declarou a liberdade de credo, através da paz de Augsburgo.

5. A Doutrina da Igreja Luterana

Inicialmente, quando começa a difundir a sua ideologia, Lutero não possuía um plano estruturado, sendo a sua meta apenas alcançar todos os grupos sociais, sem exceção de nacionalidade. Sentia-se encarregue de uma missão: “*pôr um travão nos abusos do papismo e reconduzir a fé ao primitivo Cristianismo*” (Febvre, 2012:117).

O protestantismo viu a sua ideologia consolidada, como referimos, na Confissão de Augsburgo, através da qual os apoiantes de Martinho Lutero recusaram alguns dos dogmas da Igreja Católica.

A Igreja proposta por Lutero seria formada por “[aqueles] *que vivem na verdadeira fé, daqueles que, crendo nas mesmas verdades, sensíveis aos mesmos aspetos das divindades, esperando nas mesmas bem-aventuranças celestes, se acham deste modo unidos, não pelos*

lações exteriores de uma submissão toda militar ao papa, vigário de Deus, mas por esses laços íntimos e secretos que uma comunhão profunda nas alegrias espirituais tece de coração para coração, de espírito para espírito” (Febvre, 2012: 144).

Apresentava três características distintivas fundamentais: “Apenas Deus”, “Apenas a Escritura”, “Apenas a graça”. A expressão “Apenas Deus”, é o fundamento para as restantes, uma vez que segundo Lutero, “Deus dá-se a conhecer a cada um de nós através da escritura e não delega a sua graça a nenhuma instituição” (Delumeau, 1997: 192). Os luteranos consideravam as escrituras a verdadeira e única fonte de fé, pois somente nestas era possível encontrar a verdadeira mensagem de Cristo. Tendo em conta a importância da Bíblia, era defendida a livre interpretação da mesma, por cada crente que assim se libertava das interpretações realizadas pelos padres e pelo Papa. Já durante a Dieta de Worms, estas ideias haviam sido defendidas:

“A menos que me convençam por testemunhos da Escritura ou por uma razão de evidência (porque eu não creio nem no Papa nem nos concílios só: é certo que erraram frequentemente e se contradisseram a eles próprios (...))” (Febvre, 2012:156).

Esta ideia, já havia igualmente sido expressada por Erasmo, que referiu:

”Eu desejava que todas as mulheres simples lessem o Evangelho e as epístolas de Paulo. Que sejam traduzidas em todas as línguas! Que o lavrador cante extratos ao empurrar a charrua, que o tecelão os cantarole a meia-voz quando estiver ao tear, que o viajante abrevie a estrada com essas conservações” (Delumeau, 1994: 146).

Outro aspeto importante, é “a ausência de mediador possível entre Deus e o ser humano (...)” (Delumeau, 1997: 192), privilegiando uma relação direta dos fiéis com Deus, acabando com os intermediários, considerando que apenas Deus é o único com a graça para perdoar os pecados da humanidade.

Relativamente a questão da salvação, Lutero refere “que a salvação não consistia no cumprimento das obras da lei, mas na adesão à pessoa de Jesus através da fé (...)” (Neves, 2016: 189). Assim, esclarece que “as obras já não podem concorrer para a salvação, a moral é considerada antes de mais nada como um testemunho de reconhecimento em que cada cristão é chamado a responder pela santificação à sua justificação” (Delumeau, 1997: 196). Acrescenta que “é ilusório julgar que pode aproximar-se do céu através de piedosas ações (jejuns, peregrinações, obras pias, (...))” (Delumeau, 1997: 195), acrescentado que

“(...) faça ele o [que] fizer, o ser humano tem necessidade de salvação pela graça” (Delumeau, 1997: 195) Nesse sentido, refere que a *“salvação do homem não está nas suas mãos, mas exclusivamente fora de si, em Deus”* (Neves, 2014:110). Daí ser *“unicamente nas chagas de Cristo que podemos encontrar a segurança”* (Chaunu, 1975:85).

Por oposição à Igreja Católica que considerava válida a existência de sete sacramentos, Lutero apenas reconhecia a existência de dois sacramentos: o Batismo e a Eucaristia.

Em relação ao Batismo, os luteranos não se afastam muito do defendido pela Igreja Católica, considerando que este deve ser aplicado às crianças, pois elas são *“incapazes de cobiça e superstição (...)”* (Neves, 2014: 221).

Na Eucaristia, Lutero considerava que *“bom seria que a Igreja determinasse num concílio que os leigos comunguem, sob as duas espécies; (...)”* (Neves, 2014: 204). Daí, condenar três aspetos que encontra presentes nas práticas católicas: o primeiro, *“que o vinho do sacramento não seja administrado a todos, clérigos e leigos (...)”*, o segundo *“que as espécies do pão e do vinho sejam, segundo Tomás de Aquino, reconhecidas teologicamente com a terminologia da transubstanciação (...)”*; num terceiro ponto defendia que a missa que devia ser *“uma boa obra e sacrifício de salvação, convertida, desta maneira, numa feira, numa loja, num contrato comercial, com as suas confrarias, sufrágios e méritos”* (...) (Neves, 2014: 217). Por isso, *“admite o sacramento da eucaristia de acordo com as palavras performativas de Jesus na última ceia”* e a mudança da substância do pão e do vinho na substância do corpo e sangue de Jesus Cristo, através do ato da consagração. Quem acredita nesta suposição crê na presença real de Cristo na Eucaristia.

Ainda no que se refere aos sacramentos defende *“que aquele que não quer o batismo, o abandone”* acrescentado que *“aquele que quer viver sem comunhão, está no seu direito”*. Também concorda que *“aquele que não quer confessar-se”* não será obrigado. Mais tarde, Lutero acrescenta *“a fé é coisa absolutamente livre... não se podem forçar os corações, por mais que nos empenhemos. Quanto muito, chegar-se-á a constranger os fracos a mentir, a falar de modo diferente do que pensam no fundo deles (...)”* (Febvre, 2012: 145).

A Igreja Católica destaca-se pela existência de uma hierarquia, na qual os sacerdotes têm várias funções desde a administração dos sacramentos, à confissão e à

celebração das missas. Nesta “os católicos acreditavam no poder orientador do padre (...)” (Blainey, 2010: 218). Porém, na Igreja Luterana, o papel desempenhado pelo pastor não é o mesmo que o de um sacerdote. Nesta nova igreja edificada por Lutero, “o pastor possui uma especialização (anunciar a palavra, administrar os sacramentos) que não constituiu um monopólio e que um leigo, formado para tal pode igualmente exercer (...)” (Delumeau, 1997: 192). Na Igreja Luterana qualquer crente podia ser pastor e esse aspecto acabou por aplicar-se, também, às mulheres, que nos dias atuais também são pastoras.

Para a nova Igreja Lutero propõe o fim do celibato eclesiástico ao defender “que todo o homem que se reconhece cristão esteja certo e saiba que somos igualmente sacerdotes, isto é, que temos o mesmo poder relativamente à palavra e a qualquer sacramento (...)” (Delumeau, 1997: 192). Por isso todos “Os padres seculares devem casar-se se não puderem suportar, inseridos no mundo, um voto de castidade que não é da instituição divina, que os oprime e desespera pelo pecado a que dá ocasião” (Chaunu, 1975:147). O próprio Lutero abandonou o celibato e contraiu matrimônio com uma ex-freira.

Relativamente a arquitetura, os templos luteranos apresentam uma construção distinta das igrejas católicas, sendo os primeiros caracterizados pela existência de um “púlpito, onde a Bíblia é lida e comentada através do sermão, constituindo este o ponto focal do espaço. A mesa da comunhão (que substitui o altar) inclui uma grande Bíblia. Esta é muitas vezes colocada, significativamente, ao pé do púlpito” (Delumeau, 1997: 194). Em relação a nave e ao coro, a separação é reduzida, e é no coro que a assembleia se reúne para tomar a ceia (Delumeau, 1997). Por oposição, as igrejas católicas caracterizam-se no seu interior pela existência de grande aparato e existência de imagens e estátuas de santos, pois os católicos nutriram e adoraram várias santidades, prestando-lhe culto, por isso, as igrejas católicas eram ricamente decoradas com essas imagens, e peças em ouro. Por oposição os luteranos “consideravam que os santos intermediários eram inúteis, que se colocavam entre os cristãos humildes e o próprio Cristo” (Blainey, 2010: 218). Lutero banuiu as imagens dos santos, defendendo que os “santos são sempre intrinsecamente pecadores e, por isso, são sempre justificados extrinsecamente” (Neves, 2014: 98), reconhecendo desse modo que apenas Deus é o único que intercede pelas almas dos fiéis. Recusa a adoração a relíquias, e santos ao referir que “nenhuma criatura pode ser objeto de orações ou adorações: nem Maria (que teve outros

filhos depois de Jesus) nem os santos” (Delumeau, 1997: 192). Daí as igrejas luteranas serem despidas, “o despojamento do edifício do culto é sobretudo acentuado na tradição reformada e na variante evangélica. A cruz é nua” (Delumeau, 1997:197).

Na realização de cerimónias são grandes as diferenças, pois os luteranos condenam as “cerimónias religiosas majestosas, procissões ricas e joias na mitra do arcebispo”, sendo que as celebrações protestantes “insistiam na simplicidade e mesmo quando eram ricos, preferiam uma igreja sem vitrais nas janelas” (Blainey, 2010: 218).

Desse modo, do enunciado anteriormente é possível concluir que a Igreja proposta por Lutero procurava distinguir-se da Igreja Católica e aproximar-se do Cristianismo primitivo praticado pelos primeiros cristãos - uma igreja despojada que apelava à redescoberta do Evangelho, defendendo a necessidade de cada fiel proceder a sua leitura e interpretação, numa relação pessoal e não mediada com a Divindade.

Capítulo III- Desenvolvimento pedagógico da temática histórica: Martinho Lutero e o nascimento do Luteranismo

6. Descrição da Proposta Pedagógica de História

O presente tema pertence ao subdomínio: 5.2. Renascimento, Reforma e Contrarreforma, incorporado no domínio: Expansão e Mudança nos Séculos XV e XVI. Esta unidade temática é lecionada no 8º ano de escolaridade. A proposta pedagógica deste tema visa ser aplicada num bloco de 90 minutos, mais um tempo de 45 minutos.

A aula²⁸ iniciou-se com a recuperação dos conteúdos lecionados em aulas anteriores relativos à mentalidade herdada do Renascimento. Esses conteúdos foram recuperados mediante a realização de diálogo vertical, ou seja, entre os alunos e a docente. Neste domínio foi referida a importância deste movimento que se destacou pela valorização do Homem. O Homem do Renascimento opunha-se ao Homem Medieval, estando este último mais absorvido pelas questões da salvação da alma. Ainda foi fundamental recuperar a importância dos Humanistas que se destacaram por tecer fortes críticas aos comportamentos do Clero, culpabilizando o Papa e outros clérigos por comportamentos contrários aos defendidos pela doutrina cristã. Contudo, a sua crítica também foi direcionada ao mundo de luxo e ociosidade que rodeava a Nobreza e os Reis. Quando foi lecionada essa unidade temática, os discentes foram questionados qual o Humanista que ganhou grande protagonismo por apontar fortes críticas ao comportamento de muitos membros do Clero. Pretendia-se que os discentes concluíssem que essa figura foi Erasmo de Roterdão. Para dar a conhecer o cenário vivido no mundo cristão, realizou-se nessa aula a leitura do documento I.

Embora (o apóstolo Pedro) diga no Evangelho no seu divino Mestre: “Nós abandonámos tudo para te seguir”, os papas pretendem aumentar o seu património em terras, cidades e impostos. (...)

Dignos rivais de príncipes, os soberanos pontíficos, cardeais e bispos nada mais fazem que alimentar-se. Deixam o rebanho de Cristo entregue a si mesmo. (1)

Vemos avançar para nós os prelados enfatuados de orgulho. Estão vestidos com os mais finos tecidos ingleses.

As mãos, carregadas de anéis valiosos, estão elegantemente colocadas na anca. Pavoneiam-se em cavalos de luxo e são seguidos de numerosa criadagem. (2)

(1) Savonarola, Sermão do Advento (1493)

(2) Erasmo, Elogio da Loucura

Segundo Savonarola qual a ambição do Papa presente neste parágrafo?

Se os cardeais e bispos rivalizavam com os príncipes a quem ficou entregue o rebanho de Deus?

De acordo com Erasmo como pode ser caracterizada a vida dos cardeais?

Documento I - Críticas à atuação da Igreja

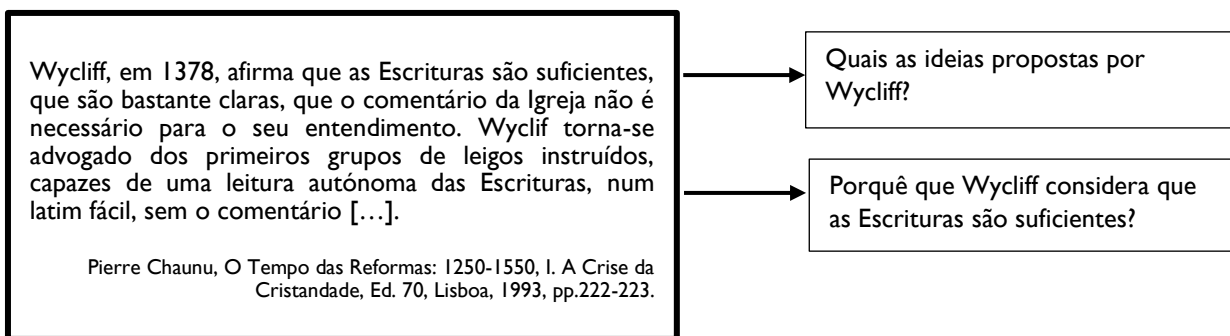
²⁸ Ver planificação de aula no anexo X.

A leitura do documento realizou-se em voz alta, por um aluno, enquanto os restantes discentes acompanhavam a mesma. Esta realizou-se com pausas, sendo que a docente interrogou os alunos com as questões presentes no documento 1. As pausas também visavam debater as ideias principais com os discentes e esclarecer o significado de algumas palavras cuja terminologia lhes era desconhecida.

Este documento contém algumas linhas com os princípios defendidos por Savonarola. Após a leitura da parte relativa a Savonarola foi explicada qual a sua atitude perante a Igreja. Nesta parte os alunos foram interrogados com as questões expostas no documento, e a partir do qual concluíram que os Papas estavam ocupados com a aquisição de património, em vez de cuidar das almas dos seus fiéis.

Após a discussão desta parte do documento, esclareceu-se aos alunos que as ideias apontadas, por Savonarola, foram consideradas heresias. Nesse sentido, os alunos foram questionados sobre o significado deste conceito. Contudo, as suas respostas foram pouco precisas, demonstrando pouco conhecimento sobre esta temática. Nesse sentido, fez-se um esclarecimento do que era uma heresia, quais as consequências ditadas àqueles que enveredavam por essa via. Foi necessário esclarecer os discentes que as penas aplicadas aos hereges podiam ir de penas de excomunhão até mesmo à condenação de morte na fogueira. Ainda nesta linha de pensamento foi referido o significado de excomunhão. Relativamente a este conceito, os alunos já demonstravam algum conhecimento. Também no mesmo documento foram analisadas outras ideias como as críticas apontadas por Erasmo, no qual descreveu a forma com que se apresentavam os membros do Clero, com belas indumentárias e valiosos anéis. Nesta parte os alunos concluíram que Erasmo, um Humanista, criticou o Papa, os Cardeais e os Bispos que se tornaram rivais dos príncipes, não se preocupado com os fiéis e ainda que valorizam muito os sinais exteriores de riqueza.

Para além destes dois críticos (Savonarola e Erasmo), também um teólogo inglês, Wycliff, foi condenado pela Igreja Católica por defender a importância das Escrituras, negando a autoridade papal. Para destacar este contributo, realizou-se a leitura do documento 2.



Documento 2- O Papel Inovador de Wycliff

Partindo das questões expostas pela docente os alunos conseguiram reter as seguintes ideias: Wycliff afirmou que as Escrituras eram suficientes para orientação dos fiéis, dispensado desse modo a interpretação quer do Papa, quer do Clero. Concluíram através do documento a necessidade de cada crente ter acesso à Bíblia e a partir dela fazer uma leitura e interpretação autónoma.

Assim, com base nestes documentos foi possível reter algumas das razões que estiveram na origem da crise da Igreja Católica nesta época. Por fim, foi referido pela docente o Grande Cisma do Ocidente, que teve uma longa duração desde o ano 1378 até 1417. Nessa explicação foi destacada a falta de acordo na eleição do Papa, o que proporcionou em simultâneo a existência de dois Papas, Clemente VII e Urbano VI. Estes contaram com o apoio de vários reinos que passaram a opinar sobre a eleição de cada Papa, criando alguns conflitos entre os Estados. Os católicos ficaram divididos na obediência a dois Papas, sendo um deles sediado em Avinhão, na França e outro em Roma. Em 1417, com a eleição do Papa, Martinho V, os cristãos voltaram a ficar unidos, sob a obediência do mesmo Papa. Em síntese, foi apresentado e analisado um esquema³⁰ (presente no diapositivo do PowerPoint³¹ da aula lecionada).

³⁰ Para ver em pormenor o esquema, consultar anexo XI.

³¹ Ver anexo XV.



Esquema I - Razões que desencadearam a crise da Igreja Católica

Através do esquema, foi possível concluir quais foram as razões que contribuíram para que a Igreja Católica entrasse em crise e fosse alvo de críticas, passando a existir a necessidade de uma mudança.

Após a exploração do esquema, a professora destacou que muitos foram os que desafiaram e desautorizaram a autoridade da Igreja, denunciando os seus comportamentos. Um desses críticos foi Martinho Lutero. Nesse sentido, foi lançada a questão à turma: Quem foi Martinho Lutero? Tendo por base a questão, os discentes expressaram não terem conhecimento desta personalidade, nem da sua importância no mundo de então. Assim sendo, antes de dar a conhecer a razão que contribuiu para a rutura com a Igreja Católica, foi necessário elucidar os alunos sobre quem foi Martinho Lutero, qual a sua importância e o seu contributo para o surgimento de uma nova Igreja. Para explicar quem foi esta personalidade foram expostos oralmente pela docente, alguns aspetos fundamentais da sua vida e das suas ideias.

Posteriormente a esta breve introdução, foram visualizadas várias partes do filme *Luther*³³, do realizador Eric Till, lançado em 2003. Antes da sua visualização foi entregue previamente um questionário³⁴ a cada aluno. Esse questionário continha questões relacionadas com as partes que os discentes iriam visualizar, as quais seriam respondidas depois. Primeiro, realizou-se uma visualização integral das partes selecionadas, e numa segunda vez, procedeu-se a uma visualização por partes, dando tempo aos alunos para responderem às questões relativas a cada tema. Nas primeiras cenas, os alunos perceberam quais foram as razões que contribuíram para que Lutero optasse pela vida religiosa. Ainda era possível verificar nas mesmas o desânimo e a sua

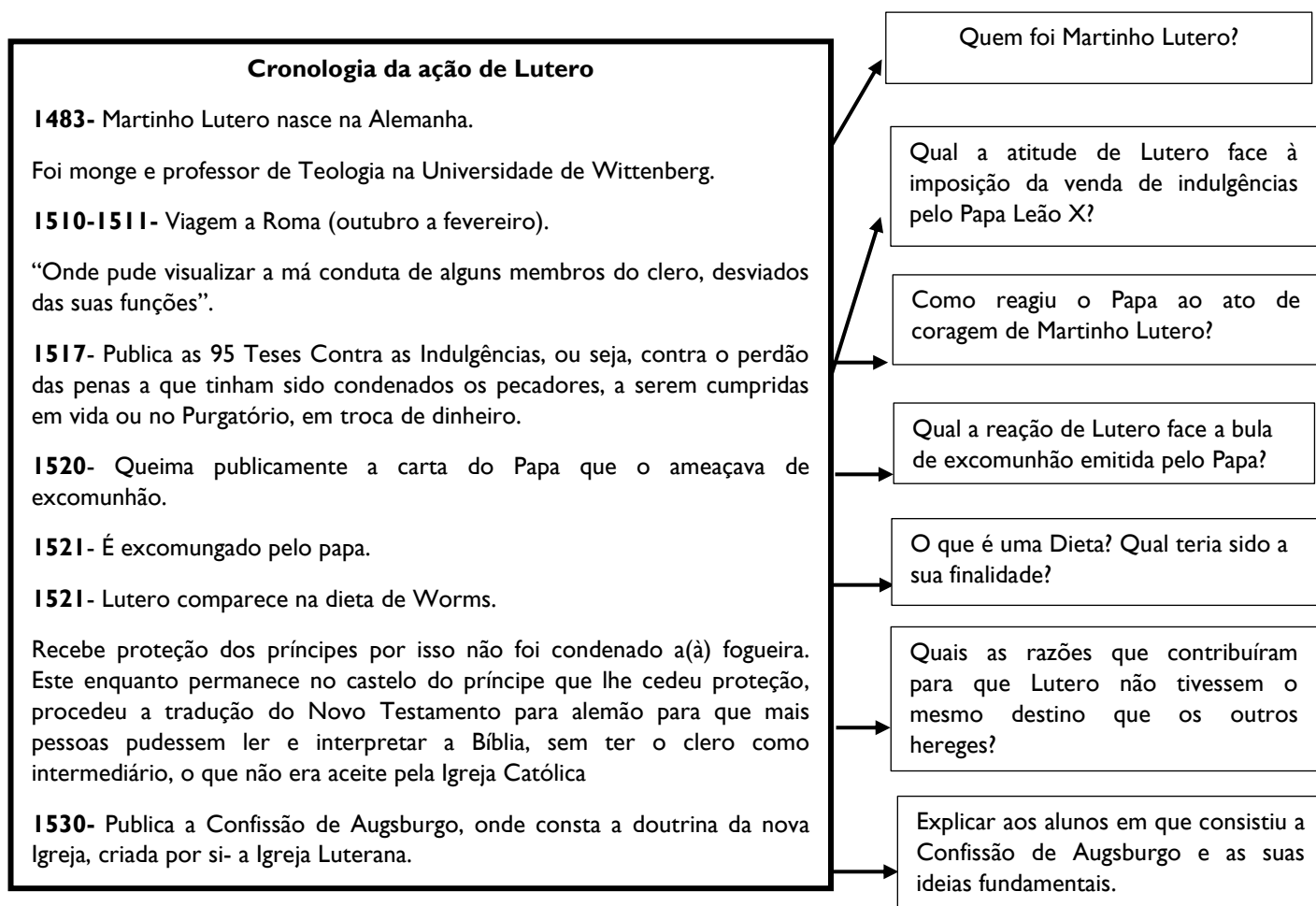
³³ Ver descrição em pormenor das partes visualizadas no anexo XII.

³⁴ Ver questionário de visualização das partes vistas no anexo XIII.

constante angústia relacionada com as inquietações sobre as questões da salvação. Nas últimas partes vemos Lutero em Roma, sendo retratado todo o ambiente de corrupção, de adoração às relíquias e a venda de indulgências. Perante tais condutas o próprio Martinho manifestou o seu descontentamento, destruindo o papel de indulgência que havia adquirido em nome do seu avô.

Após as duas visualizações foram dados aproximadamente 10 minutos para os alunos terminarem de responder às questões em falta, procedendo-se a sua respetiva correção. Foi pedida a colaboração de alguns alunos para exporem as suas respostas.

Tendo em vista, elucidar os discentes sobre outros domínios da ação de Martinho Lutero, foi solicitado aos alunos a abertura do manual escolar “O Fio da História” na página 78 e nesta analisámos a cronologia I, que se encontra de seguida.



Cronologia I- Ação de Martinho Lutero

A presente cronologia foi lida por um aluno, e a partir da qual a docente

interrogou a turma sobre a vida de Lutero. Através desta exploração os alunos conseguiram reter as seguintes ideias:

1. O ano do nascimento de Martinho Lutero, destacando que este foi monge, mas também professor de Teologia na recém-formada Universidade de Wittenberg.
2. A data da publicação das 95 teses contra as indulgências, e qual a reação do Papa perante tal audácia.
3. O ano da emissão e queima da bula de excomunhão, que a princípio não o excomungava, mas apelava a sua comparência em Roma num prazo de 60 dias.
4. A forma como Lutero manifestou a sua revolta face à emissão da bula de excomunhão, lançando a mesma à fogueira, como sinal de protesto.
5. O ano da realização da dieta de Worms, explicando o objetivo da mesma.
6. O apoio prestado a Martinho Lutero, que evitou que o profeta fosse condenado à morte na fogueira, sendo protegido pelo Príncipe Frederico III, passando a viver cerca de um ano no seu castelo.
7. A importância da Confissão de Augsburgo para os Luteranos, no qual passou a constar os pilares da nova igreja.

Esta cronologia permitiu a análise da vida e obra de Martinho Lutero após a publicação das 95 teses até à criação da Igreja Luterana.

De seguida, partindo da questão: “De que forma Lutero manifestou o seu descontentamento?” foi explorado o documento 3. Os alunos tiveram acesso a este documento através do PowerPoint passado na aula.



Documento 3- Afixação das 95 Teses contra às indulgências, em 1517.

Através do documento os alunos conseguiram concluir que este representou o momento em que Lutero afixou as 95 teses na porta da Catedral em Wittenberg. Foi oportuno explicar o conceito de indulgência e o porquê da sua imposição pelo Papa, referindo que estas já existiam desde a Idade Média. Todas estas ideias foram expostas pela docente.

Posteriormente, para os discentes tomarem conhecimento de algumas teses de Martinho Lutero, foi pedido a vários alunos que olhassem para debaixo das suas secretárias, e que retirassem o papel (documento 4) lá afixado. Este continha algumas das teses que Lutero afixou em 1517, na porta da Catedral de Wittenberg. As mesmas foram lidas e analisadas com a orientação da docente. Foram ainda debatidas quais as razões da afixação das teses e quais os comportamentos e figuras que foram criticadas nas mesmas.

As teses de Lutero

Por amor da Verdade, as teses seguintes serão discutidas em Wittenberg, sob a presidência de Martinho Lutero.

6- O Papa não tem o poder de perdoar culpa a não ser declarando ou confirmando que ela foi perdoada por Deus; ou certamente, perdoados os casos que lhe são reservados. Se ele deixasse de observar essas limitações, a culpa permaneceria.

32- Estão condenados para sempre os que creem, por meio de cartas de indulgência, estar seguros da sua salvação.

36- Todo o cristão verdadeiramente arrependido tem plena remissão da pena e da falta; ela lhe é devida mesmo sem cartas de indulgência.

41- Deve-se pregar com muita cautela sobre as indulgências apostólicas, para que o povo não as julgue erroneamente como preferíveis às demais boas obras do amor.

43- Deve-se ensinar aos cristãos, que dando ao pobre ou emprestando ao necessitado, procedem melhor do que comprassem indulgências.

86- Por que é que o Papa, cuja a fortuna hoje é a maior do que a do rico Crasso, não constrói com o seu próprio dinheiro a menos esta basílica de São Pedro, ao invés de fazê-lo com o dinheiro dos pobres fiéis?

Martinho Lutero, As 95 Teses contra as Indulgências (1517)

Documento 4- As 95 teses contra as Indulgências (1517)

Através do diálogo vertical foram debatidos quais os aspetos que Lutero criticou nas 95 teses. Esta atividade contribuiu para aprofundar os conhecimentos dos estudantes, encaminhando-os para algumas das ideias já veiculadas anteriormente, nomeadamente que Lutero condenou todos aqueles que acreditavam que mediante a obtenção de indulgências teriam acesso garantido ao reino celeste ou a diminuição de espera no purgatório. Lutero também teceu profundas críticas ao Papa, por prometer o perdão dos pecados pela simples doação de dinheiro.

Foi fundamental esclarecer os alunos que este movimento empreendido por Martinho Lutero, desencadeou uma mudança no mundo, contribuindo para a Reforma Protestante. Para o esclarecimento deste conceito, foi pedido aos alunos que referissem quais as ideias que tinham presentes sobre esta palavra³⁹. Desse modo exploraram-se as ideias tácitas que os alunos detinham sobre o conceito de Reforma. As ideias tácitas designam *“um conjunto de proposições que versam aspetos da História, construídos a partir de uma pluralidade de experiência pessoais e sociais, e ou mediatizadas pela fruição dos artefactos expressivos e comunicativos. O adjectivante tácito deve-se ao facto dos indivíduos não reconhecerem esse conhecimento como independente e/ou concorrente do conhecimento científico ou curricular”* (Melo, 2009: 15). Ou seja, os estudantes possuem um conjunto de ideias pré-concebidas sobre uma multiplicidade de assuntos cabendo aos docentes explorar essas ideias a fim de clarificar e aprofundar esse conhecimento.

A aula terminou com a referência, pela docente, das temáticas que seriam alvo de estudo na lição seguinte. Nesta procederíamos a análise da reação da Igreja Católica face à afixação das 95 teses por Lutero, bem como dos acontecimentos e consequências que se sucederam a este ato.

2ª Aula (45 minutos)

A aula⁴⁰ iniciou-se com uma recapitulação dos conteúdos lecionados na aula anterior. Posteriormente, partindo da afixação das 95 teses, foi estudada qual das grandes figuras da época se manifestou face ao conteúdo das mesmas. Neste pressuposto, foi analisado o documento 5, através do qual os discentes conseguiram

³⁹ Ver diapositivo relativo a esta componente no anexo XIV.

⁴⁰ Para mais esclarecimentos consultar planificação desta aula no anexo XIV.

concluir qual a posição do Papa, através de uma passagem presente na Bula *Exsurge Domine*.

A Condenação de Lutero pela Santa Sé

Erguei-vos, Pedro, [...]. Bem avisastes que viriam falsos mestres contra a Igreja Romana, para introduzir seitas ruinosas, atraindo sobre eles rápidas condenações. As suas línguas são de fogo, [...], cheias de mortal veneno. [...] No que se refere ao próprio Martinho, ó bom Deus, de que nos descuidamos ou o que deixamos de fazer? Nós a té lhe oferecemos um salvo-conduto e o dinheiro necessário para a sua viagem, apressando-o a vir sem medo e desconfiança [...] Se ele tivesse feito isso, estamos certos de que ele poderia ter mudado o seu coração e poderia ter reconhecido os seus erros. [...].

Leão X- Bula *Exsurge Domine* (1520).

○ Papa manifesta-se favorável as ideias proclamadas por Lutero?

Houve tentativas por parte do Papa para mudar as ideias de Lutero?

Documento 5- A condenação de Lutero pela Santa Sé

Este documento foi lido por um aluno à escolha da docente enquanto os restantes acompanharam a leitura.

O tipo de leitura seguiu o processo adotado nos documentos anteriores. Após, a leitura do documento 5 e a exploração das ideias questionadas pela docente, os alunos conseguiram reter que a Igreja condenou a atitude deste monge. Ainda concluíram que o Papa chamou Lutero a Roma, a fim de esclarecer esta situação, tendo em vista o encaminhar para o caminho certo, segundo os princípios da Igreja Católica. Relativamente a este documento foi necessário esclarecer os discentes do significado de bula, e a sua importância no período estudado.

Partindo do enunciado no documento 5, os alunos foram informados do porquê da recusa e do medo de Lutero em deslocar-se a Roma, receando ser considerado um herege.

O Papa, ainda tentou demover Lutero das suas ideias, ameaçando-o com pena de excomunhão, sem, contudo, obter qualquer tipo de sucesso.

Para perceber qual a reação de Lutero, face à pena de excomunhão emitida pelo Santo Pontífice, analisamos o documento 6.



Documento 6- Lutero queima publicamente os livros de direito canônico e a bula de excomunhão, 1557

Através da exploração do documento 6, os discentes perceberam que Lutero carregava a bula de excomunhão que o afastava do mundo católico e condenou algumas das suas teses como heréticas e perversas. No mesmo documento foi possível ver Lutero carregado além da bula os livros de direito canônico. Na mesma concluímos que Lutero como sinal de protesto, cansado da excessiva autoridade do Papa, lançou a bula *Exsurge Domine* à fogueira. Face a esta atitude foi necessário relembrar aos alunos o significado de excomunhão. Na aula lecionada, os alunos assimilaram que Lutero foi afastado da Igreja Católica, não sendo mais permitida a sua participação nas celebrações religiosas, nem o acesso aos sacramentos.

Para além da palavra da Santa Sé, foi importante que os alunos ficassem a conhecer a perspetiva do imperador Carlos V, acerca da ideologia de Lutero. Desse modo, para os elucidar deste assunto lemos o documento 7.

A leitura do dito documento realizou-se de forma faseada, visando esclarecer possíveis dificuldades de vocabulário e outros aspetos pertinentes.

O imperador Carlos V responde a Lutero

É claro que um irmão está errado quando sozinho contradiz a opinião de toda a Cristandade que estaria errada desde há mil ou mais anos. Estou, pois, disposto a comprometer os meus reinos, o meu corpo, o meu sangue, a minha vida e a minha alma. Pois seria, uma vergonha para nós e para vós se, no nosso tempo e devido a desleixo nosso a simples aparência da heresia penetrasse no coração dos homens.

Carlos V, séc. XVI (adaptado).

Qual a opinião do Imperador Carlos V face às ideias proclamadas por Lutero?

Será que o Imperador Carlos V empenhou-se em conter as ideias difundidas por Lutero?

Documento 7- Resposta do Imperador Carlos V a Lutero.

Após a leitura do documento os alunos conseguiram reter as seguintes ideias:

1. Carlos V não concordava com as ideias de Lutero;
2. O próprio Imperador estava empenhado em conter o avanço dessas ideias a fim de evitar que os ideais defendidos por Lutero expandissem.

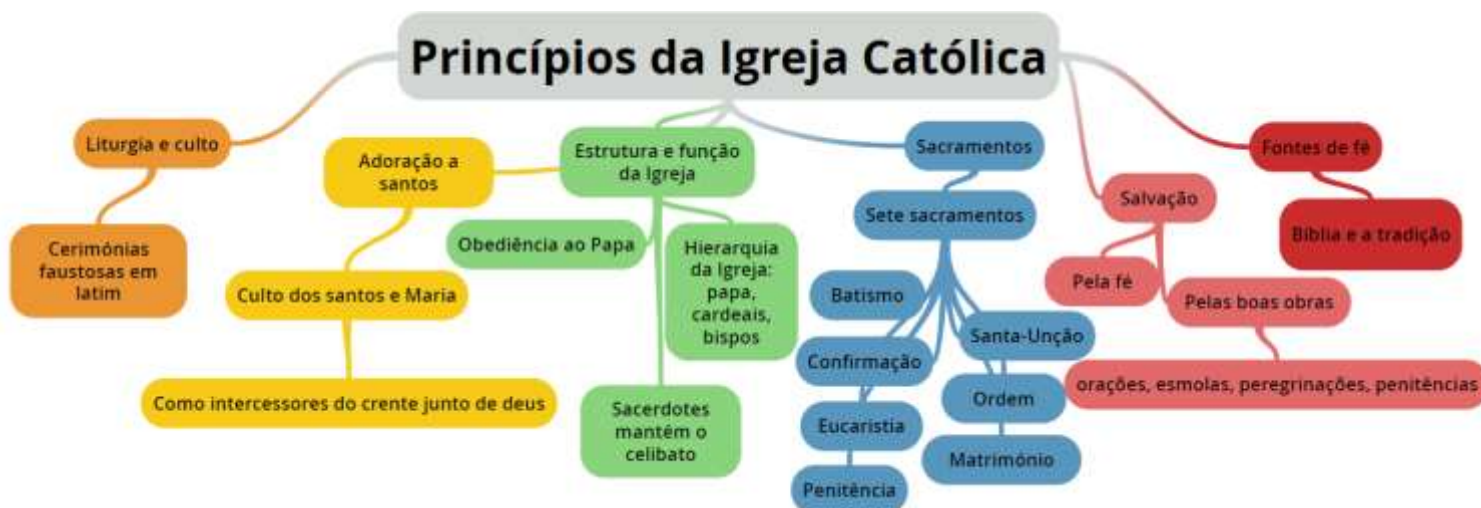
Com a exploração dos documentos 6 e 7, pretendeu-se que os alunos concluíssem que Lutero obteve forte oposição, mas que isso não foi razão suficiente para o fazer recuar nas suas convicções, pelo contrário, a oposição reforçou a sua vontade em provar que a sua visão era aquela mais próxima do Cristianismo primitivo.

Contudo, foi fundamental esclarecer ainda os estudantes que Lutero teve quem lhe concedesse proteção e que esse apoio permitiu-lhe sobreviver. O Príncipe Frederico III, da Saxónia, destacou-se como um dos seus protetores, dando-lhe refúgio no seu castelo durante meses, sendo precisamente aí que Lutero começou a tradução da Bíblia para alemão. Foi, também, durante esta estadia no castelo do dito príncipe que compôs a doutrina da Igreja Luterana.

De seguida, passou-se então ao estudo dos pilares constituintes da Igreja Luterana. Através do diálogo vertical, os alunos foram questionados sobre como se obtinha a salvação na Igreja Católica, quais os sacramentos válidos naquela época. Outro aspeto fundamental foi compreender, qual era, para os católicos, a fonte de fé, quais as funções dos sacerdotes, como eram realizadas as cerimónias e ainda como decorria a celebração da liturgia. Após uma exploração oral, estas ideias foram aprofundadas

através de um mapa mental interativo, criado pela docente numa ferramenta *online*, chamada *Exam Time*⁴², que visava clarificar e sistematizar as ideias.

O mapa mental, ou esquema concetual foi analisado por partes. Por exemplo, foram exploradas as fontes de fé e destacada a importância de cada uma delas, na salvação, foi explicado o modo de obtenção da mesma, e também quais os sacramentos válidos naquela época pela Igreja Católica. O mesmo método foi aplicado ao restante esquema.



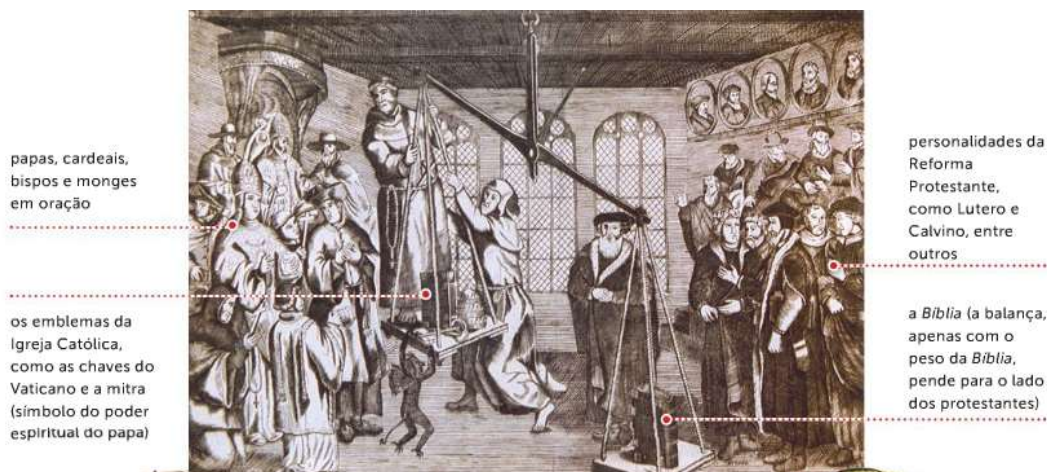
Esquema 2- Princípios da Igreja Católica

Quando este esquema foi integrado na aula lecionada, pôde-se constatar uma compreensão destes conteúdos, sendo os estudantes capazes de explicar as ideias transmitidas. Tal como refere Cañas, “a utilização destas ferramentas promove simultaneamente a aprendizagem ativa e significativa” (Cañas 2003, citado em Miranda & Morais, 2009:26). Novak e Gowin 1996, apontam que o uso de esquemas conceptuais ajuda os estudantes tornando “evidentes os conceitos chave ou as proposições a aprender, sugerindo, além disso, ligações entre o novo conhecimento e o que ele ou ela já sabem” (Novak & Gowin, 1996:39).

Após a exploração das características que sustentam a Igreja Católica, analisámos, em moldes semelhantes, os pilares da Igreja Luterana.

⁴² Esta ferramenta online é gratuita e permite além da criação de esquemas mentais, *quizzes*, *flashcards*, notas, slides, e calendários de estudos. Relativamente aos esquemas concetuais, estes têm a particularidade de movimentar-se rápida ou lentamente, sendo possível o seu ajustamento. Além de possuir esta particularidade, pode ser utilizada em *tablets*, ou *smartphones*. É possível aceder à página desta ferramenta em <https://www.goconqr.com/pt/examtime/>.

Para a aprendizagem dos pilares que constituem a Igreja luterana exploramos o documento 8, na qual os alunos puderam constatar a importância atribuída pelos ministros católicos ao culto dos santos, por oposição à Igreja Luterana que atribuiu importância somente à Bíblia. Com a exploração do dito documento pretendeu-se que os alunos retivessem a relevância atribuída às Sagradas Escrituras para os Luteranos, sendo para estes a verdadeira fonte de fé.



Documento 8-O Peso da Bíblia, gravura da Propaganda do Protestantismo, 1562.

Tendo como objetivo que os discentes retivessem quais os sacramentos válidos da Igreja Luterana, analisamos o documento 9.



Documento 9- Templo Luterano (pintura de 1561)

O documento 9 é uma ilustração na qual encontramos a celebração do Batismo e da Eucaristia, verificando-se que a comunhão dos fiéis realiza-se sob as duas espécies: o

pão e o vinho, tão defendida pelos Luteranos. No mesmo documento é possível verificar a importância do pregador presente no púlpito detendo a função de leitura e interpretação da Bíblia.

A fim, de sintetizar os princípios doutrinários da Igreja Luterana, foi projetado um outro mapa mental, criado, novamente, na ferramenta *Exam Time*.



Esquema 3- Pilares da Igreja Luterana

Desse modo, os alunos concluíram da análise dos documentos anteriores as diferenças apresentadas no Quadro I.

Dogmas	Igreja Católica	Igreja Luterana
Salvação	Pela fé e boas obras	Salvação pela Fé
Fontes de Fé	Sagrada Escritura	Sagrada Escritura
Sacramentos	Sete Sacramentos: Batismo, Confirmação, Eucaristia, Penitência, Santa Unção, Ordem, Matrimônio	Dois Sacramentos: Batismo e Eucaristia
Conceção e	O Papa é o chefe da Igreja;	Recusa da Autoridade do Papa;

papel da Igreja	Celibato eclesiástico; A Igreja é intermediária da Salvação.	Celibato não obrigatório; Igreja útil à salvação.
Veneração da Virgem e dos Santos	Culto à Virgem Maria e aos Santos; A missa celebrada por um sacerdote, e este é o centro do culto	Recusa do culto da Virgem Maria e dos Santos; Culto simples, leitura da Bíblia orientada por um pastor, sermão e Eucaristia.

Quadro I- Diferenças da Igreja Católica e Luterana

Estudados os pilares da Igreja Luterana, e comparados com a Igreja Católica, tornou-se importante dar a conhecer aos discentes os espaços interiores dos templos católicos e luteranos. Para tal, passamos à exploração de dois documentos (10 e 11). No documento 10, podemos observar a ornamentação de uma Igreja Católica, na qual foi possível a visualização de imagens de Santos e o predomínio de grande riqueza ornamental. Por outro lado, a Igreja Luterana, apresentada no documento 11, opta pela simplicidade, não sendo ricamente decorada e permitindo apenas a imagem do crucifixo. Toda a importância do culto estava concentrada na Tribuna, na qual o orador procedia à oração, ao canto e à leitura das Sagradas Escrituras.



Documento 10- O luxo da Igreja- A decoração das igrejas (imagens, tapeçarias, objetos em ouro e prata contrastava com o ideal de pobreza evangélica proposto pelo Cristianismo primitivo.

Documento 11- Templo da Igreja Protestante (1561) – Sem imagens, toda a importância do culto recai na tribuna (no centro), de onde o pregador faz as orações, canta e lê os Evangelhos.



A exploração destes documentos foi imprescindível para os alunos adquirirem competências de análise crítica que lhes permitiu distinguir os templos católicos dos luteranos. Ainda foi necessário explicar em que consistiu essa diferença, nomeadamente, sublinhando que as primeiras eram mais ornamentadas e ricamente decoradas, prevalecendo imagens da Virgem Maria, dos Santos e o crucifixo. Por outro lado, os templos luteranos destacavam-se pela sua simplicidade e pela total ausência de imagens de Santos e da imagem da Virgem Maria.

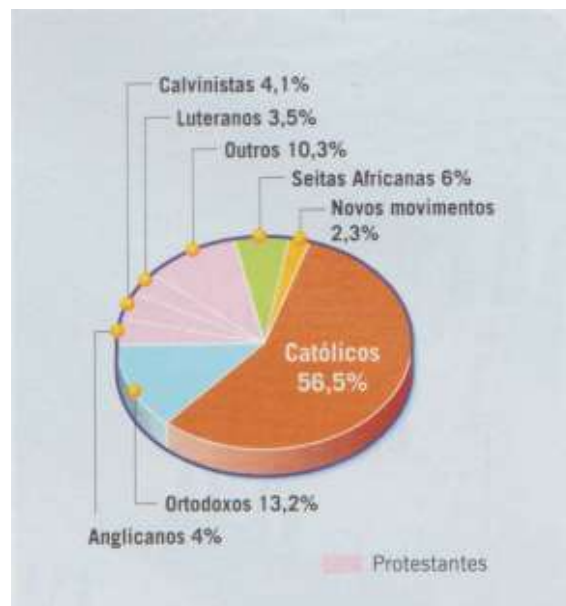
Para terminar esta unidade didática a docente analisou juntamente com os alunos o documento 12, que apresenta a divisão religiosa no século XVI.



Documento 12- A Divisão religiosa da Cristandade no século XVI

Um outro aspeto que se pretendeu desenvolver com a exploração deste mapa, foi a compreensão do processo de expansão do Luteranismo para a Prússia, a Estónia, a Finlândia, a Noruega e a Suécia. Também se salientou que a partir do nascimento desta Igreja, outras se vieram a erguer, como, por exemplo, a Igreja Calvinista, levada a cabo por João Calvino e, em Inglaterra, a Igreja Anglicana que seriam estudadas nas aulas seguintes.

Para terminar procurou-se elucidar os discentes sobre como se encontra o mundo cristão na atualidade através do documento 13, retirado de um manual escolar e apresentado aos discentes na presente aula em PowerPoint.



Documento 13- Passado/Presente- O Cristianismo na Atualidade

Procurou-se através do diálogo vertical, sublinhar que na atualidade existe um esforço de coexistência entre as diversas igrejas cristãs e várias iniciativas ecumênicas, mas apesar desses esforços continuam a existir diferenças e, por vezes algumas dificuldades de diálogo. Também salientou-se que as igrejas protestantes são parte do universo cristão e não uma religião diferente e que esse mundo cristão foi capaz de ultrapassar um passado de violência e intolerância.

6.1. Objetivos da Proposta Pedagógica

Com estas duas aulas pretende-se o cumprimento das metas curriculares (Ribeiro; Nunes; Cunha, 2013) estipuladas para o 8º ano, com a intenção de:

Conhecer e compreender a Reforma Protestante

1. Identificar os fatores que estiveram na base de uma crise de valores no seio da Igreja e a crescente contestação sentida, sobretudo no início do século XVI.
2. Relacionar o espírito e valores do Renascimento com as críticas à hierarquia e o apelo ao retorno de um Cristianismo primitivo.
3. Descrever a ação de Martinho Lutero como o decisivo momento de rutura no seio da Cristandade Ocidental.

4. Caracterizar as principais igrejas protestantes (luterana, calvinista e anglicana).
5. Identificar as principais alterações introduzidas no culto cristão pelo reformismo protestante.
6. Relacionar o aparecimento e a difusão das igrejas protestantes com as condições e com as aspirações políticas, sociais e económicas da Europa central e do Norte.

Com a lecionação deste tema, pretendeu-se dar uma visão do ambiente vivido no período anterior à Reforma Protestante, período esse no qual a palavra protestante apresentava um significado negativo. Partindo desta questão pretendeu-se chamar a atenção dos discentes para a necessidade de respeitar sempre o outro independentemente das suas ideologias, inclusive a sua religião.

Após a lecionação desta temática é necessário fazer um balanço da mesma, tendo em vista concluir se os materiais usados contribuíram para uma aprendizagem deste tema. De um modo geral, os alunos gostaram dos materiais selecionados, nutrindo empenho e participação nas diferentes tarefas, demonstrado à docente que os materiais selecionados ajudaram a entender a temática: A Reforma Protestante e o nascimento do Luteranismo.

Antes da devida justificação da escolha dos materiais selecionados anteriormente para a lecionação deste tema, consideramos que é fundamental destacar a importância da disciplina de História, e das dificuldades que esta defronta na atualidade.

7. Importância do estudo da História

A História é a ciência que estuda o passado da humanidade e o seu processo de evolução das sociedades no tempo e no espaço, ou seja, a História tenta decifrar “*tudo quanto o homem diz ou escreve, tudo quanto fabrica, tudo em que toca, pode e deve informar a seu respeito*” (Bloch, 1976: 61). Esta tem um valor informativo desmedido tentando compreender o passado, a fim de interpretar melhor o presente e o futuro. Essa reconstrução do passado é levada a cabo pelos historiadores, que atuam como investigadores tentando reconstruir todos os aspetos do passado longínquo. Essa

reconstrução é feita através dos documentos, dos artefactos, das vivências e de outros vestígios que compõem a vida da Humanidade.

A disciplina de História contém uma carga informativa vasta, sendo o seu objetivo compreender o passado, a fim de criar indivíduos mais autónomos, mais conscientes da sua importância no mundo de então, sendo capazes de atuar no presente, criando um futuro brilhante. Assim, a História, ao contrário de outras áreas do saber que se preocupam em dar respostas técnicas e unilaterais, esta visa dar resposta a situações mais complexas (Mattoso, 1996). Este autor também defende que o estudo da História deve contribuir para a aquisição da *“noção da infinita complexidade das formas de sociabilidade pelas quais o homem foi adaptando ao mundo, da relatividade das soluções encontradas através dos tempos pelas diversas culturas na sua relação com a natureza”* (Mattoso, 1996: 21). Também Alves (2009), realça a importância da História, considerando que esta deve criar *“pontos de referência que diminuam a angústia e a incerteza do presente”* (Alves, 2009: 21). Portanto, a História deve ser entendida como *“uma forma de estar na vida, na sociedade, no exercício da cidadania. A sua utilidade vê-se na falta que faz àqueles que não entenderam que até o útil tem que ser belo e a beleza do presente tem os parâmetros da compreensão do passado* (Alves, 2009: 20).

Marília Gago, refere que a História tem uma carga emotiva forte, no qual afirma que *“aprender história será aprender-se a si próprio, isto é, ao acentuar-se a dimensão temporal da identidade pessoal há uma tomada de consciência de si e do seu tempo”* (Gago, 2008: 57).

Apesar do valor formativo da História, esta disciplina é muitas vezes menosprezada em relação às outras, considerada uma matéria complexa, cheia de factos ocorridos em séculos passados, sendo, contudo, defendido por vários autores a necessidade de compreender o seu valor. Nesse sentido, Mattoso, considera que é necessário estar *“convencido que sem ela não se pode compreender o mundo em que vivemos”* (Mattoso, 1996: 13-14). Tendo em conta as ideias destes autores e do seu valor informativo, é fundamental que a História detenha o mesmo reconhecimento que as restantes disciplinas ligadas às ciências, porque *“sem a história não se pode ter a noção de espaço e de sociedade”* (Mattoso, 1998: 3).

7.1. Noções que os alunos detêm da História

Outro assunto pertinente, que desenvolvo está relacionado com o conhecimento tácito dos alunos, mais concretamente o conhecimento dos alunos sobre muitos dos conteúdos temáticos da disciplina de História.

Quando estamos a lecionar uma nova unidade temática, devemos ter sempre em conta o conhecimento que os nossos alunos já possuem sobre esses mesmos conteúdos, pois *“quando os jovens chegam à escola, a sua vida não é uma “tábua rasa”, vazia de conhecimentos”* (Trindade, 2015: 146). É nesse sentido que Isabel Barca (2001) e Sara Trindade (2015) defendem que as crianças quando chegam à escola, possuem um conjunto de ideias preconcebidas sobre diversas temáticas da disciplina de História, sendo que essas ideias provêm do *“meio familiar, da comunidade local, dos media, especialmente a TV, constituem fontes importantes para o conhecimento histórico dos jovens, que a escola não deve ignorar nem menosprezar”* (Barca, 2001:15). Também Maria do Céu Melo destaca que já foram desenvolvidos muitos estudos sobre as ideias já adquiridas pelos alunos e que detetaram que essas ideias possuem as seguintes características *“são baseadas nas experiências e vivências pessoais dos alunos; são geradas por processos primários de abstração e problematização; muitas das ideias pertencem ao domínio das crenças; enraizadas no universo cultural dos indivíduos e como tal têm uma permanência de longa duração e oferecendo resistência a mudanças abruptas (...)”* (Melo, 2001: 45).

Na atualidade, os alunos possuem cada vez mais influências, que são fruto em grande parte das tecnologias digitais, que permitem um acesso a um leque cada vez mais variado de fontes de informação. Portanto, a compreensão dos conceitos em História tem de partir da analogia com a realidade humana vivida pelos alunos. Diante disso, os conhecimentos já adquiridos pelos discentes devem ser aproveitados, não devendo os mesmos ser considerados inadequados ou vistos como um conjunto de "disparates" (Barca & Gago, 2000). O trabalho do professor de História passa essencialmente por *“examinar tais ideias, desmontá-las e estabelecer relações ou contrastes entre elas e os conceitos históricos que se pretende trabalhar”* (Barca & Gago, 2000: 9). Este conhecimento que os alunos já possuem, designado de conhecimento tácito, requer que o professor o explore, a fim de perceber quais as perceções que os alunos

detêm sobre os conteúdos, tendo como finalidade esclarecer a realidade que pretendemos transmitir aos nossos alunos.

Olga Sardoeira, no seu artigo “*Qual a utilidade da História para as crianças*”, refere que as crianças apresentam desde muito cedo algum conhecimento na vertente da área de História, sendo que até algumas crianças com seis anos de idade já apresentam algum conhecimento, considerando-se esclarecidas na área (Sardoeira, 2004).

Contudo, deve-se investir cada vez mais na necessidade de refletir, ou como afirma, Olga Sardoeira, deve-se trabalhar com a finalidade da História, não limitar os nossos alunos ao conhecimento de todas as revoluções, datas e conflitos, mas criar neles espírito crítico, para que possam problematizar sobre as razões que motivaram esses conflitos e as suas consequências no tempo decorrido, e na atualidade. Por isso, a História não pode continuar a ser uma disciplina que se ensina e se estuda apenas para passar. Deve-se demonstrar a sua finalidade, criando nos alunos a ideia que esta “*é uma coisa boa para pensar*” (Sardoeira, 2004:14). Portanto, vindo deste prisma, não há qualquer tipo de argumento que consiga diminuir a sua importância.

7.2. Problemas que a disciplina enfrenta

Um dos problemas recentes enfrentados pelos docentes de História está relacionado com a falta de interesse dos discentes pela disciplina. Somos frequentemente interrogados pelos discentes com a seguinte questão “*Porquê que preciso de saber o que já aconteceu há milhões de anos?*”.

Portanto, é necessário destacar a importância da disciplina. Neste sentido, os alunos devem ter conhecimento do valor formativo da História quando contactam pela primeira vez com esta disciplina, procurando assim evitar este tipo de questões, também é função dos docentes apostar em estratégias que promovam maior motivação e interesse pelo estudo (crítico) da disciplina.

Contudo, antes de propor medidas, é necessário compreender as razões que contribuem para o desinteresse pela disciplina de História. Uma hipótese que julgo que condiciona o interesse dos alunos por esta disciplina baseia-se ainda numa prática de ensino tradicional, recorrendo ao uso do manual como único meio para a exploração

dos conteúdos temáticos. Esta prática de ensino expositivo pode estar relacionada com a existência de uma classe de professores mais envelhecidos que ainda nutre grande resistência na introdução de novas tecnologias, recorrendo apenas à narração dos factos históricos.

Na atualidade é um risco optar por uma aula expositiva, pois os alunos não se sentem integrados na aula, acabado por a considerar aborrecida e cansativa. Portanto, um professor ao pensar numa aula, deve apostar numa em que os alunos sejam o centro da aprendizagem, e eles os construtores do seu próprio conhecimento, enquanto o docente detém a função de orientar a construção desse conhecimento.

Uma aula rica e diversificada de estratégias tem a peculiaridade de cativar os alunos, pois é uma aula que se desvia dos moldes tradicionais, o que por si só permite que o aluno se sinta mais motivado, logo isso é um passo fundamental para a compreensão dos conteúdos, pois a nossa mente tende a reter com mais facilidade aquilo que achamos interessante.

Porém, a inovação e a aplicação de diferentes estratégias que tenham em vista cativar os alunos apresenta alguns obstáculos, nomeadamente por causa da extensão do programa e da pouca carga horária atribuída para a sua lecionação. Neste caso foco-me no bloco letivo atribuído ao 8º ano, ano curricular onde desenvolvi a minha Prática Pedagógica Supervisionada. Um bloco de 90 minutos por semana era insuficiente para a elevada quantidade de matéria e até para a compreensão dos próprios conteúdos que requeriam mais tempo para uma aprendizagem eficiente. Em síntese a carga horária atribuída a História, é reduzida quando comparada com as línguas que apresentam um total de 600 horas (total do ciclo) para o Português e 720 para as línguas estrangeiras (o Inglês e o Francês). Enquanto que o agrupamento das Ciências Humanas e Sociais que agrupam a História e a Geografia apresentam 600 tempos letivos para o 3º ciclo⁴⁵. No entanto, cada escola possui autonomia para atribuir a carga horária consoante o ano mais conveniente, desde que tenham em conta o respeito da carga horária atribuída ao ciclo.

⁴⁵ Veja-se em pormenor o Decreto-Lei 139/2012, de 5 de julho, no qual é estabelecida a carga letiva semanal de cada uma das disciplinas existentes em cada ciclo de estudos, desde o 2º ciclo ao ensino secundário, em http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/Legislacao/dl_139_2012.pdf (Acedido em 01/06/2017).

Por isso, as nossas aulas eram assentes no uso de diferentes estratégias tentando desenvolver o máximo de conteúdos em pouco tempo, e nessas aulas tentávamos desenvolver estratégias que tendiam a envolver os alunos apelando à sua participação e empenho tentando que estes fossem os construtores do seu próprio conhecimento, sendo o professor apenas o orientador desse mesmo conhecimento. Sara Trindade (2014), refere que a partir da reforma dos anos 80, passou a predominar este tipo de ensino mais ativo que privilegia o desenvolvimento das capacidades e das aptidões dos alunos. A aplicação de tal forma de ensino permite a libertação de práticas tradicionais, como o recurso frequente a narração (Trindade, 2014). Nesse sentido, a investigadora Isabel Barca propôs um modelo de aula “aula-oficina” que permite que o aluno aprenda a construir o seu conhecimento deixando o professor de ser o único detentor do saber, sendo este apenas um facilitador da aprendizagem. Alguns defensores do construtivismo defendem *“a participação ativa do aluno na pesquisa e realização das atividades através das quais o projeto se concretiza e conduz, por isso, a novas formas de aprendizagem, nas quais o aluno é chamado a construir o seu próprio saber”* (Manique & Proença, 1994: 16). Identicamente, Angelina Aguires Ngungui realça as vantagens dos pressupostos desta aprendizagem *“construída pelos próprios indivíduos”* daí propor *“a necessidade de dar voz aos alunos e procurar entender as suas ideias”*, também acrescenta que *“as crianças e jovens vêm para a escola, para a sala de aula, com os seus próprios conhecimentos (prévios) que é imprescindível considerar”* (Ngungui, 2017: 15). Romero Tavares refere que o construtivismo é um *“processo no qual o aprendiz relaciona a informação que lhe é apresentada com seu conhecimento prévio sobre esse tema* (Tavares, 2007: 1). Para Fernando Becker 2009, o construtivismo designa a *“ideia de que nada, a rigor, está pronto, acabado, e de que, especificamente, o conhecimento não é dado, em nenhuma instância, como algo terminado”* (Becker, 2009: 2). O precursor desta teoria cognitiva foi Piaget, a cerca de 70 anos. Este acreditava *“que o ser humano é um organismo em desenvolvimento, não só no sentido físico e biológico, mas também no sentido cognitivo, (Fosnot, 1999:30) uma vez que o conhecimento não é recebido passivamente, mas construído pelo sujeito cognitivo”* (Glaserfeld, 1995: 46).

7.3. Soluções para inverter este quadro

7.3.1. O uso do cinema como ferramenta didática

Uma solução que proponho a fim de combater o desinteresse dos alunos na disciplina de História, passa pela utilização de meios audiovisuais, mais concretamente o uso do filme na sala de aula. Esta perspetiva é apresentada em virtude das características das turmas onde desenvolvi a Prática Pedagógica Supervisionada. Nas primeiras aulas que lecionei, pude verificar que os alunos consideravam a matéria mais atrativa sentindo-se motivados quando eram visualizados fragmentos de filmes relacionados com os temas a ser desenvolvidos. Gomes (1973) destaca o motivo de tal aspeto, ao referir que a maior parte da informação é recolhida através da visão, mais concretamente daquilo que observamos, mas também da audição, ou seja, o que ouvimos. É fundamentalmente através destes dois sentidos que conseguimos reter a maioria da informação imprescindível para a constituição dos nossos saberes e conhecimentos. Todavia, a visão é, de todos os sentidos, aquela que permite uma maior aquisição de informação. Por isso, a imagem sempre teve e terá um papel de destaque na aprendizagem e formação do indivíduo. Mas quando pensamos na imagem deve-se ter em conta, que nem todas as imagens são apelativas, e indicadoras de conhecimento, pois a imagem em movimento cria um maior impacto, estabelecendo uma maior emoção no público (Gomes, 1973). Este aspeto é completamente notório nas escolas, onde os alunos se sentem mais fascinados pelas imagens em movimento do que pelas imagens estáticas. Ao longo de um ano de estágio pedagógico apercebi-me desta realidade e, perante tal perceção, estruturei as minhas aulas introduzindo mecanismos que as tornassem mais atrativas, motivando assim os meus alunos. Ferronha, defende que *“um professor que utilize um programa de televisão, um programa de rádio, um videograma, um artigo de um jornal, diapositivos, uma música, está a tornar a sua aula mais atualizada e mais interessante para os alunos”* (Ferronha, 2001: 33)

Desse modo, a principal estratégia pedagógica adotada para a didatização do tema trabalhado neste relatório passou pela utilização do cinema enquanto recurso pedagógico. A palavra cinema provém da palavra latina *Kinema*, possuindo o significado de imagem em movimento (Lima, 2015). Este autor afirma que a imagem em movimento tem o benefício de nos colocar uma *“representação da realidade social da*

época em que vivem ou até mesmo das épocas passadas (...)”, permitindo ao espectador retirar uma mensagem oculta ajudando a compreender o mundo e ter um papel de transformação nesse meio (Lima, 2015).

A introdução do cinema ocorre com mais frequência nas disciplinas das Humanidades, como a História, a Literatura, a Filosofia, a Geografia e as Línguas Vivas que estão mais recetivas a este novo modelo de aula (Pinto, 1999). Relativamente à História, o cinema enquadra-se bem no seu ensino porque a ideia predominante é que *“um filme é uma história contada por imagens, mas sempre temos a impressão de que um filme conta uma história”* (Lima, 2015: 95). Tiago Reigada (2013) destaca que a introdução do filme histórico na sala de aula visa levar os alunos a perceber *“que a disciplina de História não pretende apenas estudar o passado, mas sim pensar o passado para compreender o presente; o filme deverá, também, obedecer a esta prerrogativa”* (Reigada, 2013: 70-71).

Desse modo devido à existência de vários filmes que retratam factos históricos, os docentes devem aproveitá-los, fazendo uso deles nas suas aulas, mas tendo sempre em conta que os mesmos devem estar adequados às idades dos estudantes. Os nossos alunos já possuem uma bagagem de visualização de filmes e programas televisivos e por isso o uso destes traduz-se numa mais valia, sendo aproveitados os conhecimentos que os alunos já têm adquirido, passando a função do docente pela exploração e clarificação dessa cultura fílmica (Pinto, 1999).

Em razão disso, Isabel Margarida Ribeiro Nogueira, professora de História do 3º ciclo do Ensino Básico e Secundário, refere que *“o filme pode ser utilizado como fonte primária e como artefacto estético, mas também como ajuda á leção da História”* (Nogueira, 2000: 42). Ainda acrescenta que *“Deve (...) frisar-se que os alunos, para além de exigirem muitas competências do professor, desejam que ele os saiba compreender e entusiasmar”* (Nogueira, 2000:42). Daí que a utilização do filme em contexto de sala de aula possa ser um recurso benéfico, contribuindo para o aumento da cultura histórica dos discentes, dando-lhe a oportunidade de, através dos filmes, poderem ter acesso a uma reconstrução do passado embora condicionada pela existência de alguns erros. Nesse sentido Lima 2015, destaca que *“é preciso entender que o filme não é reconstituição do passado ou insurreição da realidade, mas sim, uma representação da mesma, onde o autor que produz um determinado filme faz um recorte da realidade de acordo com as visões*

[do] mundo de um determinado processo histórico” (Lima, 2015: 100). Por isso, as narrações reproduzidas nos filmes não representam a realidade dos acontecimentos, mas esses erros devem ser analisados estrategicamente pelo professor e os estudantes, sendo que esta análise pode permitir a construção do conhecimento pelo próprio aluno.

Portanto, o filme pode ser usado como *“uma arma de que o professor dispõe para impedir o desinteresse e a passividade, implementando um sentido crítico e ativo na sala de aula”* (Nogueira, 2000: 42). Desse modo com a utilização do filme os docentes têm em vista alcançar dois objetivos: *“o de ensinar história e, simultaneamente, o de acostumar os espíritos jovens, ainda muito maleáveis, a ver no [filme] um modo de expressão plástica, de investigação intelectual e de meditação moral (...)”* (Nogueira, 2000: 42). Também Fonseca, refere que o uso do audiovisual no ensino pode *“ser usado apenas como um pretexto para a compreensão dos aspetos que não dizem respeito apenas ao filme, mas a partir do filme”* (Fonseca, 2016:417).

Napolitano 2004, acrescenta que: *“Trabalhar com o cinema em sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte”* (Napolitano, 2004: 11). Lotman (1978) defende que o cinema se transforma numa *“fábrica de sonhos e de mitos, meio de propaganda e de condicionamento ideológico e, também de alargamento da diversão de espetáculo, de informação e do conhecimento a um público multiplicado por milhões”* (Branco, 1999: 70). O cinema é um poderoso *media*, capaz de criar e recriar a História, *“com os acontecimentos políticos, as guerras, os progressos da ciência, os desastres, as catástrofes, a alegria e a dor dos seres humanos”* (Branco, 1999: 70).

Apesar de alguns professores terem conhecimento das potencialidades do uso do cinema na sala de aula, ainda há muitos que recorrem a um método de ensino/aprendizagem tradicional, fazendo apenas uso do manual, contribuindo desse modo, para uma aprendizagem apenas baseada na memorização, o que torna assim as aulas desmotivantes para os estudantes. Por isso Barbieri e Evangelista referem que:

“A situação atual, que tende a se expandir, não é mais há de algumas décadas atrás, em que o professor tinha o privilégio de ser o único, em sua classe, a deter o conhecimento que lecionava”. Hoje, os conhecimentos

estão sendo difundidos a todo o momento, pela mídia, pela internet e por vias alternativas de comunicação. E isso coloca o ensino tradicional da História em crise profunda e evidencia a necessidade urgente de uma transformação. Nesse processo, estaria em jogo o próprio ensino da História que, segundo ela, corre o risco de se tornar não apenas ultrapassado, decadente e conservador, mas completamente inútil” (Barbieri e Evangelista Citado por Lima, 2015:95).

No ensino da História, o docente deve proporcionar aos estudantes a oportunidade de aprender História de acordo com o mundo atual, por isso (Nascimento, citado por Lima, 2015) refere que:

Ensinar História é ir muito além dos fatos, das datas comemorativas ou até mesmo do uso de questionário. O uso de uma personagem da história ou de um tema ligado a ela não quer dizer que aquelas imagens sejam um retrato fiel da verdade. Logo, o uso do cinema só é válido quando inteirado com a leitura e contextualizado com a sociedade atual e o conhecimento da historiografia corrente, propiciando o entendimento das entrelinhas, ou seja, decifrando o que está implícito no filme” (Nascimento citado por Lima, 2015: 96).

O cinema carrega consigo o efeito de realidade, ou pelo menos, a ilusão da realidade. Por essa razão, Peter Burke, refere *“O poder do filme é que ele proporciona ao espectador uma sensação de testemunhar os eventos. Este é também o seu perigo (...) porque esta sensação de testemunha é ilusória”* (Burke, 2004: 200).

Além de Peter Burke, Aldónio Gomes, destaca que *“a projeção filmica, mesmo banal, atua impressivamente, quer sobre a criança, quer sobre o adulto normal, de inteligência média ou superior à média”* (Gomes, 1973: 8). Desta forma, o filme é, de todos os meios audiovisuais, aquele que tem a particularidade de, através da imagem, atuar na emoção dos que o veem, proporcionando interesse pelo que está a ser visualizado (Ferronha, 2001), para além de se verificar, desse modo, uma capacidade de fascínio, contribuído para que o espectador se sinta integrado. Identicamente Ana Ribeiro e Sara Trindade reforçam esta ideia ao referir que o filme possui a particularidade de seduzir o público, sendo uma arte capaz *“de despertar interesse para épocas, personagens ou contextos históricos, de fazer ‘reviver’ emocionalmente o passado, mergulhando o espectador no calor das batalhas, nos dramas dos perseguidos, nas maquinações dos conspiradores, nas paisagens intocadas de outros tempos, dando-lhe o*

estatuto, ainda que ilusório, de testemunha” (Ribeiro & Trindade, 2017:3). Este fascínio permite a captação da atenção de todos os alunos e especialmente dos que apresentam maiores dificuldades na disciplina de História. Nesse sentido o filme pode proporcionar a estes compreender as ideias que o docente tenta transmitir. Constatei esta realidade ao longo deste ano de estágio pedagógico, onde verifiquei um caso concreto de um aluno que conseguiu obter sucesso pela primeira vez na disciplina, referindo que os filmes eram um forte auxiliar para compreender as temáticas que eram lecionadas.

Aldónio Gomes, refere que após a observação e compreensão, o aluno deve passar a ação, ou seja, *“o cinema lança então o trabalho de grupo ou o trabalho individual, nos seus múltiplos aspetos, facilitando, se necessário, uma nova projeção de partes do filme visto”* (Gomes, 1973: 10). Desse modo, podemos considerar que o cinema possui um forte contributo estimulante da atividade criativa, da investigação e do desenvolvimento do espírito crítico. Este possui a particularidade de abordar vários aspetos como *“o conceito de tempo (...) a historicidade do filme, o filme como reflexo da sociedade, o filme como discurso histórico, o passado ressuscitado, (...) o ponto de vista do sujeito no cinema histórico (...)”*, dando a oportunidade àqueles que o visualiza, de *“viajar no tempo e no espaço”* (Pinto, 1996: 80). Há ainda autores que referem que a ideia do uso do filme na sala de aula está associada ao lazer (Moran, 1995) ou *“que o cinema de ficção tem, sobretudo, um carácter de distração e que o cinema documental se apresenta como um reflexo da verdade (...)”* (Pinto, 1996: 79). Consideramos que estas ideias deviam ser superadas a fim de proporcionar aos docentes a capacidade de ver todas as suas potencialidades e de o usarem de forma produtiva nas suas aulas.

Contudo, devemos ter presente que *“o cinema não é tudo. Apesar de possuir propriedades de motivação e até mesmo compreensão da realidade das sociedades e do mundo* (Gomes, 1973: 10).

Para além das vantagens da utilização do cinema para a lecionação, criando motivação nos discentes, também é possível encontrar aspetos positivos para os docentes concorrendo para atualizar o seu conhecimento. É nesse pressuposto que Aldónio Gomes salienta que *“dispondo de notória flexibilidade, o cinema não só assegura assim a autenticidade científica da educação, como proporciona o contato com os factos científicos menos acessíveis”* (1973: 10). Daí, o filme poder ser visto como *“uma arma de*

que o professor dispõe para impedir o desinteresse e a passividade, implementando um sentido crítico e ativo na sala de aula” (Nogueira, 2000:42).

Contudo, devemos concluir que a utilização do cinema na sala de aula não resolverá todos os problemas de aprendizagem. Todavia, se for bem trabalhado e articulado com outros materiais, poderá contribuir para a obtenção de resultados muitos positivos (Lima, 2005).

7.3.2. Etapas de utilização e exploração do filme na sala de aula

Para a introdução do filme na sala de aula é necessário seguir um conjunto de procedimentos a fim de obter um maior proveito deste recurso, permitindo aos estudantes uma aprendizagem eficiente. Primeiramente, é necessário que o professor possua todos os conhecimentos sobre o filme que os alunos iriam visualizar, e também é fundamental que o docente o tenha visualizado antecipadamente e, durante essa visualização, tenha retirado às informações necessárias para orientar os alunos. Além desta função ele tem que estar recetivo à mútua partilha de conhecimento entre ele e os jovens estudantes (O’Connor, 1987). Por outro lado, Jorge Nóvoa 1995 propõe, para que os professores retirem um maior proveito deste recurso, os docentes devem apostar numa planificação cuidada, começando por realizar um levantamento dos filmes disponíveis encontrando nestes aspetos que possam relacionar-se com as temáticas abordadas nas aulas. Mas além disso, essa pesquisa deve abarcar aspetos importantes para além do filme, mas concretamente relacionados com o realizador do filme e a produção do mesmo (Nóvoa, 1995).

Também deve haver por parte do docente um trabalho de seleção da(s) respetiva(s) parte(s) que o professor deseja que os discentes visualizem, ou seja, a(s) parte(s) que lhe interessam mostrar naquele momento. Esta seleção é fundamental, pois, por vezes só uma parte serve para ilustrar aquilo que pretendemos transmitir-lhes ou podemos apenas recorrer a uma parte exclusivamente para motivação para as temáticas que iriam ser estudadas. Outra razão que pode justificar a seleção de partes do filme relaciona-se com a pequena carga horária depositada à disciplina de História, o que por sua vez torna necessário a seleção a fim de proporcionar ao docente uma maior gestão do programa.

Antes da visualização do filme, pode ser atribuído aos alunos um questionário de observação, tendo como objetivo que os discentes estejam com atenção a visualização e através desta retirem as ideias fundamentais. Este pode conter questões relacionadas com as personagens principais e secundárias, o lugar onde decorre a história, qual é o assunto retratado, a descrição das cenas visualizadas, sendo de seguida introduzidas no contexto da matéria que está a ser lecionada. Mas também pode conter questões para chamar a atenção para pormenores visualizados no filme que possam interessar para a matéria em estudo.

No fim da visualização, é importante que haja interação entre o professor e os alunos a fim de desenvolver o seu espírito crítico, tendo como objetivo que estes ampliem os seus conhecimentos, procedendo a uma seleção, *“contrariando a tendência simplista para ver praticamente não importa o quê”* (Pinto, 1996). Também é necessário que seja analisado e corrigido o guião de exploração do filme, a fim de o professor entender as ideias retidas pelos alunos sobre o que foi visualizado e ainda esclarecer possíveis situações que não tenham sido perceptíveis. Como refere a professora Isabel Nogueira, *“Não é só necessário olhar o filme, é preciso efetivamente tê-lo visto”* (Nogueira, 2000: 43). Nesse sentido, O’Connor acrescenta que é fundamental a exploração de questões relacionadas com *“o conteúdo, a produção e a receção do documento”* (1987: 3). Este tipo de análise do filme permitiria aos estudantes a aquisição de muitas competências no domínio da pesquisa e tratamento da informação e ainda da compreensão da História (O’Connor, 1987).

Enrique Sánchez, defende que *“levar o cinema para a aula pode servir de ponto de partida e estratégia de trabalho, por aquilo que tem de lúdico e de criativo por um lado, pelo que possui de técnica, linguagem, planificação, conteúdos e investigação, por outro. (...) [O seu uso] permite apresentar estratégias aos alunos que podem ir desde a perceção global, passando pela análise e a síntese, até à criação de algo distinto, a verdadeira síntese criativa. O trabalho com o cinema converte as atividades da aula em algo de significativo, tangível e experimental”* (Sánchez, 2003: 18).

Porém, as aulas de História não podem socorrer-se apenas da visualização de filmes e da exploração dos mesmos. Há que diversificar estratégias. Nesse sentido, o uso de documentos escritos e iconográficos também são imprescindíveis, aliás *“podemos dizer que a História se faz a partir de documentos, aos quais chamamos fontes*

históricas. *A História é o fruto da interpretação de fontes, que fornecem a evidência sobre os pensamentos e atos do homem no passado e, como tal, não existe História sem fontes*” (Moreira, 2004: 41). É sobre esta questão que falaremos em seguida.

8. Exploração de documentos escritos e iconográficos do manual

No ensino da História é fundamental que os alunos tenham contato com as fontes, pois estes são o instrumento fundamental da reconstrução do passado. O documento é *“toda a fonte de informação de que o espírito do historiador sabe tirar qualquer coisa para o conhecimento do passado humano, encarado sob o ângulo da pergunta que lhe foi feita*” (Marrou, 1976: 69).

Por outro lado, Bloch defende que um documento histórico é *“tudo quanto o homem diz ou escreve, tudo quanto fabrica, tudo em que toca, pode e deve informar a seu respeito”* (Bloch, 1976: 61). Na mesma linha de ideias, Febvre destaca a importância dos documentos escritos, mas acrescenta que *“a História pode fazer-se, e deve fazer-se, sem documentos escritos”*. Por isso, quando não há os documentos escritos, *“o historiador pode e deve recorrer a tudo o que com o seu engenho de historiador lhe possa ser útil, palavras, sinais, paisagens, telhas, campos e ervas, eclipses da lua, exames de pedras realizadas por peritos”* (Citado por Moreira, 2004: 42). Desse modo, os historiadores devem considerar *“tudo o que sendo do homem depende do homem, serve o homem, expressa o homem, significa a presença, a atividade, o gosto e a forma de ser do Homem*” (Febvre, 1977: 213).

Apesar da discórdia existente entre os historiadores, alguns defendem que os alunos devem ser iniciados na metodologia seguida pelos historiadores na reconstrução do passado, pois *“se os alunos não souberem como a história chegou até eles esta não terá grande utilidade, será apenas um conjunto misterioso de informação”* (Moreira, 2004: 48). Também Moniot 1993 destaca que *“Na aula, a utilização do documento é sem dúvida a melhor ocasião para fazer conhecer e apreciar o que é o trabalho do historiador e qual a natureza do saber histórico”* (Moniot, 1993:175). Os documentos são considerados por muitos autores indispensáveis na aula de História, pois constituem instrumentos de trabalho que permitem o desenvolvimento de esquemas de aprendizagem orientada (Magalhães, 2000). Assim, estes podem ser usados na aula de

História em três momentos: *“como indução preparatória da reflexão de um tema que vai ser apresentado, como exercício de aplicação ou conforto durante a informação do tema conceptual subsequente (...) e como proposta de comentário global ao finalizar um tema”* (Trepát, 1995: 167). Estes são instrumentos que permitem aos estudantes adquirir aprendizagens, mas para esse documento ser eficaz é necessário *“que a leitura do texto permita a sua efetiva compreensão, isto é, que todas as suas ideias fiquem perfeitamente claras e que se conheça o exato significado de todas as palavras nele contidas”* (Lorente, 1998: 20). Após a leitura do documento e a devida explicação das dúvidas decorrentes da sua exploração é necessário passar a outras tarefas. Desse modo, é fundamental saber a natureza do texto, mais concretamente, trata-se de uma fonte primária, ou secundária, *“Quando foi escrito? “Quem foi o/a autor/a”*. Por sua vez, *“as respostas a estas perguntas permitirão aos/às alunos/as situarem-se em relação ao contexto de produção do documento e, conseqüentemente, à informação nele contida”* (Magalhães 2000 :23).

Também é destacar, que na escolha de uma determinada fonte ou documento o professor deve ter o cuidado destes estarem ajustados ao nível dos alunos, sendo que o docente teve ter em atenção a sua extensão e que o vocabulário seja apropriado às idades dos alunos e ao contexto dos discentes. A função de qualquer docente passa pela exploração e clarificação das ideias dos alunos sobre o documento ou facto analisado, a fim de orientar os estudantes na criação do seu próprio conhecimento (Moreira, 2004).

Do enunciado anteriormente, e destacando as potencialidades do documento no ensino de História foram selecionados alguns conteúdos do respetivo manual e de outros manuais, sendo que estes foram apresentados aos alunos no PowerPoint da aula lecionada. De seguida, será devidamente explicada a importância do manual no processo ensino aprendizagem.

Nas aulas de História, o uso do manual é fundamental pois apesar do surgimento de outros recursos didáticos ele *“continua a ser o rei de todos os instrumentos didáticos”* (Tormenta, 1966: 199). É fundamental destacar o que se entende por manual escolar, segundo o decreto-lei nº 369/90, de 26 de novembro o manual escolar é caracterizado como *“o instrumento de trabalho, impresso, estruturado e dirigido ao aluno, que visa contribuir para o desenvolvimento de capacidades, para a mudança de atitudes e para a aquisição dos conhecimentos propostos nos programas em vigor, apresentando a informação*

básica, (...) podendo ainda conter elementos para o desenvolvimento de atividades de aplicação e avaliação da aprendizagem efetuada” (Artigo 1º, alínea 3).

Segundo François Gerard, o manual escolar continua a ser o suporte de ensino mais eficaz, apesar dos inúmeros suportes existentes atualmente fruto das novas tecnologias da informação e comunicação. Desse modo, o manual persiste como um dos principais recursos de trabalho, não apenas dos alunos, mas também dos docentes (Gerard, 1998). Assim os manuais escolares apresentam várias funções como a “transmissão de conhecimentos; o desenvolvimento de capacidades e competências; consolidação de aquisições; avaliação das aquisições; auxílio à integração das aquisições; referência; e educação social e cultural” (Gerard, 1998: 74-81).

Para a área de História como para as restantes disciplinas há uma vasta oferta de manuais que tendem a ser escolhidos pelos docentes que lecionam as várias disciplinas, optando estes pelo manual mais vantajosos à aprendizagem dos discentes.

Na escolha dos manuais escolares deve ser tida em conta o contexto socioeconómico das famílias dos alunos, mas também às possíveis dificuldades de aprendizagem dos estudantes, desse modo tenta-se selecionar um manual que disponibilize um tipo de linguagem adequada à idade e que faculte imagens cativantes, fundamentais para estimular e motivar os alunos, o que vai de encontro ao parâmetro Informação e Comunicação da grelha elaborada pelo Ministério da Educação e Ciência (Vaz, 2014:7).

Martinha refere que “os manuais escolares diferem substancialmente entre si, e (...) apesar dessa tendência geral, há manuais escolares que oferecem ao aluno um conjunto de atividades mais diversificadas e cognitivamente mais desafiantes que outros” (Martinha, 2010: 15). O manual escolar é o principal instrumento de que os alunos dispõem para estudar os conteúdos ministrados na escola, além de ser este o recurso que mais ajuda os pais a tomar conhecimento dos conteúdos que estão a ser lecionados, e dessa forma ajudar os filhos a estudar. Para além das vantagens deste recurso para os alunos e encarregados de educação, proporciona uma “referência pedagógica essencial aos professores” (Lima, 2010:5). Tendo em conta a sua importância, é fundamental que o docente o analise com o devido cuidado e dele retenha as fontes apropriadas aos temas que está a lecionar. Tendo em consideração estas ideias, em cada aula lecionada

no Colégio Bissaya Barreto neste ano letivo, selecionei do manual adotado “O Fio da História” (dos autores Ana Rodrigues Oliveira, Francisco Cantanhede, Isabel Catarino, Marília Gago e Paula Torrão), os documentos que achei mais adequados às ideias que pretendia transmitir aos alunos.

Os documentos selecionados anteriormente do manual escolar adotado bem como de outros manuais, através do qual os estudantes contactaram, através do PowerPoint, permitiu-me concluir que alguns discentes ainda fazem uma exploração simplista dos documentos, apresentando algumas fragilidades. E desse modo tentei ajudá-los a superar as suas dificuldades. A ajuda prestada visava o desenvolvimento do sentido crítico nos discentes. Pretendi criar nos alunos a capacidade de questionarem os acontecimentos do passado de modo racional e não aceitarem todas as ideias transmitidas como realidades absolutas.

9. Uso de Esquemas conceptuais no ensino de História

Os esquemas conceptuais são ferramentas fundamentais para a compreensão das realidades complexas e devem ser utilizados em qualquer disciplina do plano curricular.

Segundo o dicionário Priberam de Língua Portuguesa, um esquema conceptual é “*uma representação de relações e funções, que opera como um resumo, quer de ideias, quer de conceitos*” (Ferreira, 2014: 25-26). Assim, os mapas conceptuais são diagramas formados por palavras que definem “*ferramentas gráficas para organizar e representar o conhecimento*” (Novak e Cañas 2006, citado por Ferreira, 2004: 26).

O aspeto visual dos esquemas é estabelecido através da sua construção mediante o uso de círculos, ou retângulos, sendo os conceitos ligados por palavras de modo a compor a explicação de um determinado tema⁴⁶. Estes possuem a capacidade de simplificar os conteúdos, estabelecendo a ligação entre as ideias, contribuindo para uma organização do pensamento, facultando desse modo a memorização da informação.

⁴⁶ http://www.if.ufrgs.br/asr/artigos/Artigo_ID36/v2_n3_a2012.pdf (Acedido a 6/6/2017).

Um esquema conceptual deve apresentar três aspetos fundamentais: “a hierarquização, impacto visual, e simplificação”⁴⁷. Por isso, escolhi aplicar os mesmos, através da construção de uma ferramenta *online*, “Exam Time”. Esta possui a particularidade de criar impacto pois é um esquema interativo, que permite colocar as ideias ou conceitos criados em movimento a velocidade que desejamos, o que não é possível com um esquema estático.

É necessário que ao longo do 1º, 2º e 3º ciclos os alunos adquiram competências de elaborar os seus próprios esquemas conceptuais. O conhecimento histórico não pode limitar-se apenas aos factos no tempo e no espaço, acompanhados de uma série de documentos que comprovam a sua existência. É preciso que os factos estejam ligados aos temas e aos sujeitos que os produziram para, a partir daí, buscar uma explicação. Esses factos devem ser analisados e interpretados, sendo que a utilização de conceitos permite uma eficaz organização dos mesmos, tornando-os então inteligíveis⁴⁸. Por isso, nesta proposta pedagógica sobre o tema da "Reforma Protestante: O Luteranismo", optei pelo uso de um esquema conceptual para consolidar as características da Igreja Católica, e posteriormente voltei a socorrer-me de outro para explorar com os discentes as características da Igreja Luterana.

Para além disso, a sua utilização é justificada pelo facto de que estes “recursos motivam a aprendizagem, permitem descobrir os aspetos mais relevantes de uma unidade temática ou conteúdo, possibilitam a comunicação de conhecimentos de forma objetiva, facilitam o estudo e criam oportunidades de trabalho individual e em grupo” (Ferreira, 2014:23). A construção, pelos alunos, de esquemas conceptuais é investida de uma carga importante, pois permitem-lhes o desenvolvimento de outras capacidades, “como a capacidade de pesquisa, seleção e tratamento de informação” (Ferreira, 2014: 23).

Os esquemas conceptuais são uma mais valia para os alunos, pois são facilitadores da aprendizagem, desenvolvendo um conjunto de competências que permite aos discentes “a redução da ansiedade (...) quando utilizados na introdução de um tema ou conceito permitem tornar mais claros os conceitos a adquirir, bem como a relação entre os mesmos” (Jegebe; Alaiyemola; Okebukola, citado por Ferreira, 2014: 27), para além de contribuírem para facilitar “a compreensão e a capacidade de memorização, estruturação e

⁴⁷ https://sigarra.up.pt/flup/pt/pub_geral.show_file?pi_gdoc_id=489699 (Acedido a 6/6/2017).

⁴⁸ Para mais esclarecimentos, consultar <http://www.uff.br/iacr/ArtigosPDF/01T.pdf> (Acedido a 6/06/2017).

aprofundamento dos conhecimentos através das aulas, investigações e leituras” (Reis, citado por Ferreira, 2014: 27). Enquanto usado como recurso em atividade colaborativa, permite “*o desenvolvimento da tolerância e do respeito pela opinião dos colegas, pois a sua construção e análise implica a opinião de todos os intervenientes*” (Roth, 1994, citado por Ferreira, 2014: 27). Muito importante, é o seu uso como método de estudo, proporcionando uma aprendizagem eficiente e com qualidade. Estes podem ser utilizados para a introdução a um tema, contribuindo desse modo para o entendimento da ligação entre os assuntos tratados e facilitando a aquisição das informações de seguida estudadas. Também a sua aplicação no fim do estudo de um conteúdo é importante, servindo como uma conclusão dos conteúdos já lecionados, contribuindo para clarificar as ideias dos alunos sobre um determinado conjunto de conhecimentos e suas relações. Os esquemas conceituais utilizados na aula foram elaborados pela docente, sendo na aula analisados juntamente com os alunos.

Considerações Finais

O presente trabalho partiu de diversos objetivos, nomeadamente fazer um balanço das atividades desenvolvidas ao longo de um ano de Prática Pedagógica Supervisionada. Assim, ao longo deste ano letivo no Colégio Bissaya Barreto, tive a oportunidade de corroborar na lecionação de várias aulas, que permitiram uma melhoria das minhas competências enquanto professora, pude assistir as aulas dos meus colegas de estágio, o que me permitiu diversificar as minhas ideias de trabalho, ganhar mais conhecimentos e ainda partilhar experiências. Também tive o privilégio de participar numa visita de estudo, o que foi muito enriquecedor para minha formação.

Particpei em outras atividades que permitiram uma maior envolvimento no ambiente escolar que se traduziu numa evolução ao nível do processo de aprendizagem. Com este ano de Prática Pedagógica Supervisionada notei um desenvolvimento a vários níveis e domínios que serão fundamentais para o desempenho das minhas futuras funções docentes.

Outro objetivo deste relatório relaciona-se com a o aprofundamento de conhecimentos em torno da temática da Reforma Protestante. Procurei apresentar as razões de uma crise de valores dentro da Igreja Católica, necessitando a mesma de uma mudança a fim de evitar a sua ruína. Nesta linha de pensamento foi analisado o percurso de Martinho Lutero e das suas propostas que acabaram por dar origem a uma nova Igreja e a profundas mudanças no universo do Cristianismo.

Ao longo deste trabalho foi possível concluir que Martinho Lutero era um homem profundamente religioso, que não concordou com as condutas impróprias do Clero e da venda de indulgências imposta pelo Papa. Nesse sentido decidiu clarificar o assunto das indulgências, através da afixação das 95 teses. Nestas teses critica todos aqueles que acreditam na obtenção da salvação mediante a compra de indulgências. Também apela a que, em vez da compra de indulgências, se ajudem os mais necessitados. Com esta atitude tinha em vista apelar ao diálogo dentro da Igreja Católica, a fim de os seus membros corrigirem os comportamentos impróprios que envergonhavam a própria conduta da Igreja. Quando afixa as teses não tinha noção do impacto que estas podiam criar, sendo que as mesmas foram logo alvo de censura pelo Papa, que decide silenciar o monge, considerando que estas ideias eram uma heresia. Apesar de ser avisado das

penas que sobre ele podiam recair se persistisse em tais ideias, não abandonou os seus princípios e criou a sua própria doutrina, que foi exposta na Confissão de Augsburgo.

Relativamente às estratégias utilizadas para o desenvolvimento da temática “A Reforma Protestante: O Luteranismo. Exploração em Contexto da Sala de Aula” tenho a realçar a importância do excerto do filme que usei em aula, como um recurso motivador e detentor de informações necessárias a compreensão de alguns assuntos desta temática. Desse modo, o uso de filmes no ensino da História contribuiu para que os alunos por mais dificuldades que demonstrem conseguiram a partir deles perceber os conteúdos a serem lecionados, interiorizando-os. Constatei-o, através de um aluno que revelava algumas dificuldades e assimilou os conteúdos através deste método. Estou convicta, que o filme pode ser um bom instrumento para a exploração de uma temática, mas não é a única forma de contribuir para que os alunos obtenham sucesso no processo de aprendizagem em qualquer disciplina. Além do uso de filmes, é necessário que os professores de História recorram ao uso de documentos históricos, fontes, pois estes possuem várias vantagens para o processo de aprendizagem e o seu uso na aula de História permitem aos alunos um contato com o ofício do Historiador. Através da exploração dos documentos anteriores pude perceber que alguns alunos ainda realizam uma análise pouco elucidada e superficial dos mesmos. Por isso ao longo deste ano letivo, umas das preocupações fundamentais foi trabalhar nestes aspetos ajudando todos os discentes a adquirir as devidas competências.

Também é de realçar o uso de esquemas conceptuais, no caso os criados em “Exam Time”, que apresentam a particularidade de serem interativos, o que apela automaticamente a atenção dos alunos. A utilização da mesma proporcionou uma oportunidade de explorar melhor os conteúdos explanados, permitindo que os discentes compreendessem e obtivessem a aquisição dos conhecimentos pretendidos.

Referências Bibliográficas

Alves, F. A. C. (1998). Contributos para um estudo das funções da tecnologia vídeo no ensino. (1ªEd.). Bragança: Instituto Politécnico.

Alves, L. M. (2009). A função social da História. Ef@bulations/ Ef@bulações, 18-22. Retirado de: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/7245.pdf>

Barbosa, L. M. R. (2007). Igreja, Estado e Educação em Martinho Lutero: uma análise das origens do direito à educação. Dissertação de Mestrado em Educação. São Paulo_ Universidade de São Paulo. Disponível: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-11122007-085529/pt-br.php> (Acedido à 9/07/2017).

Barca, I. (1995). Aprender História. Reconstruir o passado. In Carvalho, A. D. (Ed.), Novas Metodologias em Educação (pp. 329-348). Porto: Porto Editora.

Barca, I., Gago, M. (2000). De Pequenino se Aprende a Pensar. Formar Opinião na Aula de História e Geografia, Cadernos Pedagógico-Didáticos, nº 23, Lisboa:APH.

Barca, I. (2000). O pensamento histórico dos jovens, Braga: Universidade do Minho.

Blainey, G. (2010). Uma muito breve História do mundo (1º ed.). Alfragide: Dom Quixote.

Bloch, M. (1976). Introdução à História. Coleção Saber: Publicações Europa-América.

Burke, P. (2004). Testemunha Ocular: história e imagem. São Paulo: EDUSC.

Chaunu, P. (1975). O Tempo das Reformas (1250-1550) II- A Reforma Protestante. Lisboa: edições 70.

Comissão Interluterana de Literatura São Leopoldo. (2004). Martinho de Lutero Obras selecionadas. Os primórdios de 1517 a 1519 (2ªEd.). Canoas: Editora da Ulbra.

Csiszar, S. A. (2015). O livro de ouro sobre Martinho Lutero (1ª ed.). São Paulo: Rising Stark Books.

Delumeau, J. (2002). As grandes religiões do mundo (3ªed.). Lisboa: Presença.

Diniz, M. E. & Tavares, A. & Caldeira, A. M. & Henriques R. P. (2017). História 8 (1ªEd.). Lisboa: Raíz Editores.

Elton, G. R. (1982). A Europa durante a Reforma: 1517-1559. Lisboa: Presença.

Febvre, L. (1977). Combates pela História. Lisboa: Editorial Presença

Febvre, L. (2010). Martinho Lutero, Um Destino (1ªEd). Alfragide: Texto.

Ferreira, J. S. P. (2014). Prática de ensino supervisionada no 1º e 2º ciclos do Ensino Básico, Esquemas organizadores facilitadores da aprendizagem em História e Geografia. (Dissertação de Mestrado) Lisboa: Escola Superior de Educação de Lisboa. Disponível em:

<http://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/3847/1/Esquemas%20organizadores%20facilitadores%20da%20aprendizagem%20em%20Hist%C3%B3ria%20e%20Geografia.pdf>.

Acedido à 9/7/2017).

Ferronha, A. L. (2001). *Linguagem audiovisual – pedagogia com imagem e pedagogia da imagem*. Mafra: Eduforma.

Fortes, A. & Gomes, F. F. & Fortes, J. (2013). Linhas da História (1ªEd.). Lisboa: Areal Editores.

Fosnot, C. T. (1999). Construtivismo e educação: teoria, perspetivas e prática, (trad. Maria João Batalha Reis). Lisboa: Instituto Piaget. 313 p. ISBN: 972-771-098-0.

George, T. (1993). *Ansiando pela graça: Martinho Lutero. Teologia dos Reformadores.* São Paulo: Vida Nova.

Giacomantonio, M. (1986). *Os meios audiovisuais.* Lisboa: Edições 70.

Glaserfeld, E. V. (1995). *Construtivismo radical: uma forma de conhecer e aprender,* (trad. Fernanda Oliveira). Lisboa: Instituto Piaget. 328 p. ISBN: 972-8329-68-7.

Gomes, A. S. (1973). *O cinema como instrumento didático: ensinar através de imagem.* Lisboa: Direção-Geral da Educação Permanente.

Gonçalo, J. M. (2011). *O uso do manual escolar enquanto recurso promotor do desenvolvimento de competências históricas.* (Dissertação de Mestrado em Ensino de História e Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário). Porto: Universidade do Porto. Disponível: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/57058> (Acedido à 11/07/2017).

Jorge, Pe. M. (2016). *Doutrina Cristã escrita em diálogo para ensinar meninos (1ª ed.).* Lisboa: Paulus Editora.

Kung, H. (2012). *O Cristianismo Essência e História (1ª ed.).* Lisboa: Círculos de Editores.

Lagartixa, C. & Sardinha, H. & Gomes, J. (2017). *Hora H 8.* Lisboa: Raíz Editores.

Lienhard, M. (1998). *Martim Lutero Tempo, Vida, Mensagem (trad. 3ª ed.).* São Leopoldo: Editora Sinodal.

Lima, J. C. S. F. (2010). *Tendências no uso dos Manuais Escolares de História e de Geografia: Estudo de Caso.* (Relatório de Estágio Mestrado em Ensino de História e de Geografia do 3º Ciclo e Ensino Secundário) Braga: Universidade do Minho. Disponível em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/15093> (Acedido a 10/07/2017).

Livet, G. e Mousnier, R. (dir.)(1996) - *História Geral da Europa*, vol. 2. Lisboa: Europa-América.

Lorente Lloret, A. (1988). *Cómo se comenta um texto histórico en los novels de Bup y Cou*. Madrid: Editorial Bruño.

Macedo, J. (1997). *O clero e a sua formação de Jesus Cristo ao Concílio de Trento (1ªEd.)*. Braga: Barbosa & Xavier.

Magalhães, O. (2000). “O Documento Escrito na Aula de História: Proposta de Abordagem”, *O Ensino da História, Boletim da APH (III série)*, nº 18, Lisboa, outubro de 2000, pp. 22-24.

Maia, C. & Ribeiro, C. P. & Afonso, I. (2017). *Novo viva à História (1ªEd.)*. Lisboa: Porto Editora.

Manique, A. & Proença, M. C. (1994). *Didática da história- património e história local*. Lisboa: Texto Editores.

Martinha, Cristiana (2010). *Serão os Manuais Escolares de Geografia suficientemente competentes para desenvolverem as competências geográficas nos nossos alunos? – um estudo centrado em manuais escolares de Geografia de 3.º ciclo do Ensino Básico*, Tese de Mestrado Porto: Universidade do Porto. Disponível em <http://web.lettras.up.pt/xiicig/comunicacoes/111.pdf> (Acedido à 10/07/2017).

Marrou, H. I. (1976). *Do Conhecimento Histórico*. Lisboa: Editorial Aster.

Mattoso, J. (abril 1998). *A História no Ensino Básico e Secundário*. [Web post]. Disponível em: http://www.aph.pt/ex_opiniao14.php (Acedido em 1/06/2017).

Mattoso, J. (1999). *A função social da História no mundo de hoje*. Lisboa: Associação de Professores de História.

Melo, M. do C. (2001). O conhecimento tácito substantivo histórico dos alunos: no rasto da escravatura. Atas das Primeiras Jornadas Internacionais de Educação Histórica. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/483/1/MariadoCeu.pdf>. (Acedido à 8/07/2017).

Melo, M. do C. (2009). Palavras iniciais [em] “O conhecimento (tácito) histórico: polifonia de alunos e professores. Braga: Universidade do Minho. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/9565/1/Caderno%20CIEd%20n%C2%BA7%20Capa%2c%20pp.01-11.pdf> (Acedido à 9/07/2017)

Monge, R. (2016). 2000 mil anos de Papas de São Pedro a São Francisco (1ª ed.). Alfragide: Leya.

Moniot, H. (1993). Didactique de L´Histoire. Paris: Nathan.

Moreira, M. G. (2004). As Fontes Históricas Propostas no Manual e a Construção do Conhecimento histórico. (Dissertação de Mestrado em Educação). Braga: Universidade do Minho. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/2631/1/tese.pdf> (Acedido à 1/06/2017).

Ngungui, A. L. L. A. (2017). Construir Conhecimento Histórico em Contexto Angolano: um estudo em torno de uma experiência de “aula oficina”. (Tese de Doutoramento em Ciências da Educação Especialidade de Educação em História e Ciências Sociais. Braga: Universidade do Minho. Disponível em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/45763/1/Angelina%20Lopes%20Luis%20Aguiar%20Ngungui.pdf>. (Acedido à 8-7-2017).

Morgner, C. (ed.) (2017). Tinta, Teses, Temperamentos. Seguindo os passos de Martinho Lutero(1ªEd.). Curitiba: Editora Esperança

Nogueira, I. M. R. (2000). “O Cinema e o Ensino da História”, *O Ensino da História, Boletim da APH (III série)*, Lisboa, outubro, pp. 36-47.

Novak, J. D.; Gowin, D. B. (1996). *Aprender a aprender*. Lisboa: Plátano Edições Técnicas.

Neves, Pe. C. (2014). *Lutero Palavra e Fé (1ª ed.)*. Lisboa: Editorial Presença.

Neves, Pe. C. (2016). *Ler a Bíblia século XXI (1ª ed.)*. Lisboa: Editorial Presença.

Neves, O. (1998). *Martinho Lutero*. Lisboa: Matéria Escrita.

Nóvoa, J. (org.) (2009). *Cinematógrafo. Um olhar sobre a História*. São Paulo: Editora UNESP. Disponível em: <http://www.oohodahistoria.ufba.br/0lapolog.html> (Acedido à 10/07/2017).

O’Connor, J. (1987). *Teaching History with film and television*. American Historical Association. Disponível em: <http://www.eric.ed.gov/PDFS/ED310025.pdf> (Acedido a: 10-07-2017).

Oliveira, A. R. & Cantanhede, F. & Catarino, I. & Gago, M. & Torrão, P. (2012). *O fio da História (1ªEd.)*. Lisboa: Texto.

Pinto, M., Santos, A. (1996). “O Cinema e a escola. Guia do professor”, in *O Público na Escola*, nº 6 – Ficha 25 “O cinema e as disciplinas”, ficha 26 – “O cinema nas escolas básica”, ficha nº 28 – “Como organizar uma sessão com debate”, ficha 29 – “Criar e animar um clube de cinema”, pp. 75-86, 103 e 10, Lisboa.

Proença, M. C. (1990). *Ensinar /Aprender História - Questões de didática aplicada*. Lisboa: Livros Horizonte.

Randell, K. (1995). *Lutero e a Reforma Alemã*. São Paulo: Ática.

Reigada, T. (2013). *Ensinar com a Sétima Arte: o espaço do cinema na didática da História*. (Dissertação de Doutoramento em História). Porto: Universidade do Porto.

Disponível em <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/77988/13/33978.8.pdf> (Acedido à 11/07/2017).

Roberts, J. M. (1996). Breve História do Mundo- Do Renascimento à Hegemonia do Ocidente. Lisboa: Presença.

Rodrigues, M. A. (1989). Lutero e a Bíblia. Coimbra: Faculdade de Letras.

Santos, I. J. M. A. dos (2014). O Método Expositivo e o Método Construtivista: Concorrentes ou Aliados?. Dissertação de Mestrado em ensino de História e Geografia). Porto: Universidade do Porto. Disponível em https://sigarra.up.pt/flup/pt/pub_geral.show_file?pi_gdoc_id=491891 (Acedido a 3/08/2017).

Sánchez, E. (2003). El valor dele cine para aprender y enseñar. Revista Comunicar, nº20, p. 45-52. Disponível em: <http://www.eric.ed.gov/PDFS/ED310025.pdf> (Acedido à 10/07/2017).

Schuler, A. (1993). As confissões da Igreja Evangélica Luterana (4ª ed.). Editora Sinodal e Concórdia. Disponível em: www.luteranos.com.br (acedido á 8/8/2017).

Tormenta, José (1999). Os professores e os manuais escolares, Um estudo centrado no uso dos manuais de Língua Portuguesa. (Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação, Especialização em Animação e Gestão da Formação). Porto: Universidade do Porto. Disponível em <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/52223> (Acedido à 11/07/2017).

Repat, C. ; A. (1995). Procedimientos en História. Un punto en vista didático. Barcelona: Grao Editorial.

Trindade, S. M. (2014). O Passado na Ponta dos Dedos: o mobile learning no ensino da História no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário. (Dissertação de doutoramento) Coimbra: Universidade de Coimbra. Disponível em <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/26421/1/%20O%20mobile%20learning%20no%20ensino%20da%20Hist%C3%B3ria%20.pdf>. (Acedido a 13/1/2017)

Vaz, B. M. S. de A. F. (2014). A importância do manual escolar para o professor e alunos de Geografia e de História no 3º Ciclo. Relatório de Estágio de Mestrado em Ensino de História e de Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário. Lisboa:

Universidade Nova de Lisboa. Disponível em:
<https://run.unl.pt/bitstream/10362/14911/1/Relat%C3%B3rio%20-%20Bruno%20Vaz.pdf>
(Acedido à 9/07/2017).

Vidal, C. (2008). El caso Lutero. Madrid: Edaf.

Legislação Consultada

Ministério da Educação (1990). Lei n.º 369/90 de 26 de novembro. In Diário da República n.º273, 1ª série. Disponível em
http://www.estavira.com/ficheiros/pro_legislacao/manuais/dl_369_90.pdf (Acedido à 10/07/2017).

Ministério da Educação (2010) – Metas de Aprendizagem. Lisboa: DGE. (Disponível em: <http://metasdeaprendizagem.dge.mec.pt/sobre-o-projecto/apresentacao/> (Acedido à 01/06/2017).

Endereços eletrónicos

<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/12808/11126> (Acedido a 1/06/2017).

http://www.aph.pt/ex_opiniao14.php (Acedido a 1/06/2017).

<http://www.scielo.br/pdf/er/nspe/nspe11.pdf> (Acedido a 1/06/2017).

<http://www.historialivre.com/revistahistoriador/sete/7daniel.pdf> (Acedido a 21/05/2017).

<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2305.pdf> (Acedido a 1/05/2017).

http://www.if.ufrgs.br/asr/artigos/Artigo_ID36/v2_n3_a2012.pdf (Acedido a 6/6/2017).

<http://www.uff.br/iacr/ArtigosPDF/01T.pdf> (Acedido a 6/6/2017)

http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/Legislacao/dl_139_2012.pdf (Acedido a 21/05/2017).

https://sigarra.up.pt/flup/pt/pub_geral.show_file?pi_gdoc_id=489699 (Acedido a 6/6/2017).

<https://locus.ufjf.emnuvens.com.br/locus/article/viewFile/2915/2267> (Acedido a 13/4/2017).

http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_uem_hist_artigo_solange_aparecida_luchetti.pdf (Acedido a 13/4/2017).

https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/metas_curriculares_hist_3_ciclo.pdf (Acedido a 12/06/2017).

<http://www.fisica.ufpb.br/~romero/objetosaprendizagem/Rived/Artigos/2007ConstruindoMC.pdf> (Acedido a 12/06/2017).

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/301477/mod_resource/content/0/Texto_07.pdf (Acedido a 11/06/2017).

Anexos

Anexo I - Matriz de Teste

HISTÓRIA

Ano: 8º Turmas: X e Y

Data: 12 / 12 / 2016 – 15/12/2016

Ano Letivo: 2016 / 2017

Material a utilizar: caneta azul ou preta

Não é permitido o uso de qualquer tipo de corretor, escrever a lápis (a não ser em folha de rascunho) ou trocar material com os colegas.

ÁREAS TEMÁTICAS	CONTEÚDOS / ESTRUTURA	OBJETIVOS	COTAÇÕES	CRITÉRIOS
Tema 5 – Expansão e mudança nos séculos XV e XVI	O expansionismo europeu	<ul style="list-style-type: none">• Caracterizar as grandes rotas do comércio mundial no século XVI.• Avaliar as consequências do comércio internacional no quotidiano e nos consumos mundiais.• Explicar o domínio de Antuérpia na distribuição e venda dos produtos coloniais na Europa.• Identificar, no âmbito de processos de colonização, fenómenos de intercâmbio, aculturação e assimilação.• Caracterizar a escravatura nos séculos XV e XVI e as atitudes dos europeus face a negros e índios.• Referenciar a intensificação das perseguições aos judeus que culminaram na expulsão ou na reconversão forçada e na perseguição dos mesmos de muitos territórios da Europa Ocidental, com destaque para o caso	I Parte 20%	<p>É valorizada a resposta completa, clara e sem erros ortográficos.</p> <p>Nas questões de escolha múltipla o aluno só poderá selecionar uma opção, caso contrário a resposta será anulada.</p> <p>No caso de erro, este deve ser claramente assinalado.</p>

		<p>português.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Constatar a permanência e a universalidade de valores e atitudes racistas até à atualidade. • Indicar os motivos da crise do Império Português a partir da segunda metade do século XVI. • Descrever os fatores que estiveram na origem da perda de independência portuguesa em 1580 e da construção de uma monarquia dual. • Relacionar o incumprimento das promessas feitas por Filipe II, nas Cortes de Tomar, pelos seus sucessores, com o crescente descontentamento dos vários grupos sociais portugueses. • Descrever os principais acontecimentos da Restauração da independência de Portugal no 1º de dezembro de 1640. 	<p>II Parte 20%</p> <p>III Parte 60%</p> <p>Total: 100%</p>	
--	--	--	---	--

Anexo II - Teste de Avaliação

Ficha de Avaliação de História

Nome | _____ N° | _____

Ano/Turma | _____ Data | _____



Ano Letivo **2016/2017**

1º Período

LÊ ATENTAMENTE O ENUNCIADO ANTES DE COMEÇARES A RESPONDER

Todas as questões deverão ser respondidas na folha destinada à execução da prova de forma clara e completa.

Grupo I

1- Lê o documento 1.

Próximo do arsenal [junto ao Tejo, em Lisboa] está a casa da Índia, em que se guardam as mercadorias e especiarias que de todo o Oriente trazem a Portugal as naus da carreira da Índia, e que, sendo levadas e vendidas na Flandres, em França, na Alemanha, e noutras partes da Europa, enriquecem enormemente o tesouro real.

**Pe. Duarte Sande, missionário jesuíta do século XVI,
Um Tratado sobre o reino da China (adaptado).**

1.1-Identifica a instituição referida no documento.

1.2-Refere as funções dessa instituição.

2- Identifica quais foram as principais consequências das descobertas portuguesas e espanholas a nível cultural e as alterações no quotidiano.

Grupo II

1- Observa o documento 2 e lê o documento 3.



**Documento 2-
Ostentação e luxo da
nobreza no Oriente
(gravura do século
XVI)**

Documento 3 - Naufrágios

A (...) causa que bota a perder as naus e o reino da Índia e tudo, é a dos que navegam nesta carreira em sobrecarregam as naus e as arrumarem mal, com o leve em baixo e o pesado em cima, o que não só descompensa as naus, como temos visto, abertas todas indo-se ao fundo. (...)

Melchior Amaral, Tratado de Batalhas e Sucesso do Galeão Sanctiago, 1602 (adaptado)

1.1-Indica os problemas que contribuíram para a crise do Império Português do Oriente presentes nos documentos.

1.2-Refere outros dois problemas que contribuíram para a crise do Império Português do Oriente, que não estejam referidos nos documentos.

Grupo III

1- Lê com atenção o documento 4.

Sua majestade [Filipe I, rei de Portugal] fará julgamento de manter todos os direitos, usos, costumes, privilégios e liberdades concedidos ao reino de Portugal.

Lei de Filipe II, I de Portugal(Adaptado).

1.1- Refere quem morreu em 1578 e quem se tornou rei.

1.2- Indica a importância das Cortes de Almeirim de 1580.

1.3- Com base no documento, refere o que ficou estabelecido nas Cortes de Tomar.

2- Lê o documento 5.

O descontentamento português

Não acudia Filipe IV à defesa e recuperação das nossas conquistas, que eram tomadas pelos inimigos de Castela. Afligia e vexava os povos com tributos insuportáveis (...). Gastava os impostos (...) não somente em guerras alheias mas também em cousas que não pertenciam ao bem comum (...). Aniquilava a nobreza, vendia por dinheiro os cargos da justiça e da fazenda e entregava-os a pessoas indignas e incapazes.

Justa Aclamação do Sereníssimo Rei de Portugal, D. João IV, em 1640(adaptado).

2.1- Explica como o descontentamento da sociedade portuguesa com a governação filipina provocou uma mudança significativa no Portugal no século XVII.

Bom trabalho!

Anexo III - Teste de Avaliação Adaptado

Ficha de Avaliação de História

Nome | _____ N° | _____

Ano/Turma | _____ Data | _____



Ano Letivo **2016/2017**
I° Período

LÊ ATENTAMENTE O ENUNCIADO ANTES DE COMEÇARES A RESPONDER

Todas as questões deverão ser respondidas na folha destinada à execução da prova de forma clara e completa.

Grupo I

1. **Observa** o documento 1 e lê a sua legenda.



1.1- **Identifica** as rotas que ligavam:

- a) Lisboa(Europa) à Ásia, África ao Brasil (América) e o Brasil a Lisboa;
- b) a Índia a Lisboa;
- c) Manila (Ásia) a Acapulco (América)

1.2- **Refere** duas rotas que estejam representadas no mapa do documento 1.

- 2- **Observa** os documentos 2, 3 e lê as suas legendas.



Documento 2- Circulação de produtos e encontro de povos



Documento 3- Brasileiros a dançar capoeira

2.1- Tendo em conta os documentos 2 e 3, refere quais os novos produtos introduzidos na dieta alimentar e as suas consequências, e as alterações culturais que as descobertas proporcionaram.

Grupo II

I- Lê o documento I



- I.1- **Refere dois fatores presentes no documento** que contribuíram para a crise do Império Português do Oriente.
- I.2- **Refere dois fatores que não estejam presentes no documento** que contribuíram para a crise do Império Português do Oriente.

Grupo III

I. Lê com atenção o documento 4.

Sua majestade [Filipe I, rei de Portugal] fará julgamento de manter todos os direitos, usos, costumes, privilégios e liberdades concedidos ao reino de Portugal.

Lei de Filipe II, I de Portugal(Adaptado).

- I.4- **Refere** quem morreu em 1578 e quem se tornou rei.
 - I.5- **Indica** os três candidatos ao trono nas Cortes de Almeirim de 1580.
 - I.6- **Com base no documento, refere** o que ficou estabelecido nas Cortes de Tomar.
- 2.1- **Com base no documento 5, explica** como o descontentamento da sociedade portuguesa com a governação filipina provocou uma mudança significativa no Portugal no século XVI.



Bom trabalho!

Anexo IV- Matriz de Teste

HISTÓRIA

Ano: 8º Turmas: X /Y

Data: 22 / 05 / 2017 – 25/05/2017

Ano Letivo: 2016 / 2017

Material a utilizar: caneta azul ou preta


Não é permitido o uso de qualquer tipo de corretor, escrever a lápis (a não ser em folha de rascunho) ou trocar material com os colegas.

ÁREAS TEMÁTICAS	CONTEÚDOS / ESTRUTURA	OBJETIVOS	COTAÇÕES	CRITÉRIOS
<p>Tema 6- O contexto Europeu dos séculos XVII e XVIII</p> <p>6.1. O Antigo Regime Europeu: regra e exceção</p> <p>6.2. Um século de mudanças: o século XVIII</p>	<p>A Revolução científica na Europa</p> <p>As Ideias Iluministas</p>	<ul style="list-style-type: none"> Reconhecer a importância do método experimental e da dúvida metódica cartesiana para o progresso científico ocorrido. Reconhecer a consolidação, nestes séculos, do desenvolvimento da ciência e da técnica, referindo os principais avanços científicos e os seus autores. Relacionar as ideias iluministas com a crença na razão potenciada pelo pensamento científico do século XVII. Identificar os princípios norteadores do iluminismo e os seus principais representantes. Identificar os meios de difusão das ideias iluministas e os estratos sociais que mais cedo a elas aderiram. Reconhecer a aceitação por parte de alguns dos iluministas da existência de monarcas absolutos, mas cuja governação seria feita em nome da razão 	100%	<p>É valorizada a resposta completa, clara e sem erros ortográficos.</p> <p>Nas questões de escolha múltipla o aluno só poderá selecionar uma opção, caso contrário a resposta será anulada.</p> <p>No caso de erro, este deve ser claramente assinalado.</p>

<p>7- O arranque da Revolução Industrial e o triunfo dos regimes liberais conservadores</p>	<p>A governação do Marquês de Pombal</p>	<p>e apoiada pelos filósofos (despotismo esclarecido).</p> <ul style="list-style-type: none"> • Caracterizar os aspetos fundamentais da governação do marquês de Pombal, no âmbito económico. • Analisar a influência das ideias iluministas na governação do marquês de Pombal, salientando a submissão de certos grupos privilegiados, o reforço do aparelho de Estado e a laicização e modernização do ensino. • Integrar o projeto urbanístico de Lisboa, após o terramoto de 1755, no contexto da governação pombalina. • Explicar o processo de modernização agrícola, na Inglaterra e na Holanda, no final do século XVIII. • Enumerar os fatores que explicam o aumento demográfico registado na Inglaterra nos finais do século XVIII/início do século XIX. • Enunciar as condições políticas, sociais, económicas, financeiras, naturais e geográficas da prioridade inglesa. • Definir os conceitos de maquinofatura e de indústria, distinguindo-os das noções de artesanato, manufatura e indústria assalariada ao domicílio. • Identificar as principais características da primeira fase da industrialização (Idade do vapor). • Referir a importância da incorporação de avanços científicos e técnicos nas indústrias de arranque (têxtil e metalurgia). • Reconhecer as revoltas luditas como primeira modalidade de reação a consequências negativas, 		
--	--	--	--	--

		<p>para as classes populares, do processo de industrialização.</p> <ul style="list-style-type: none">• Problematizar a proposta interpretativa segundo a qual apenas na Época Contemporânea as sociedades humanas geraram problemas ambientais graves.• Relacionar industrialização com agravamento de condições de higiene e segurança no trabalho, com poluição e com degradação das condições de vida em geral.• Relacionar a industrialização com consumo intensivo de recursos não renováveis e com alterações graves nos equilíbrios ambientais.		
--	--	--	--	--

Anexo V – Teste de Avaliação

Ficha de Avaliação de História Nome _____ N° _____ Ano/Turma _____ Data _____	 COLEGIO BISSAYA BARRETO Ano Letivo 2016/2017 3º Período
--	---

LÊ ATENTAMENTE O ENUNCIADO ANTES DE COMEÇARES A RESPONDER

Todas as questões deverão ser respondidas na folha destinada à execução da prova de forma clara e completa.

Iluminismo

Nos séculos XVII e XVIII, a Europa aprofunda os seus conhecimentos científicos e renova a mentalidade e as suas ideias políticas, sociais e culturais.

I. Lê com atenção o documento I.

[...] Existem apenas dois caminhos ou método para chegar à verdade científica. O primeiro parte das sensações e dos fenómenos particulares e tenta chegar de uma só vez aos princípios ou leis gerais. **O segundo parte da observação dos fenómenos particulares, mas percorre o caminho muito mais lentamente, numa marcha gradual, sem saltar qualquer degrau, até chegar as conclusões gerais. Este último é o único método verdadeiramente eficaz e nunca foi praticado até hoje.** [...]

Francis Bacon, Novum Organum, 1620

1.1. Identifica o método a que o autor do documento I, se refere na frase destacada.

2- Identifica o movimento de renovação das mentalidades, surgindo na Inglaterra na segunda metade do século XVII, explicando dois dos seus princípios fundamentais.

2.1- Refere três meios utilizados na divulgação dos ideais iluministas.

O Despotismo Esclarecido

3. Lê o documento 2.

Um déspota Esclarecido

(...) os cidadãos entregam o poder a um rei para que este vigie o cumprimento das leis, aplique a justiça, e impeça a corrupção dos bons costumes, defenda o estado dos seus inimigos. O monarca deverá vigiar a agricultura, proporcionar abundância de alimentos, encorajar a indústria e o comércio. (...) O rei representa o Estado. Ele e os seus súbditos formam um só corpo, que apenas será feliz quando todos o sejam.

Frederico II da Prússia, Ensaio sobre as Formas de Governo, 1788 (adaptado).

3.1- Refere por que razão Frederico II era considerado um déspota esclarecido.

A Governação do Marquês de Pombal

4. Lê, com atenção, o documento 3.

O marquês de Pombal controlou não só a governação, mas, igualmente, a totalidade do país, aniquilando¹ toda e qualquer veicidade² de oposição, incluindo a do próprio rei que mostrava escassos talentos governativos. (...)



A. H. de Oliveira Marques, *História de Portugal*.

¹ destruindo

² capricho

4.1. Identifica o rei português mencionado no documento 3.

4.2. Identifica os grupos sociais que tiveram a coragem de se opor ao Marquês de Pombal.

4.3. Refere dois acontecimentos que retratem o poder do Marquês de Pombal sobre os grupos dominantes.

4.4. Refere e explica quais as instituições criadas pelo Marquês de Pombal, com o objetivo de reforçar o Poder do Estado.

5- Refere três das reformas empreendidas pelo Marquês de Pombal no ensino. Justifica.

6- Como estudaste, o dia 1 de novembro de 1755, ficou conhecido como um dos dias mais trágicos na História de Portugal. Partindo da frase célebre do Marquês de Pombal, **“Enterrar os mortos e cuidar dos Vivos”**.

- Refere o acontecimento que marcou este dia, as suas principais consequências, e a importância da frase destacada a negrito.
- Características do Urbanismo Pombalino.

Da Revolução Agrícola à Revolução Industrial

7. Refere duas inovações agrícolas introduzidas na Inglaterra.

8. Observa atentamente o documento 4.

8.1. Partindo da análise do documento 4, explica o que foram as revoltas luditas?

9. Partindo da observação dos documentos 5 e 6 comenta a seguinte frase:

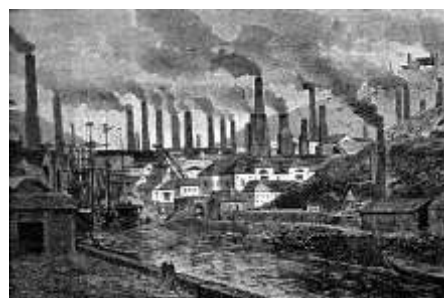


Documento 4- Revolta Ludita (apresentação do século XIX)

“A revolução Industrial significou desenvolvimento económico, mas os custos sociais e ambientais foram elevados”.



Documento 5- Crianças operárias



Documento 6- Cidades negras

**Cotações
Iluminismo**

1	
1.1.....	5 pontos
2.....	5 pontos
2.1.....	5 pontos

15 pontos

Despotismo Esclarecido

3.	
3.1.....	5 pontos

5

pontos

A Governação do Marquês de Pombal

4.1.....	5 pontos
4.2.....	5 pontos
4.3.....	5 pontos
4.4.....	10 pontos
5.....	10 pontos
6.....	20 pontos

55 pontos

Da Revolução Agrícola à Revolução Industrial

7.....	5 pontos
8.	
8.1.....	5 pontos
9.....	15 pontos

25 pontos

Total.....100 pontos

Anexo VI- Teste de Avaliação Adaptado

Ficha de Avaliação de História

Nome | _____ N° | _____

Ano/Turma | _____ Data | _____



Ano Letivo 2016/2017
3º Período

LÊ ATENTAMENTE O ENUNCIADO ANTES DE COMEÇARES A RESPONDER

Todas as questões deverão ser respondidas na folha destinada à execução da prova de forma clara e completa.

Iluminismo

Nos séculos XVII e XVIII, a Europa aprofunda os seus conhecimentos científicos e renova a mentalidade e as suas ideias políticas, sociais e culturais.

2. Lê com atenção o documento 1.

[...] Existem apenas dois caminhos ou método para chegar à verdade científica. O primeiro parte das sensações e dos fenómenos particulares e tenta chegar de uma só vez aos princípios ou leis gerais. **O segundo parte da observação dos fenómenos particulares, mas percorre o caminho muito mais lentamente, numa marcha gradual, sem saltar qualquer degrau, até chegar as conclusões gerais. Este último é o único método verdadeiramente eficaz e nunca foi praticado até hoje.** [...]

Francis Bacon, *Novum Organum*, 1620

1.2. Identifica o método a que o autor do documento 1, se refere na frase destacada.

2. Completa a frase com o conceito de Iluminismo.

Seleciona apenas as ideias corretas da caixa.

Desigualdade
Atraso
Felicidade
Cultural
Europa
XV
Liberdade
Económico
XVIII
Igualdade
Progresso
Infelicidade
América
Político

O Iluminismo foi um movimento____, _____, filosófico e social, que decorreu na _____, durante o século____. Defendia valores como a _____, a _____, o racionalismo e o _____, como únicos meios para se atingir a _____ humana.

2.1. Refere três meios utilizados na divulgação das ideias iluministas.

A Governação do Marquês de Pombal

3-Lê, com atenção, o documento 2.

O marquês de Pombal controlou não só a governação, mas, igualmente, a totalidade do país, aniquilando¹ toda e qualquer veleidade² de oposição, incluindo a do próprio rei que mostrava escassos talentos governativos. (...)

A. H. de Oliveira Marques, *História de Portugal*.



¹ destruindo

² capricho

3.1. Identifica o rei português mencionado no documento 1.

3.2. Identifica os grupos sociais que tiveram a coragem de se opor ao Marquês de Pombal.

3.3. Refere quais as novas instituições criadas pelo Marquês de Pombal, com o objetivo de reforçar o Poder do Estado.

1. O Marquês de Pombal tinha vivido alguns anos no estrangeiro e contactado com realidades políticas diferentes - era um estrangeirado.
2. D. José I praticava o despotismo esclarecido, isto é, o rei era detentor de um poder absoluto, deveria exercê-lo de uma forma esclarecida e racional, tendo em vista o bem-estar do povo.
3. D. José I era o primeiro-secretário do Marquês de Pombal.
4. Foi no reinado de D. José I que Portugal viveu o terrível terramoto de 1755.
5. O terramoto de 1755 obrigou à reconstrução de toda a baixa de Lisboa, que ficaria conhecida como baixa pombalina.
6. Na reconstrução dos edifícios foi aplicado o sistema antissísmico conhecido por jaula.

4. Lê, com atenção, as frases e seleciona com um círculo as que consideras verdadeiras.

5. Observa os documentos 3 e 4.



5.1. Refere quatro características do urbanismo pombalino.

Da Revolução Agrícola à Revolução Industrial

6. Refere algumas inovações agrícolas impostas pela Inglaterra.

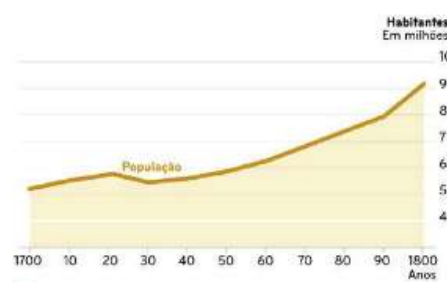
7. Observa o documento 5.

7.1. Refere:

- O comportamento da população
- Quais as razões que estão na ordem desse comportamento

8. Observa atentamente o documento 6.

8.1. Partindo da análise do documento 6, explica o que foram as revoltas luditas?



Cotações

Iluminismo

1	
1.1.....	5 pontos
2.....	10 pontos
2.1.....	5 pontos

20 pontos

A Governação do Marquês de Pombal

3.	
3.1.....	5 pontos
3.2.....	10 pontos
3.3.....	10 pontos
3.4.....	20 pontos
4.....	10 pontos
5.	
5.1.....	10 pontos

55 pontos

Da Revolução Agrícola à Revolução Industrial

6.....	10 pontos
7.	
7.1.....	5 pontos

15 pontos

Total.....100 pontos

**Anexo VII- Tabelas de tarefas desenvolvidas no Colégio Bissaya Barreto
(1º Período)**

20 de setembro de 2016	Sumário: Distribuição dos trabalhos
22 de setembro de 2016	Sumário: Aula assistida 8ºY
26 de setembro de 2016	Sumário: Aula assistida 8ºX
28 de setembro de 2016	Sumário: Apoio ao Estudo ao 6ºY+ almoço
29 de setembro de 2016	Sumário: Seminário Aula assistida no 8ºY
3 de outubro de 2016	Sumário: Aula lecionada pela Dorisa no 8ºX
6 de outubro de 2016	Sumário: Seminário Aula assistida no 8ºY
10 de outubro de 2016	Sumário: Aula da Dorisa no 8ºX
13 de outubro de 2016	Sumário: Seminário Aula assistida no 8ºY Sessão Parlamento Jovem
17 de outubro de 2016	Sumário: Aula da Dorisa no 8ºX
18 de outubro de 2016	Sumário: Aula da Dorisa no 7º X
20 de outubro de 2016	Sumário: Seminário Aula assistida no 8º Y

	Sessão Parlamento Jovem
24 de outubro de 2016	Sumário: Aula assistida no 8°X
27 de outubro de 2016	Sumário: Seminário Aula assistida no 8°Y Sessão do Parlamento Jovem
31 de outubro de 2016	Sumário: Aula assistida no 8°X
3 de novembro de 2016	Sumário: Visita de estudo a Conimbriga com 8°X, Y, e 7°X
7 de novembro de 2016	Sumário: Aula assistida no 8°X
8 de novembro de 2016	Sumário: Aula sobre uma memória do Holocausto ao 9°X Seminário Apoio ao estudo 6°X ano + almoço
9 de novembro de 2016	Sumário: Aula assistida no 8°Y
10 de novembro de 2016	Sumário: Apoio ao teste 6°X, Y (Dorisa)
14 de novembro de 2016	Sumário: Aula assistida no 8°X
15 de novembro de 2016	Sumário: Aula assistida no 7° X
17 de novembro de 2016	Sumário: Seminário Palestra sobre a “Doença de Alzheimer” Aula lecionada pela Dorisa no 8°Y
21 de novembro de 2016	Sumário: Aula lecionada pela Dorisa no 8°X

22 de novembro de 2016	Sumário: Aula assistida no 7ºX
24 de novembro de 2016	Sumário: Seminário Aula assistida no 8º Y
28 de novembro de 2016	Sumário: Aula lecionada pela Dorisa 8ºX
29 de novembro de 2016	Sumário: Apoio ao teste ao 7ºX
30 de novembro de 2016	Sumário: Seminário Apoio ao estudo ao 6º Y + almoço
2 de dezembro de 2016	Sumário: Apoio ao teste do 6º X,Y
5 de dezembro de 2016	Sumário: Aula assistida no 8ºX
12 de dezembro de 2016	Sumário: Apresentação da Restauração da Independência ao 5ºX, Y e ao 6º X, Y
15 de dezembro de 2016	Sumário: Seminário Aula assistida no 8º Y

Anexo VIII- Tabela de Tarefas desenvolvidas no Colégio Bissaya Barreto (2º Período)

5 de janeiro de 2017	Sumário: Seminário: Distribuição de tarefas pelos estagiários Aula assistida no 8ºY
9 de janeiro de 2017	Sumário: Aula assistida no 8ºX (com as supervisoras da Faculdade)
12 de janeiro de 2017	Sumário: Seminário Aula assistida no 8º Y (com as supervisoras da Faculdade)
16 de janeiro de 2017	Sumário: Aula assistida da Dorisa no 8º X (com as supervisoras da Faculdade)
18 de janeiro de 2017	Sumário: Seminário com as supervisoras da Faculdade (Análise e crítica das aulas assistidas)
19 de janeiro de 2017	Sumário: Aula assistida no 8ºY
23 de janeiro de 2017	Sumário: Aula assistida no 8ºX
25 de janeiro de 2017	Sumário: Seminário
26 de janeiro de 2017	Sumário: Aula da Dorisa no 8ºY (aula com o tema da Tese)
31 de janeiro de 2017	Sumário: Aula ao 7ºX (entrega de matriz e resolução de uma ficha de trabalho).
2 de fevereiro de 2017	Sumário: Seminário Aula assistida no 8ºY
6 de fevereiro de 2017	Sumário: Aula da Dorisa no 8º X

7 de fevereiro de 2017	Sumário: Apoio aos testes no 7° X
9 de fevereiro de 2017	Sumário: Apoio aos testes do 6°X (Dorisa) Apoio a professora Joana no 5°Y Aula assistida no 8°Y
13 e fevereiro de 2017	Sumário: Aula assistida no 8°X
15 de fevereiro de 2017	Sumário: Apoio ao estudo no 6°Y + almoço Seminário Participação na competição distrital do concurso do Parlamento Jovem.
16 de fevereiro de 2017	Sumário: Assistência a professora Joana no 5°Y Aula assistida no 8°Y
20 de fevereiro de 2017	Sumário: Aula assistida 8°X
22 de fevereiro de 2017	Sumário: Apoio para o teste a alunos do 8°Y Seminário
23 de fevereiro de 2017	Sumário: Aula Assistida no 8°Y
3 de março de 2017	Sumário: Aula assistida no 8°X (Substituição na aula de Português, ausência da docente de Português que foi para Mérida) Aula assistida no 8°Y
6 de março de 2017	Sumário: Aula assistida no 8°X Reunião de conselho de turma sobre as notas intercalares (8°X e 8°Y)
8 de março de 2017	Sumário: Apoio ao estudo ao 6°Y + almoço

9 de março de 2017	Sumário: Aula da Dorisa no 8ºY
13 de março de 2017	Sumário: Aula assistida no 8ºX
14 de março de 2017	Sumário: Apoio ao teste no 7ºX
15 de março de 2017	Sumário: Seminário Apoio ao Estudo ao 6ºY+ almoço
16 de março de 2017	Sumário: Aula da Dorisa no 8ºY
20 de março de 2017	Sumário: Aula assistida no 8ºX
21 de março de 2017	Sumário: Aula da Dorisa no 7ºX
22 de março de 2017	Sumário: Esclarecimento de dúvidas para o teste ao 8ºX Seminário
23 de março de 2017	Sumário: Aula assistida no 8ºY
27 de março de 2017	Sumário: Aula assistida no 8ºX
29 de março de 2017	Sumário: Esclarecimento de dúvidas para o teste ao 8ºY
30 de março de 2017	Sumário: Aula assistida no 8ºY
3 de abril de 2017	Sumário: Aula assistida no 8ºX

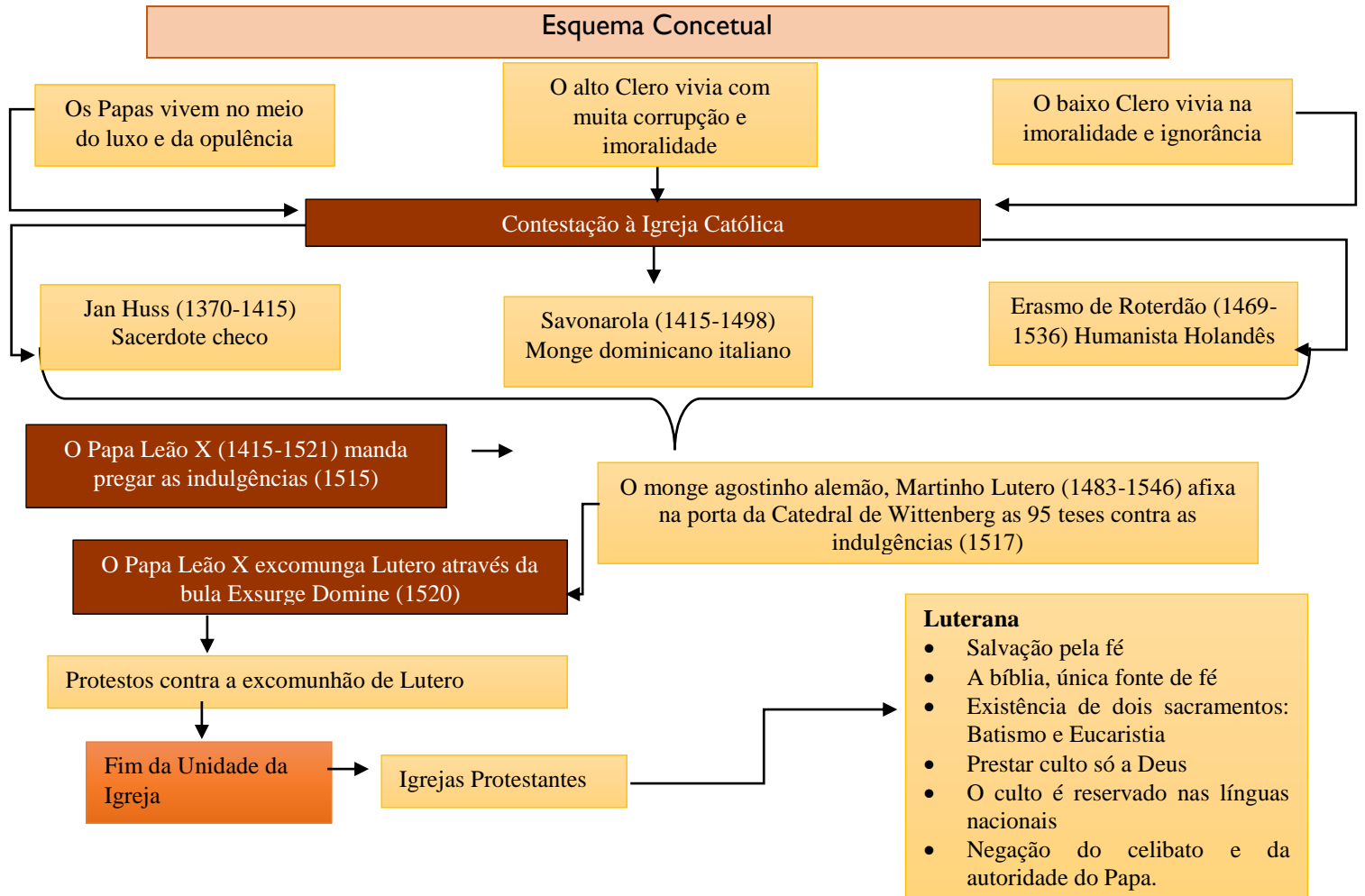
**Anexo IX- Tabela de tarefas desenvolvidas no Colégio Bissaya Barreto
(3º Período)**

20 de abril de 2017	Sumário: Aula assistida no 8ºY Apoio ao estudo no 6ºX
21 de abril de 2017	Sumário: Aula de substituição no 7ºX + almoço
24 de abril de 2017	Sumário: Aula da Dorisa no 8ºY
26 de abril de 2017	Sumário: Apoio ao estudo no 6ºY + almoço Seminário
27 de abril de 2017	Sumário: Aula assistida no 8ºY (com as supervisoras da Fluc)
3 de maio de 2017	Sumário: Seminário
4 de maio de 2017	Sumário: Aula da Dorisa no 8ºY
8 de maio de 2017	Sumário: Aula assistida no 8ºX (Com as supervisoras da Fluc)
9 de maio de 2017	Sumário: Aula da Dorisa no 8ºX
10 de maio de 2017	Sumário: Seminário
11 de maio de 2017	Sumário: Aula assistida no 8ºY
15 de maio de 2017	Sumário: Aula da Dorisa no 8ºX (com as supervisoras da Fluc)

17 de maio de 2017	Sumário: Seminário Apoio para o teste no 8°X
18 de maio de 2017	Sumário: Aula assistida no 8°Y Apoio ao Estudo ao 6°Y (aula com a enfermeira sobre os problemas na coluna)
22 de maio de 2017	Sumário: Aula assistida no 8°X
24 de maio de 2017	Sumário: Realização de atividades para as férias em julho Apoio para o teste no 8°Y
25 de maio de 2017	Sumário: Apoio aos testes no 8°Y
29 de maio de 2017	Sumário: Aula assistida no 8°X (com as supervisoras da Fluc)
30 de maio de 2017	Sumário: Vigilância aos testes no 7°X ano
31 de maio de 2017	Sumário: Seminário
5 de junho de 2017	Sumário: Aula da Dorisa no 8°X

Anexo X- Plano de Aula

Domínio: Expansão e mudança nos séculos XV e XVI	
Subdomínio: Renascimento, Reforma e Contrarreforma	
Ano: 8º X,Y	
Aula:	Sumário: A Igreja Católica em Crise A Reforma Protestante
Tempo: 90 minutos	
Data:	



Conceitos

- Indulgência
- Reforma
- Heresia
- Excomunhão
- Dogma

Pré-requisitos

- Renascimento
- Antropocentrismo
- Utopia
- Mecenas
- Humanismo
- Espírito Crítico
- Heliocentrismo
- Classicismo
- Naturalismo

Questões-chave

- Quem terá sido Lutero?
- Que razões terão levado à crise da Igreja?
- Qual terá sido a principal consequência dessa crise?

Metas e descritores de aprendizagem

- Identificar os fatores que estiveram na base de uma crise de valores no seio da Igreja e da crescente contestação sentida, sobretudo no início do século XVI.
- Relacionar o espírito e os valores do Renascimento com as críticas à hierarquia e com o apelo ao retorno do cristianismo primitivo.
- Descrever a ação de Martinho Lutero como o decisivo momento de rutura no seio da cristandade ocidental.

Estratégias de ensino-aprendizagem

A aula inicia-se com a redação do sumário. Este conterà os conteúdos a ser desenvolvidos na presente aula.

De seguida, através do diálogo vertical realizaremos uma recapitulação dos conteúdos temáticos do Renascimento e a formação da mentalidade moderna. Esta revisão servirá como uma introdução para o tema que irá ser estudado de seguida. Nessa linha de seguimento os discentes serão questionados sobre quem foram os humanistas e a sua importância, sendo ainda interrogados sobre qual o humanista que estudaram anteriormente, que se destacou por tecer críticas à sociedade do seu tempo. Após, os discentes chegarem à resposta, ou seja, que reconheçam que foi Erasmo de Roterdão, será pedido a um aluno que leia o documento I, projetado, e que constará no presente PowerPoint. A leitura será feita por parágrafos a fim de clarificar possíveis palavras que os discentes não entendam o seu significado. Nesse documento há referência a dois autores, e será lido com a ajuda dos alunos identificados.

As primeiras palavras foram professadas por Savonarola, que refere que o rebanho de Cristo foi abandonado pelos Papas e pelos padres, estando estes ocupados no aumento do seu património. Será explicado aos alunos que este tipo de crítica não foi bem aceite pela Igreja, acabando este por ser considerado herege. Face à referência da palavra herege é necessário dar a conhecer aos discentes o seu significado.

O objetivo da leitura do documento I, é dar a conhecer o ambiente de pecado vivido no mundo cristão, que contribuiu para que nasça atitudes de revolta por parte dos mais devotos.

Outro aspeto, que põe em questão a autoridade das ideias da Igreja é o papel inovador de Wycliff, ao afirmar que as escrituras estão bem claras, não sendo necessário o comentário da Igreja para que os fiéis entendam as mesmas. Para isso é fundamental explicar que este foi um teólogo que percebeu que as sagradas escrituras estavam perfeitamente claras, não sendo necessário a interpretação de padres e do Papa. A fim de ver qual o contributo deste, será lido o documento 2. A leitura será feita nos moldes da exploração do documento I. Para concluir este início da matéria será projetado um esquema que contém estas ideias, sendo explicado pela docente a última razão que durante anos, desprestigiava a igreja católica.

Como referi anteriormente foram vários os que criticaram as velhas estruturas da Igreja, destacando-se um monge da ordem dos agostinhos que teve um papel importantíssimo. Nesse sentido, os alunos serão questionados sobre a identidade de Martinho Lutero, tendo como objetivo averiguar os seus conhecimentos tácitos. A partir da exploração dos seus conhecimentos tácitos, a docente passará a referir muito

brevemente quem foi Martinho de Lutero, pois mais a frente será explicado em maior detalhe aspetos da sua vida.

Para a consciencializar os alunos de quem foi Martinho Lutero, e do mundo vivido no seu tempo, serão visualizadas várias partes do filme *Luther*. Antes da visualização será entregue um guião de exploração, que contém algumas questões orientadoras fundamentais. Primeiramente será feita uma visualização integral, e de seguida, em partes, a fim de os alunos reterem todas as ideias necessárias. Após esta última visualização será dado algum tempo para que os discentes terminem de responder às questões em falta, e de seguida passaremos à correção e exploração de algumas conclusões obtidas durante a visualização que serão imprescindíveis para a compreensão da restante matéria.

Após esta visualização, os alunos já conseguem traçar um perfil de quem foi Martinho Lutero, e do seu percurso. A fim de verificar os passos seguintes que este dá será analisada uma cronologia existente no manual escolar relativa à ação deste monge.

De seguida, é fundamental fazer a pergunta “como é que este então manifesta a sua revolta?” Com base no documento 4, presente no PowerPoint, será pedido a um aluno que explore a imagem. Na imagem temos Lutero a afixar as 95 teses contra as indulgências. É fundamental esclarecer que dia 31 de outubro de 1517, Lutero afixa as suas famosas indulgências, na qual impõe vastas críticas à conduta papal, e ainda aqueles que acreditam nas suas palavras. Nesta parte da matéria é fundamental esclarecer o que é uma indulgência, e como foi orquestrado a imposição das mesmas, referindo qual o objetivo do Papa com a imposição deste negócio.

Após estes esclarecimentos de conceitos, foi pedido a vários alunos que olhassem para debaixo das suas secretárias e leem-se algumas das teses de Martinho Lutero. O objetivo desta atividade foi verificar quais as condutas impróprias levadas a cabo pelos membros da igreja, assim como quais os pontos que Lutero decide criticar.

Para terminar é fundamental esclarecer que toda esta ação de Martinho Lutero culminou na Reforma Protestante. Para elucidar os alunos do conceito partirei das ideias tácitas destes.

A aula termina com o esclarecimento dos conteúdos a ser lecionados na aula seguinte.

Como estratégia de remediação, os alunos deverão ler as páginas 78, 79 do manual escolar.

Como estratégia de enriquecimento devem assistir a um vídeo no YouTube, no link: <https://www.youtube.com/watch?v=wnJ8KCGqy24> que retrata os assuntos lecionados na aula.

Recursos

- Quadro branco
- Marcador
- Datashow
- Computador
- Manual
- Caderno diário
- Caneta, lápis, borracha

Instrumentos de Avaliação

Avaliação Formativa: participação, comportamento e empenho nas aulas.

Bibliografia

- Blainey, G.(2010). *Uma muito breve História do mundo* (1º ed.).Alfragide: Dom Quixote.
- Chaunu, P. (1975). *O Tempo das Reformas (1250-1550) II- A Reforma Protestante*. Lisboa: edições 70.
- Csiszar, S.A. (2015). *O livro de ouro sobre Martinho Lutero* (1ª ed.). São Paulo: Rising Stark Books.
- Jorge, Pe. M. (2016). *Doutrina Cristã escrita em diálogo para ensinar meninos* (1ª ed.). Lisboa: Paulus Editora.
- Gagbebin, L. *O Protestantismo* (1ª ed.). Lisboa: Instituto Piaget.

- Kung, H. (2012). *O Cristianismo Essência e História* (1ª ed.). Lisboa: Círculos de Editores.
- Lienhard, M. (1998). *Martim Lutero Tempo, Vida, Mensagem* (trad. 3ª ed.). São Leopoldo: Editora Sinodal.
- Livet, Georges e Mousnier, Roland (dir.)(1996) - *História Geral da Europa*, vol. 2, Lisboa, Europa-América.
- Lutero, M. (2004). *Os primórdios escritos de 1517-1519* (2ª ed.). São Leopoldo: Editora Sinodal e Portalegre: Concórdia Editora.
- Marques, J. G. B. (2002) *Ecumenismo Diálogo com os protestantes* (Iª Parte). Vila Viçosa: Régia Confraria de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa.
- Marques, J. G. B. (2002) *Ecumenismo Diálogo com os protestantes* (II Parte). Vila Viçosa: Régia Confraria de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa.
- Monge, R. (2016). *2000 mil anos de Papas de São Pedro a São Francisco* (1ª ed.). Alfragide: Leya.
- Neves, Pe. C. (2014). *Lutero Palavra e Fé* (1ª ed.). Lisboa: Editorial Presença.
- Neves, Pe. C. (2016). *Ler a Bíblia século XXI* (1ª ed.). Lisboa: Editorial Presença.

Reflexão Crítica

Anexo IX – Esquema das razões da crise da Igreja Católica

Por que razão terá a Igreja Católica entrado em crise no início do séc. XV?



Os Papas viviam no luxo e na ostentação sendo imitados por outros elementos do clero.



John Wyclif defende uma nova relação dos crentes com os escritos da Bíblia



Muitos elementos do clero adotavam comportamentos que não correspondiam às suas obrigações espirituais.



Nos finais do século XIV, a Igreja Católica dividiu-se na obediência a dois Papas.

Anexo XI- Descrição das partes visualizadas do filme *Luther*

Partes
Visualizadas
em Minutos

Numa primeira parte é possível visualizar Lutero, a fugir de uma tempestade, muito receoso de ser apanhado por um raio. Perante esse medo faz uma promessa, se for salvo que entra na vida religiosa. Assim, face a proteção da Santa, entra na vida religiosa. E é possível concluir essa ideia através da segunda cena.

1:11 min. –
1:44 min.

A segunda cena tem início em Elfurt, no ano de 1507, no qual Lutero irá celebrar a sua primeira missa. Nela contou com a presença do seu pai e toda a sua família. Na sua celebração, professa algumas palavras em latim, como era hábito dos padres naquela época, e perante o que pronuncia sente-se apavorado, acabando por derramar o vinho sobre a mesa da Sacristia. Nesta parte, retrata que após a celebração da missa, seu pai não espera para a festa que decorrerá de seguida, e Lutero tenta o convencer a ficar mais um pouco. Mas este muito chateado com o filho, dirige-lhe duras palavras como “foi a tua primeira missa, e estragaste tudo, - o pai ainda acrescenta - eu sempre lutei para que tivesses uma educação nobre, trabalhei muito nas minas para dar-te tudo o que nunca tive, e tu não cumpres a palavra de Deus, não honraste o teu pai e a tua mãe”.

1:45 min. –
7:08 min.

Após esta duras palavras dirigidas a Lutero, vemos Lutero sentado no chão atormentado, a falar sozinho, a entoando palavras como “deixa-me em paz Satanás, eu nunca disse que era bom, todo o mundo conhece os meus pecados, as minhas luxúrias eu peço perdão, vai embora e me deixa em paz. Nesse preciso momento, chega o seu superior, que se dirige a ele e lhe diz: discutir com o diabo nunca fez bem a ninguém, pois ele já tem muitos anos de experiência, e conhece todos os pontos fracos. Lutero perante isto responde que, tem muitos pecados para ser padre. O seu superior diz-lhe és muito duro contigo mesmo. Refere, que durante estes dois anos nunca ouvi nenhuma confissão interessante de Lutero. Lutero responde-lhe que vive em terror com medo do juízo final. E o seu superior diz-lhe: - achas que o ódio por ti mesmo te irá salvar? E perante isto, Lutero refere já pensaste que Deus não é justo, que nos fez manchados pelo pecado, que nos pune pelos nossos pecados, que nos condena com o fogo do inferno. Perante estas palavras Lutero refere: eu sei que sou mau por pensar assim. E acrescenta era melhor que não houvesse Deus, e o seu superior diz-lhe: que procuras Lutero? Face a esta questão Lutero responde procuro um Deus misericordioso, um Deus que possa amar, e ser amado. Nesse sentido o seu superior

dá-lhe uma cruz e diz para ele se voltar para Cristo e com ele repete uma espécie de oração: eu sou teu, salvei-me, e com estas palavras Lutero consegue acalmar o seu estado de angústia”.

Na terceira cena, presenciamos o momento no qual o superior da ordem dos agostinhos, está a falar com outro monge sobre a escolha de Lutero para ir a Roma anunciar a reforma dos agostinhos. Sendo, que o outro monge ainda refere que os irmãos estão satisfeitos pela escolha de Lutero em ir a Roma defender a reforma da respetiva ordem, acrescentando que também há outros que podiam desempenhar exemplarmente tal missão. Mas o superior dos agostinhos responde que a aposta em Lutero é uma mais valia, pois possui dois diplomas e boa aptidão para o direito.

7:12 min. -
8:00 min.

Na última cena vemos a chegada de Lutero a Roma. Na sua chegada, é rodeado de pessoas que entoam vozes como “devolve o meu dinheiro”, vê um padre a manter contato com uma prostituta e ambas a dirigir-se para um ambiente mais privado, ainda outra prostituta vem na direção de Lutero, e convida-o a entrar, na qual Lutero recusa de imediato. Outro aspeto, de destaque, é a pregação de venda de indulgências, em que se ouve estátuas de todos os santos favoritos, Santa Cecília, S. Paulo, S. João. Posteriormente, a cena continua a desenvolver-se dentro de uma igreja, e nela é possível verificar um número elevado de peregrinos, e ouve-se um pregador repetir com tom de voz acentuado “por aqui venha ver a cabeça de João Baptista”, “venha por aqui para encomendar uma missa para os mortos”, “continuem coloquem seu dinheiro na caixa”. Nesta cena, é possível ver Lutero a adorar a relíquias e a rezar, mas, um monge vendo a demora de Lutero na adoração, vem e retira-o dizendo-lhe que, chega já recebeste os teus 500 anos. Ainda nesta cena é possível visualizar um número crescente de pessoas a subirem as escadarias de uma Igreja e a rezarem, mas antes dos degraus da escada encontram-se três monges, que estavam encarregues de vender indulgências. Lutero dirige-se a estes e compra indulgências para o seu avô Henrique Lutero. Os monges entregam-lhe o dito documento, que comprova a aquisição de indulgências e ainda acrescentam “reze um pai nosso a cada escada e quando chegar ao topo a alma sai do purgatório em direção ao paraíso”. Lutero assim o fez, quando chega ao topo, olha para a quantidade de peregrinos que haviam seguido esta prática, e em tom de irritação amarrota o papel de indulgência que lhe foi concedido.

8:05 min. -
12:02 min.

Anexo XII- Questionário de visualização do filme *Luther*

Luther

Ficha técnica

Título: Luther **Realização:** Eric Till **Ano:** 2003 **Elenco:** Joseph Fiennes, Alfred Molina, Peter Ustinov

Duração: 124 minutos

Sinopse: Após quase ser atingido por um raio, Martinho Lutero (Joseph Fiennes) acredita ter recebido um chamamento. Assim decide ingressar num convento, mas logo fica atormentado com as práticas adotadas pela Igreja Católica naquela época. Após afixar na porta da Igreja de Wittenberg as suas 95 teses, Lutero passa a ser perseguido. Pressionado para que se redima publicamente. Porém, Lutero recusa-se a refutar as suas teses e desafia a Igreja Católica a provar que elas estão erradas e que estas contradizem o que está na Bíblia. Excomungado, Lutero foge e inicia a sua batalha, a fim de mostrar que seus ideais estão corretos e que eles permitem o acesso de todas as crentes a Deus.



Após a visualização das cenas responde as seguintes questões.

1ª Cena

1- Qual o acontecimento que contribui para que Lutero se torne padre?

2ª Cena

2- Qual a opinião do seu pai relativamente a esta decisão de tornar-se padre?

3- Como caracteriza o espírito de Lutero, relativamente a cena em que ele luta contra as ideias do diabo e considera-se um homem possuidor de muitos pecados para ser padre?

3ª Cena

4- Qual o lugar que Lutero é designado a ir pelos seus superiores a fim de desempenhar uma missão?

4ª Cena

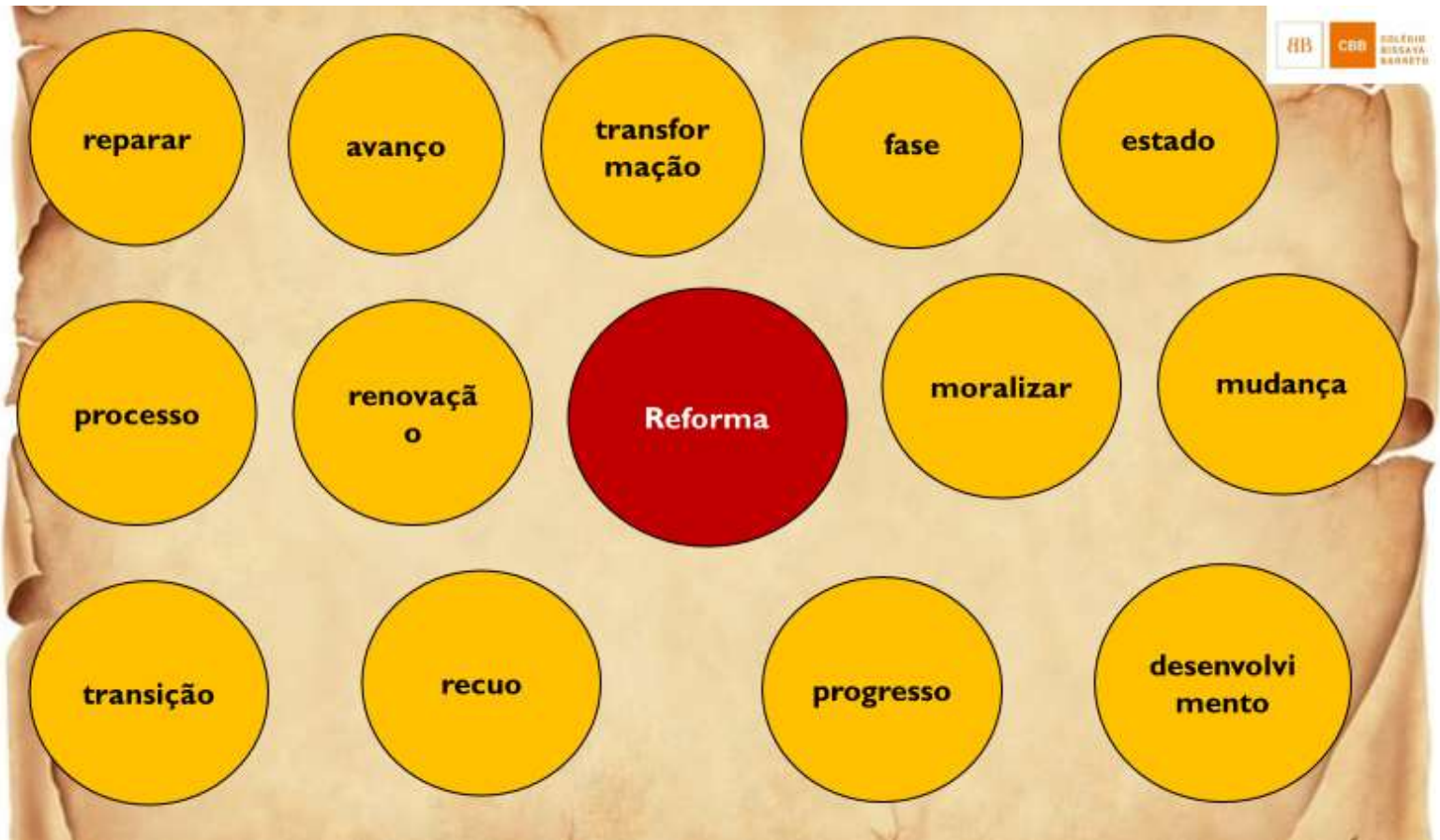
5- Qual o comportamento de alguns clérigos em Roma, aquando da chegada de Lutero?

6- Qual o acontecimento marcante em Roma, que visualizaste no filme, na qual uma personagem anuncia “por aqui a cabeça de João Batista”?

7- Quando Lutero dirige-se aos vendedores de indulgências, este recebe um papel, mas antes menciona o nome do seu avô (Henrique Lutero), e os monges dizem-lhe reze um Pai Nosso a cada grau e quando chegar ao último degrau estará livre do purgatório e entrada no paraíso, o que isto significa?

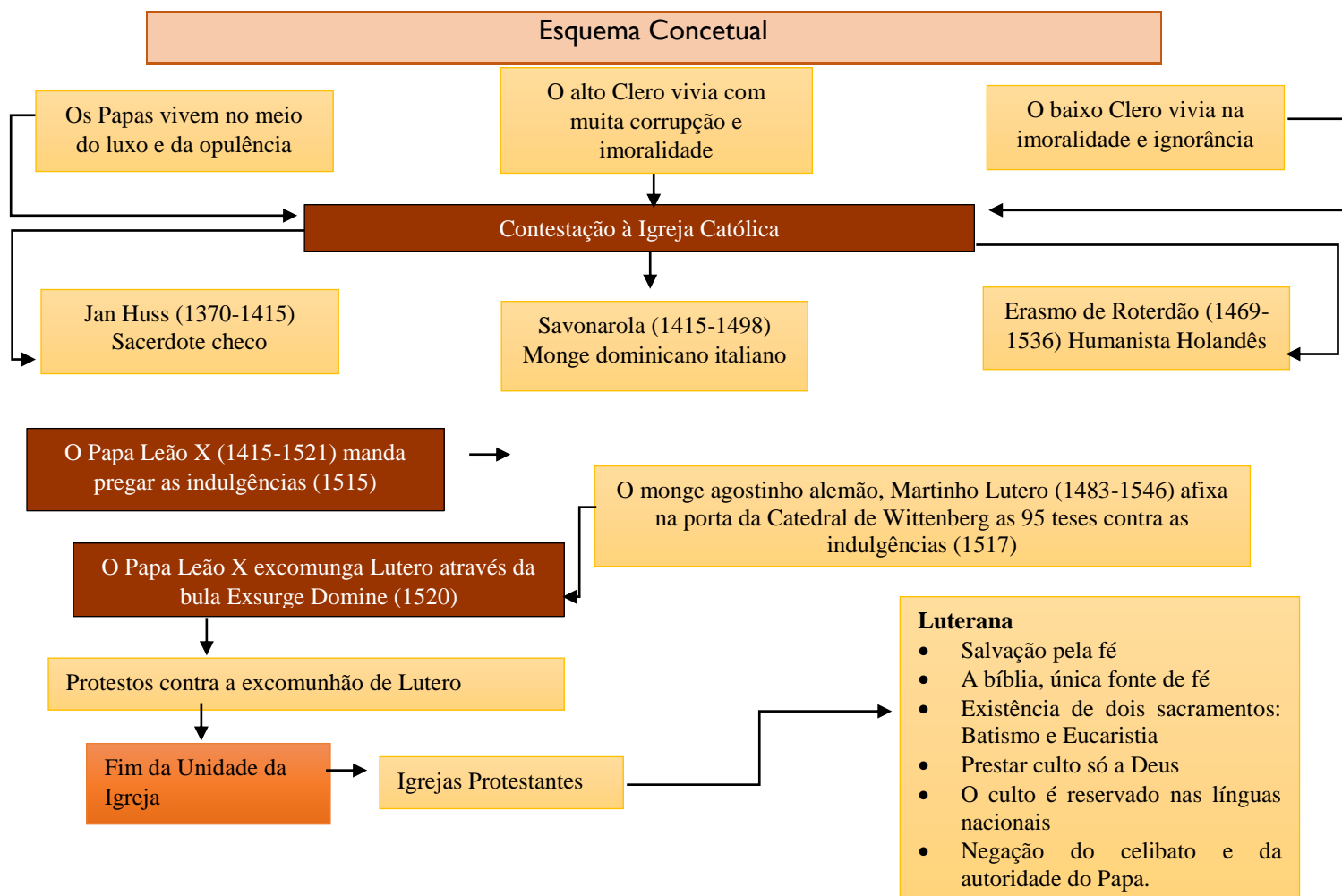
8- Perante estas práticas pelo clero como reage Lutero?

Anexo XIII- Exploração das Ideias Tácitas do conceito de Reforma



Anexo XIV- Plano de aula

Domínio: Expansão e mudança nos séculos XV e XVI	
Subdomínio: Renascimento, Reforma e Contrarreforma	
Ano: 8º X,Y	Sumário: Conclusão da aula anterior. A Igreja Luterana: Características.
Aula:	
Tempo: 45 minutos	
Data:	



Conceitos

- Cristão
- Católico
- Protestante

Pré-requisitos

- Renascimento
- Antropocentrismo
- Espírito Crítico
- Naturalismo
- Indulgência
- Reforma
- Protestantes
- Utopia
- Mecenate
- Heliocentrismo
- Heresia
- Excomunhão
- Dogma
- Humanismo
- Classicismo
- Cristão
- Católico

Questões-chave

- Que novas Igrejas terão surgido?
- Quais serão as suas características?

Metas e descritores de aprendizagem

- Caracterizar as principais igrejas protestantes (luterana, calvinista e anglicana).
- Identificar as principais alterações introduzidas no culto cristão pelo reformismo protestante.
- Relacionar o aparecimento e a difusão das igrejas protestantes com as condições e com as aspirações políticas, sociais e económicas da Europa central e do Norte.

Estratégias de ensino-aprendizagem

A aula iniciou-se com a recapitulação dos assuntos lecionados na aula anterior. Pegando no movimento de revolta de Martinho de Lutero, que surgiu com a afixação das 95 teses contra as indulgências na porta da catedral de Wittenberg, os alunos serão interpelados sobre qual foi a reação da Igreja, após ser feita uma leitura pausada e com paragens do documento 5, a fim de clarificar ideias e conceitos e dúvidas que possam surgir.

Nesse sentido, será dado a conhecer aos discentes o pedido de comparência em Roma pelo Papa a Lutero, e que o mesmo recusou, sendo também explicado que este pedido é feito através de uma bula, na qual o Papa pede a sua comparência em 60 dias sob a pena de excomunhão. Nesta linha de raciocínio é fundamental que seja dada a conhecer aos alunos a decisão de Lutero e para isso será analisado o documento 6, no qual é possível observar livros a ser queimados e a própria bula de excomunhão de Lutero. A conclusão que os discentes devem retirar é que em sinal de protesto Lutero queima a bula de excomunhão.

Após a exploração do documento, a docente interroga os alunos com a seguinte questão: “Será que a situação de Lutero fica por aqui?”

Partindo, da resposta dada pelos alunos, que será supostamente negativa, partiremos para a exploração de um novo documento, sendo que agora será analisada a visão do imperador perante as ideias defendidas por Lutero.

A leitura do documento será feita nos moldes anteriores. É fundamental que os alunos percebam que, apesar das ideias defendidas por Lutero, este não teve o mesmo destino trágico dos outros hereges, devido essencialmente à proteção de príncipes.

Chegando a esta parte da matéria, é fundamental traçar a distinção entre a igreja luterana e a igreja católica. Para a exploração dos pilares da Igreja católica será projetado um esquema mental interativo (criado numa ferramenta online em Exam Time) que contém os aspetos da mesma. Contudo, só será apresentado após os alunos referirem os vários aspetos, mais concretamente, como se obtém a fé, quantos sacramentos existem, culto que existe a algumas divindades. Este esquema conceptual será analisado por ramos, ou seja, por temas, de modo a ser consolidado o conhecimento dos alunos.

Para os alunos perceberem a diferença entre a igreja católica e a igreja luterana será analisada uma imagem na qual está representada o peso que os protestantes atribuem a Bíblia, enquanto que na parte respeitante a Igreja Católica temos representado o valor atribuído aos santos.

Por fim, será explorado um documento que contém um templo luterano, onde está representado os vários sacramentos que esta igreja considera válidos. Após estas conclusões retiradas, será explorado um esquema interativo semelhante ao anterior, mas agora com os aspetos relativos à igreja Luterana.

Os pilares de ambas as igrejas são distintos, assim como os seus interiores. Para posteriormente ser feita uma distinção da arquitetura de ambas as igrejas, será explorado com os alunos dois documentos, sendo que, um representa uma igreja católica- o documento I0, e o documento I1 um templo luterano.

Após esta análise do surgimento da igreja protestante, é necessário visualizar um mapa, onde é possível verificar o avanço das ideias luteranas noutros países. Na exploração do documento será analisado onde surgiu o movimento protestante, que é algo já estudado desde a aula anterior, e que se espera que os alunos já retenham, e a partir daí será observado no mapa os países que se tornaram luteranos. Também é fundamental destacar através deste mapa o surgimento de outras igrejas.

Por fim, mostrar-se-á um gráfico que representa o Cristianismo na Atualidade. Com este documento pretendesse que os alunos retenham qual a igreja que tem um maior número de seguidores e que identifiquem qual o valor percentual de luteranos assim como de outras igrejas que saíram deste movimento.

Estratégias de remediação e enriquecimento

Com estratégia de remediação, os alunos deveram ler as páginas do manual e fazer um resumo dos conteúdos ministrados nesta e na aula anterior.

Com estratégia de enriquecimento deverão procurar em casa países europeus que ainda são luteranos, fiéis a Igreja criada por Martinho Lutero.

Recursos

- Quadro branco
- Marcador
- Datashow
- Computador
- Manual
- Caderno diário
- Caneta, lápis, borracha

Instrumentos de Avaliação

Avaliação Formativa: participação, comportamento e empenho nas aulas.

Bibliografia

- Blainey, G.(2010). *Uma muito breve História do mundo* (1º ed.).Alfragide: Dom Quixote.
- Chaunu, P. (1975). *O Tempo das Reformas (1250-1550) II- A Reforma Protestante*. Lisboa: edições 70.
- Csiszar, S.A. (2015). *O livro de ouro sobre Martinho Lutero* (1ª ed.). São Paulo: Rising Stark Books.

- Jorge, Pe. M. (2016). *Doutrina Cristã escrita em diálogo para ensinar meninos* (1ª ed.). Lisboa: Paulus Editora.
- Gagbebin, L. *O Protestantismo* (1ª ed.). Lisboa: Instituto Piaget.
- Kung, H. (2012). *O Cristianismo Essência e História* (1ª ed.). Lisboa: Círculos de Editores.
- Lienhard, M. (1998). *Martim Lutero Tempo, Vida, Mensagem* (trad. 3ª ed.). São Leopoldo: Editora Sinodal.
- Livet, Georges e Mousnier, Roland (dir.) (1996) - *História Geral da Europa*, vol. 2, Lisboa, Europa-América.
- Lutero, M. (2004). *Os primórdios escritos de 1517-1519* (2ª ed.). São Leopoldo: Editora Sinodal e Portalegre: Concórdia Editora.
- Marques, J. G. B. (2002) *Ecumenismo Diálogo com os protestantes* (Iª Parte). Vila Viçosa: Régia Confraria de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa.
- Marques, J. G. B. (2002) *Ecumenismo Diálogo com os protestantes* (II Parte). Vila Viçosa: Régia Confraria de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa.
- Monge, R. (2016). *2000 mil anos de Papas de São Pedro a São Francisco* (1ª ed.). Alfragide: Leya.
- Neves, Pe. C. (2014). *Lutero Palavra e Fé* (1ª ed.). Lisboa: Editorial Presença.
- Neves, Pe. C. (2016). *Ler a Bíblia século XXI* (1ª ed.). Lisboa: Editorial Presença.

Reflexão Crítica

Anexo XV- PowerPoint

5.2 Renascimento, Reforma e Contrarreforma



O tempo das Reformas religiosas



Dorisa Aguiar

Críticas à atuação da Igreja

Embora (o apóstolo Pedro) diga no Evangelho no seu divino Mestre: "Nós abandonamos tudo para te seguir", os papas pretendem aumentar o seu património em terras, cidades e impostos. (...)

Dignos rivais de príncipes, os soberanos pontifícios, cardeais e bispos nada mais fazem que alimentar-se. Deixam o rebanho de Cristo entregue a si mesmo. (1)

Vemos avançar para nós os prelados enfatuados de orgulho. Estão vestidos com os mais finos tecidos ingleses.

As mãos, carregadas de anéis valiosos, estão elegantemente colocadas na anca. Pavoneiam-se em cavalos de luxo e são seguidos de numerosa criadagem. (2)

(1) Savonarola, Sermão do Advento (1493)

(2) Erasmo, Elogio da Loucura



Heresia

Negação das verdades estabelecidas por uma Igreja.

A Igreja Católica acusou os Protestantes de hereges, já que estes negavam a existência de sete sacramentos ou que a salvação se obtinha pela fé e pelas boas obras.

Os hereges podiam ser expulsos, torturados ou mesmo condenados à morte. Os protestantes, por sua vez, também acusaram os Católicos de hereges.



Excomunhão

“uma pena, supõe a culpabilidade; e sendo a pena mais grave que a Igreja pode infligir, naturalmente supõe uma ofensa muito grave. Está destinada não tanto a castigar o culpado, mas para corrigi-lo e trazê-lo novamente ao caminho da retidão”.

O papel inovador de Wycliff

Wycliff, em 1378, afirma que as Escrituras são suficientes, que são bastante claras, que o comentário da Igreja não é necessário para o seu entendimento. Wyclif torna-se advogado dos primeiros grupos de leigos instruídos, capazes de uma leitura autónoma das Escrituras, num latim fácil, sem o comentário [...].

Pierre Chaunu, O Tempo das Reformas: 1250-1550. I. A Crise da Cristandade, Ed. 70, Lisboa, 1993, pp.222-223.

Por que razão terá a Igreja Católica entrado em crise no início do séc. XV?



Os Papas viviam no luxo e na ostentação sendo imitados por outros elementos do clero.



John Wycliff defende uma nova relação dos crentes com os escritos da Bíblia

Século XV
Crise na Igreja Católica



Muitos elementos do clero adotavam comportamentos que não correspondiam às suas obrigações espirituais.



Nos finais do século XIV, a Igreja Católica dividiu-se na obediência a dois Papas.

Martinho Lutero

- ❖ Nasceu em Eisleben no dia 10 de novembro de 1483
- ❖ Ingressou em Direito
- ❖ Acaba por entrar num convento por período experimental em 1505
- ❖ Em 1510 viajou a Roma e regressou profundamente dececionado com o clima de avareza e corrupção do alto clero.
- ❖ Criticou o comportamento imoral seguido por alguns elementos do clero.



Fundamentos da teologia de Lutero

- ❖ Entre 1511 e 1513 aprofundou os seus estudos bíblicos.
- ❖ Encontrou uma frase **“o justo viverá pela fé”**.
- ❖ Interpretou então que a fé e não as obras seriam o único instrumento de salvação.



Por que razão terá a Igreja Católica entrado em crise no início do séc. XV?



O Papa visto como um anti-Cristo vendendo indulgências para adquirir dinheiro para reconstrução da Basílica de S. Pedro.

Gravura de Lucas Cranach.



Venda de Indulgências.



Como se terá iniciado a divisão na Igreja?



Martinho Lutero afixa as "Noventa e cinco Teses contra as Indulgências" na porta da Catedral de Wittenberg, Alemanha, em 1517.



Martinho Lutero divulga junto da população as suas ideias sobre a religião.



As "Noventa e Cinco Teses" de Lutero encontram-se atualmente inscritas na porta da catedral de Wittenberg.

As teses de Lutero

Por amor da Verdade, as teses seguintes serão discutidas em Wittenberg, sob a presidência de Martinho Lutero.

6- O Papa não tem o poder de perdoar culpa a não ser declarando ou confirmando que ela foi perdoada por Deus; ou certamente, perdoados os casos que lhe são reservados. Se ele deixasse de observar essas limitações, a culpa permaneceria.

32- Estão condenados para sempre os que creem, por meio de cartas de indulgência, estar seguros da sua salvação.

36- Todo o cristão verdadeiramente arrependido tem plena remissão da pena e da falta; ela lhe é devida mesmo sem cartas de indulgência.

41- Deve-se pregar com muita cautela sobre as indulgências apostólicas, para que o povo não as julgue erroneamente como preferíveis às demais boas obras do amor.

43- Deve-se ensinar aos cristãos, que dando ao pobre ou emprestando ao necessitado, procedem melhor do que comprassem indulgências.

86- Por que é que o Papa, cuja a fortuna hoje é a maior do que a do rico Crasso, não constrói com o seu próprio dinheiro a menos esta basílica de São Pedro, ao invés de fazê-lo com o dinheiro dos pobres fiéis?

Martinho Lutero, As 95 Teses contra as Indulgências (1517)

Indulgência



As indulgências concediam o perdão das penas pelos pecados cometidos, a troco de dinheiro.

Consistia num dom ou graça concedida pela Igreja aos Cristãos, em troca da remissão dos pecados, que abreviavam a sua passagem pelo Purgatório e permitiam aceder mais rapidamente ao Paraíso.

Dogma

Designa, de acordo com a doutrina da Igreja, uma verdade imutável, revelada por Deus, que tem de ser professada, sem ser posta em dúvida.

A Condenação de Lutero pela Santa Sé

Erguei-vos, Pedro, [...]. Bem avisastes que viriam falsos mestres contra a Igreja Romana, para introduzir seitas ruinosas, atraindo sobre eles rápidas condenações. As suas línguas são de fogo, [...], cheias de mortal veneno. [...] No que se refere ao próprio Martinho, ó bom Deus, de que nos descuidamos ou o que deixamos de fazer? Nós a té lhe oferecemos um salvo-conduto e o dinheiro necessário para a sua viagem, apressando-o a vir sem medo e desconfiança [...] Se ele tivesse feito isso, estamos certos de que ele poderia ter mudado o seu coração e poderia ter reconhecido os seus erros. [...].

Leão X- Exsurge Domine (1520).

Qual a reação de Lutero face à pena de excomunhão emitida pelo Santo Pontífice?

Lutero queima publicamente os livros de direito canônico e a bula de excomunhão, 1557.



Qual terá sido a reação da Igreja Católica às propostas de Lutero?



Excomungado pelo Papa, Lutero queima a bula de excomunhão às portas da cidade de Wittenberg.

O imperador Carlos V responde a Lutero

É claro que um irmão está errado quando sozinho contradiz a opinião de toda a Cristandade que estaria errada desde há mil ou mais anos. Estou, pois, disposto a comprometer os meus reinos, o meu corpo, o meu sangue, a minha vida e a minha alma. Pois seria, uma vergonha para nós e para vós se, no nosso tempo e devido a desleixo nosso a simples aparência da heresia penetrasse no coração dos homens.

Carlos V, séc. XVI (adaptado).

Como se terá dado o triunfo do luteranismo?



Lutero recebe a proteção dos príncipes alemães e reúne junto de si outros reformadores, desenvolvendo uma nova doutrina.





Reforma

Movimento religioso iniciado pelo monge alemão Martinho Lutero, que defendia a renovação da Igreja, com vista a moralizar a vida do clero e a regressar à pureza do Cristianismo primitivo.

A Igreja Cristã passou a estar dividida em Igreja Católica e Igrejas Protestantes.

CUIDADO REFORMA



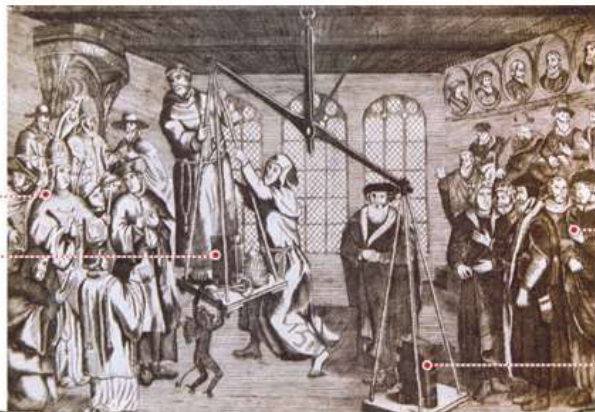
Protestante

Cristão que é fiel às novas Igrejas surgidas no século XVI.

O Peso da Bíblia, gravura da Propaganda do Protestantismo, 1562

papas, cardeais, bispos e monges em oração

os emblemas da Igreja Católica, como as chaves do Vaticano e a mitra (símbolo do poder espiritual do papa)



personalidades da Reforma Protestante, como Lutero e Calvino, entre outros

a Bíblia (a balança, apenas com o peso da Bíblia, pende para o lado dos protestantes)



Sermão de Martinho Lutero aos fiéis, anônimo, c.1561,
Museu Nacional da Dinamarca, Copenhaga.

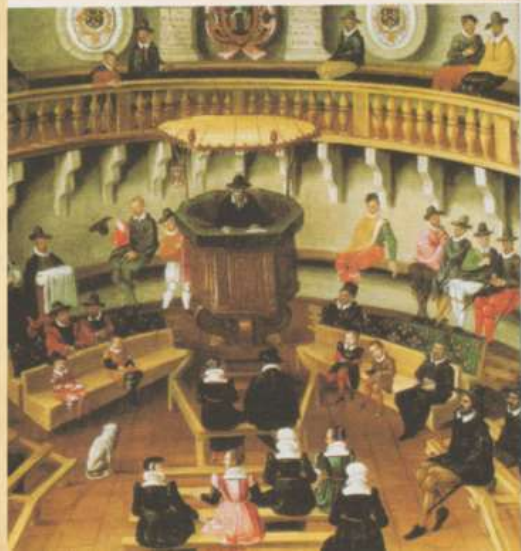
O luxo da Igreja

A decoração das igrejas (imagens, tapeçarias, objetos em ouro e prata contrastava com o ideal de pobreza evangélica proposto pelo Cristianismo primitivo.



Templo da Igreja Protestante (1561)

Sem imagens, toda a importância do culto recai na tribuna (no centro), de onde o pregador faz as orações, canta e lê os Evangelhos.



Sabias que...

O Cristianismo é dividido em 3 grandes ramos (católicos, ortodoxos e protestantes)

Os católicos formam o grupo mais numeroso dos cristãos (51%), seguidos dos protestantes (35%).

